



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI - UNIVATES
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, EXTENSÃO E PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO

**ENSINO RESSOCIALIZADOR: POTENCIALIZANDO ATITUDES
EMPREENDEDORAS NOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Thereza Denise Luna Parente Brasileiro

Lajeado, janeiro de 2020

Thereza Denise Luna Parente Brasileiro

**ENSINO RESSOCIALIZADOR: POTENCIALIZANDO ATITUDES
EMPREENDEDORAS NOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Taquari – Univates, como parte necessária dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ensino.

Orientadora: Profa. Dra. Jacqueline Silva da Silva

Lajeado, janeiro de 2020

*Dedico este trabalho àqueles que amo e que me
fazem sentir amada.*

AGRADECIMENTOS

*Às vezes, nossas palavras não bastam para expressar nossas emoções.
São impotentes para transmitir tudo o que a alma quer dizer.*
(BAKHTIN, 2003, p. 231)

A Deus, por estar sempre guiando meus passos e me iluminando.

Aos meus pais, Aide e Chico Parente (*in memorian*), fonte inesgotável de amor, que sempre estiveram presentes em todos os momentos da minha vida, incentivando e acreditando nos meus sonhos.

Ao meu esposo Carlos, pelo apoio e incentivo às minhas escolhas. O seu amor é um porto seguro para mim.

Aos meus amados filhos, Liv e Ian, pelo amor e carinho e, principalmente, por sonharem comigo a realização de uma etapa significativa da minha vida acadêmica.

À minha querida orientadora, Jacqueline Silva da Silva, pela orientação criteriosa, precisa e motivadora, fundamental para manter-me sempre firme em todas as etapas da construção desta pesquisa.

Aos professores, Marlise, Silvana e Rogério, pelas contribuições preciosas na banca de qualificação, que nortearam a concretização desta pesquisa.

À Professora Regina e aos alunos do 7º Ano do Colégio Ágape, personagens da pesquisa, pela aceitação da minha presença no cotidiano da sala de aula e por todos os aprendizados gerados a partir dos seus questionamentos.

Às minhas irmãs, Fabrícia e Graça, por compartilharem comigo conhecimentos e momentos especiais que foram fundamentais para a condução deste trabalho, tornando-se,

assim, pessoas iluminadas na minha vida.

À Clécia, minha irmã com quem Deus me presenteou, pela escuta e incentivo todos os dias ao longo do percurso da pesquisa e pelo companheirismo nos momentos em que mais precisei, assumindo muitas responsabilidades em minha ausência.

À minha amiga de vida, Mônica Siqueira, amiga de todos os momentos, a maior incentivadora, que me apresentou à UNIVATES. Seu apoio desde os primeiros desafios do processo seletivo para o ingresso no mestrado é inesquecível para mim.

Enfim, a todos que estiveram presentes nesta importante etapa da minha vida.

Obrigada!

RESUMO

A presente dissertação, que aborda a temática, a prática do Ensino Ressocializador na potencialização de atitudes empreendedoras nos alunos, objetivou investigar como o Ensino Ressocializador pode contribuir para o desenvolvimento de atitudes empreendedoras em alunos do 7º ano do Ensino Fundamental. O estudo foi realizado a partir da reflexão acerca da prática da professora de Língua Portuguesa do Colégio Ágape Estudos, situado na cidade de Crato-CE. Como percurso metodológico, optei pela abordagem qualitativa, realizando a análise documental, documentos relacionados à instituição pesquisada, fazendo uma aproximação da pesquisa-ação e do estudo de caso, usando a estratégia da escuta sensível dos participantes da pesquisa. Os dados foram coletados a partir de instrumentos como a entrevista, diário de campo e analisados tomando como base a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2012). Através de pesquisa bibliográfica, estudei a ressocialização como processo de ensino a fim de embasar o conceito de Ensino Ressocializador, bem como, o entendimento da professora acerca do referido ensino e de como as práticas desse ensino estão organizadas nos planos de aula. Apresento algumas definições, a contextualização e reflexões acerca de conceitos com foco no empreendedorismo, no papel e nas atitudes do docente e do aluno nessa construção de conhecimento. Também investiguei como as práticas de Ensino Ressocializador promovidas pela professora possibilitam atitudes empreendedoras nos alunos; como eles percebem essas práticas e de que forma a professora reage em relação às atitudes manifestadas por eles. A principal contribuição desse estudo no campo da educação está na importância da prática do Ensino Ressocializador para o processo de ensino e da humanização dos sujeitos e para a potencialização de atitudes empreendedoras nos alunos através das práticas de ensino. O ensino enquanto processo ressocializador traduz momentos significativos na história da escola, de tal forma que as intervenções são vistas e materializadas nas ações e falas dos alunos. Ao redimensionar o ensino, a professora busca desenvolver sujeitos empreendedores, criativos, determinados a mudanças, inovadores, a fim de descobrirem possibilidades significativas e criativas para o convívio cotidiano em sociedade.

Palavras-chave: Ensino Ressocializador. Práticas de ensino. Atitudes empreendedoras.

ABSTRACT

This dissertation addresses the theme of the practice of resocializing teaching in the potentialization of entrepreneurial attitudes in students. Aiming to investigate how Resocializing Teaching can contribute to the development of entrepreneurial attitudes in 7th grade rieu students, a study carried out based on the reflection on the practice of the Portuguese Language Teacher of the Agape Estudos College, located in the city of Crato-CE. In the methodological path I sought as a path the qualitative approach, performing the documentary analysis, documents related to the institution researched, making an approximation with the action research and the case study; using the strategy of sensitive listening of the research participants, the data were collected making use of which instruments and analyzed from an approximation of the content analysis technique proposed by Bardin(2012), I was able to investigate the object of Study. Through bibliographic research, I carried out the study on resocialization as a teaching process, I present the theoretical framework that underlies the concept about Resocializing Teaching, as well as the teacher's understanding of this teaching and how teaching practices are organized in their lesson plans. I present some definitions, contextualization and reflection about concepts that turn to entrepreneurship, the role and attitudes of the teacher and student in this construction of knowledge; as resocializing teaching practices promoted by the teacher enable entrepreneurial attitudes in students, how they perceive these practices and how the teacher is faced with the attitudes manifested by them. The main contribution of this study in the field of education is the importance of the practice of resocializing teaching for the teaching process, humanization of subjects and the enhancement of entrepreneurial attitudes in students through teaching practices. Teaching as a resocializing process translates significant moments in the history of the school, so that interventions are seen and materialized in the actions and statements of students. By resizing teaching, the teacher seeks to develop entrepreneurial subjects, creative, determined to change, innovative, in order to discover significant and creative possibilities for daily and in society.

Keywords: Resocializing Teaching. Teaching practices. Entrepreneurial attitudes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fachada do Colégio Ágape	30
Figura 2 - Espaços educativos do Colégio Ágape	31
Figura 3 - Planta baixa da sala de aula	33
Figura 4 - QR Code 1: Sala de aula	34
Figura 5 - Painel fotográfico da turma do 7º Ano	36
Figura 6 - Conteúdos Ressocializadores.....	47
Figura 7 - Proposta pedagógica do Colégio com as dimensões da ação educativa	50
Figura 8 - Ambientação da sala de aula.....	54
Figura 9 - Tarjetas com as respostas dos alunos.....	55
Figura 10 - Problematização do processo de produção do chá.....	56
Figura 11 - Atividade em grupo	59
Figura 12 - Atividade Kahoot.....	64
Figura 13 - Preparação do ambiente	67
Figura 14 - QR Code 2: Atividade com caixas.....	68
Figura 15 - Planejamento através do Canvas	73
Figura 16 - QR Code 3: Atividade com o Canvas	74
Figura 17 - Desenvolvimento da atividade com Canvas	74
Figura 18 - QR Code 4: Buscando soluções.....	75
Figura 19 - Demonstração dos copos	76
Figura 20 - Barraca para recebimento dos copos retornáveis.....	77
Figura 21 - Confecção da decoração das mesas	77
Figura 22 - Barraca da coleta seletiva	78

Figura 23 - Entrega dos resíduos ao Projeto Cultura Sustentável	79
Figura 24 - Planejamento da feira de trocas	86
Figura 25 - Moeda solidária.....	87
Figura 26 - Banco	88
Figura 27 - Montagem das araras	89
Figura 28 - QR Code 5: Organização do espaço para a feira	89
Figura 29 - Recepção aos participantes da feira	90
Figura 30 - Abertura da Feira	91
Figura 31 - Evento da Feira de Troca	92
Figura 32 - Apreciação do vídeo	95
Figura 33 - Elaboração do mapa dos sonhos	102
Figura 34 - QR Code 6: Apresentação dos alunos sobre a temática sonhos	103
Figura 35 - QR Code 7: Minha rua é um exemplo	105
Figura 36 - Canvas dos alunos Clarissa, Catarina e Larissa.....	106
Figura 37 - Canvas dos alunos Francisco, Pedro e Alisson.....	107
Figura 38 - Construção do protótipo	108
Figura 39 - Protótipos	108

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Apresentação de ideias	96
Quadro 2 - Ensino tradicional e ensino do empreendedorismo.....	97

SUMÁRIO

1 MINHA HISTÓRIA	12
2 PERCURSO DA INVESTIGAÇÃO	21
2.1 Determinando o percurso	21
2.2 O Contexto da pesquisa.....	30
2.2.1 O Colégio	30
2.2.2 A sala de aula: onde ocorreram as observações	33
2.2.3 A professora	34
2.2.4 A turma.....	36
3 COMPREENDENDO O ENSINO RESSOCIALIZADOR.....	39
3.1 Conceituando o Ensino Ressocializador	39
3.1.1 Reconhecimento e Reinvenção: princípios da ressocialização	42
3.1.2 Conteúdos ressocializadores	45
3.1.2.1 Concepções da professora sobre o Ensino Ressocializador	48
3.1.2.2 Conteúdos ressocializadores no contexto pesquisa.....	51
3.1.2.3 A interligação entre conteúdos ressocializadores verificados no plano de aula e na prática da professora investigada	64
3.2 Sou um agente de mudanças, sim! Por uma festa sustentável.....	71
4 PRÁTICAS RESSOCIALIZADORAS GERANDO ATITUDES EMPREENDEDORAS.....	80
4.1 Concepções acerca de empreendedorismo	80
4.2 Conteúdo educativo: Da ressocialização ao empreendedorismo.....	82
4.2.1 O grande dia: A Feira da Troca	90
4.3 Grupo de escuta: falas e reflexões	94
4.3.1 Alunos orientados a pensar e a criar o futuro: Sonhos	99
4.3.2 Empreendedorismo Social: ações capazes de mudar uma realidade.....	104
5 FIOS ENTRELACADOS: REFLEXÕES.....	Erro! Indicador não definido.
REFERÊNCIAS	1144

APÊNDICES	118
APÊNDICE A - Roteiro: 1ª Observação	119
APÊNDICE B - Roteiro: 2ª Observação.....	120
APÊNDICE C - Roteiro: 1ª Entrevista	121
APÊNDICE D - Roteiro: 2ª Entrevista	122
APÊNDICE E - Roteiro: 3ª Entrevista	123
APÊNDICE F - Termo de Anuência Institucional	124
APÊNDICE G - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) destinado a professora	125
APÊNDICE H - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) destinado aos responsáveis pelos alunos.....	127

1 MINHA HISTÓRIA

SOU FEITA DE RETALHOS

Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou. Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior. Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade... que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa. E penso que é assim mesmo que a vida se faz de pedaços de outras gentes que vão se tomando parte da gente também. E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados (...).

(CRIS PIZZIMENTI, 2013)

Somos feitos de retalhos com tamanhos, intensidade e textura variáveis; contudo, são eles que aperfeiçoam nossa história e nos apontam o jeito como tecemos nossa vida. Assim, somos responsáveis pelo que escolhemos, pelas cores e pelos sentidos que predominam e os tipos de desenhos que ficarão estampados nesses pedaços de história.

Como uma colcha, não podemos meramente tirar os retalhos de que não gostamos, pois farão falta, algo ficará incompleto; porém, podemos selecionar e colocar outros pedaços ao redor desses que nos desagradam, transformando, criando, construindo e reconstruindo até chegarmos ao desejável.

É importante lembrar constantemente que estamos tecendo, construindo nossos retalhos, pela condição de sermos seres humanos inacabados, conscientes da incompletude, em permanente movimento de busca do ser mais; como sujeitos cognoscentes, com características sociais, culturais e afetivas.

É difícil pensar o homem sem busca, da mesma forma, a busca sem mundo. O homem e o mundo, o mundo e o homem estão em constante interação; somente assim ambos podem

ser vistos, compreendidos, sem distorcê-los.

Neste contexto, como ser humano inacabado que sou, em meio aos retalhos da minha história de vida, a decisão de concretizar esta pesquisa, a partir de importantes vivências da minha história.

Foram proveitosos para o meu desenvolvimento pessoal e profissional os acontecimentos da minha infância. Cercada de encanto no lugar em que nasci, foi ali que aprendi parte do que hoje eu sei, inspirada pela beleza da natureza ao sopé da Chapada do Araripe, no Oásis do Sertão, na cidade da cultura, conhecida como Crato, localizada no estado do Ceará. Numa casa pequena, simples, porém recheada de criatividade, de ludicidade, acolhedora e frequentada por várias crianças.

Nesse ambiente, os espaços eram propícios para criar nossos modos de brincar. O quarto se transformava no trem fantasma; o quintal virava o palco para o show de talentos e apresentações teatrais, mas a brincadeira preferida era brincar de escolinha, onde eu assumia o papel de professora. Todo esse espaço era de experiência, de construção e de transformação. Neste lugar, cresci, sempre carregando em mim o desejo intenso de ser professora.

Concomitante a esse cenário, também foi importante para construção de vivências, a nossa fazenda, onde íamos aos finais de semana e nas férias, lugar onde passei boa parte da minha infância. Na fazenda, experimentei os melhores momentos da minha vida infantil. Terra banhada por inúmeras nascentes, onde o vento cantava no canavial embalando meus sonhos e fazendo-me imaginar estar num Conto de Fadas. Uma fazenda diferente pela história nela construída, lugar de encontros da família, de vida.

Neste universo, tive outro tipo de vivência no brincar. Diferente das minhas amigas, brinquei na terra, pulei na chuva, aprendi a andar a cavalo, tomei banho de cachoeira, pesquei peixinhos nos rios, fiz comidinhas em panelas de barro no “fogo de verdade”, dentre tantas outras brincadeiras. A qualidade dessas vivências na fazenda, desses momentos ressocializadores para além das dinâmicas e limitações que caracterizavam o tempo vivido na escola, promoveu em mim a autonomia de escolher os riscos e gerenciá-los. Aprender sobre eles aguçou minha criatividade, ensinou-me a ter mais capacidade de conviver com os outros.

A minha primeira experiência como “professora” aconteceu num dos momentos vividos na fazenda. Havia uma sala onde funcionava uma turma de alfabetização de jovens e

adultos que os colonos frequentavam no período da noite. Naquela época, nas férias, durante as brincadeiras, percebi que as crianças não sabiam sequer identificar uma letra do alfabeto ou escrever o próprio nome. Resolvi passar as férias ensinando-as, buscando “alfabetizá-las”.

Aquele universo, para mim, era fantástico. Reproduzia o que minha mãe fazia como professora. Cresci imersa nesse contexto, vendo-a planejar atividades, elaborar jogos, confeccionar painéis, organizar seu material para levar à escola.

Esse tipo de vivência ressocializadora e empreendedora foi contínua ao longo da minha infância. Talvez, pelo fato de ser filha de mãe professora, não faltaram, no ambiente da nossa casa, experiências que estimulassem minhas habilidades. Meus pais não investiam em brinquedos desnecessários; muito pelo contrário, me encorajavam a construir brinquedos, inventar brincadeiras desafiantes e prazerosas.

Recordo o dia em que ganhei um livro da minha mãe, que ensinava a fazer vários tipos de fantoches a partir de materiais recicláveis e papel machê. Passávamos dias experimentando e confeccionando personagens que logo depois fariam parte de um enredo criado por nós.

A euforia das minhas amigas ao se depararem com os meus novos brinquedos motivou-me a ensiná-las a fazer os fantoches e a montar um espetáculo teatral com venda de ingressos para nossas famílias e vizinhos. Até a chegada do grande momento, fomos desafiadas a planejar e a executar cada detalhe: confecção dos bonecos, criação do enredo, montagem do cenário, organização do espaço, feitura e venda de ingressos. O quintal da minha casa transformou-se num teatro, onde foi encenada a nossa primeira produção, intitulada, “A bruxinha boa”. Para nossa alegria, foram vendidos todos os ingressos.

A forma como minha mãe se relacionava comigo encorajava-me a tomar decisões, incentivava-me a ter ideias, a elaborar e a dar concretude aos meus desejos, gerando mudanças significativas na minha forma de pensar, de sentir e de agir.

Nesta trajetória, mergulhada no universo de uma mãe professora, sem que eu percebesse, a minha escolha profissional tinha sido despertada. A consequência dessas vivências, como é defendida na Pedagogia Empreendedora, levou-me a buscar e a experimentar a inovação, criar novidades, persistir, planejar e fazer com que as oportunidades se concretizassem, encorajando-me a criar caminhos e estratégias para a realização dos meus sonhos.

Ao concluir o Ensino Médio, fui convidada para trabalhar como voluntária numa sala de alfabetização, na função de professora auxiliar. A sala de aula funcionava no Centro de Estudos do Menor, cuja entidade mantenedora era a Fundação Padre Ibiapina, de caráter filantrópico, que atendia crianças de classes sociais desprovidas de recursos financeiros.

Lembro o quanto me incomodava o método de ensino utilizado pela professora regente daquela turma. O método de ensino era por memorização. As crianças não eram ouvidas; o centro do processo de ensino-aprendizagem era a professora; os alunos não tinham autonomia; as decisões eram tomadas pela professora e pelos gestores. As crianças eram meramente receptoras, com o agravante da ausência de uma relação afetiva entre professora e alunos. Compartilho a visão freiriana, que afirma que a atividade docente é uma experiência alegre por natureza e que ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

Aquelas crianças já vinham de uma vivência difícil e, quando chegavam à escola, não existiam situações de aprendizagem prazerosas; apenas copiavam tudo o que era ditado pela professora. Esse foi meu primeiro contato com uma sala de aula.

Em 1982, entrei no curso de Pedagogia para aperfeiçoar meus conhecimentos e também para, de fato, formar-me professora. No ano seguinte, fui selecionada para trabalhar numa escola da rede Privada de Ensino, assumindo uma sala de 1º ano do Ensino Fundamental. Viver esta experiência na escola ao mesmo tempo em que estudava propiciou-me experimentar situações de ensino-aprendizagem que colaboraram na aquisição de novos conhecimentos e no desenvolvimento das minhas competências e habilidades profissionais.

Em 1989, fui convidada pela diretora dessa escola para assumir a coordenação pedagógica do Ensino Fundamental. Ao aceitar o desafio, reconhecia meus limites, mas acreditava em algumas possibilidades, considerando as experiências anteriores. Entendia que esta função tem características próprias em cada instituição. Assim, com base nas experiências vividas e no papel e na função social do professor, dei os primeiros passos para a constituição de uma equipe que deveria ser concebida como mediadores. Portanto, entendia que ser coordenadora teria, pela própria essência da função, o papel de manter viva e em movimento a rede de conhecimentos, o que me exigia um nível de compromisso e de compreensão para além do dizer como algo deveria ser feito.

Desta forma, segui em constante aperfeiçoamento profissional. Busquei um Curso de

Especialização em Planejamento Educacional, que me possibilitou relacionar os conhecimentos à prática educativa escolar. Este curso me fez pensar a respeito das contribuições que eu poderia dar ao ensino, entre elas, propagar e incentivar a liberdade de expressão, de criação, de organização coletiva na escola; instigar a responsabilidade coletiva na atuação, transformando e buscando o desenvolvimento social; formar educadores inovadores que promovessem aulas criativas, dinâmicas e participativas, que facilitassem e potencializassem o aprendizado dos alunos, que estimulassem os indivíduos a estruturarem sonhos, a planejarem, a estabelecerem metas, a serem persistentes, proativos, solidários, humanizados, independentes e autoconfiantes.

Este curso, que me motivou a buscar uma nova experiência profissional, contribuiu para o desenvolvimento de um trabalho com mais autonomia, liberdade e inovação.

No ano de 1996, nasce o Colégio Ágape Estudos, instituição na qual sou gestora, justamente com esse desejo de investigar, de experimentar, de vivenciar algo diferente do que era vivido. Nesse mesmo ano, fiz uma imersão na Escola Anima e na Escola da Vila em São Paulo. Ambas as escolas trabalham com produção do conhecimento no espaço das relações de ensino e de aprendizado, num compromisso com a Educação e a Cultura, em harmonia com o que se desenvolve de mais avançado nas áreas de conhecimento pertinentes à Educação. O aluno é a razão de ser da proposta pedagógica, o que significa que cabe à Escola propiciar a construção do conhecimento, respeitando sua singularidade.

A relação de confiança entre os sujeitos da comunidade escolar é mútua. A identificação das famílias com os valores da Escola são fatores essenciais para a realização da proposta educacional. Além de investir na qualificação dos seus profissionais, buscam garantir condições de trabalho adequadas num espaço de trabalho democrático e participativo, onde diferentes competências suscitem uma dinâmica de troca produtiva.

Após essa experiência, reuni-me com a comunidade escolar do Colégio Ágape e iniciamos a construção da proposta pedagógica para a escola; uma proposta que estivesse pautada, principalmente, na humanização, na ressocialização, no desenvolvimento de atitudes empreendedoras e que trabalhasse a construção do conhecimento, sendo o aluno o centro do processo.

Hoje, como gestora dessa escola da rede privada de ensino, vivencio o exercício de uma Proposta Pedagógica que incorporou inovações. Uma proposta que é resultado da

vontade, do desejo; do compromisso político, ideológico, social e profissional da equipe pedagógica e do coletivo de professores e alunos, sendo a participação compreendida como princípio norteador, que não é apenas fazer parte, mas, sim, ser parte do processo, do pensar ao agir.

A perspectiva transformadora presente na escola está implicada numa concepção de ensino compreendida como processos de experiências de ressocialização. A ressocialização é um processo que ajuda na humanização, que provoca a evolução do homem, pois ele tenta aperfeiçoar as suas habilidades através da interação com o seu meio envolvente, recolocando os sujeitos em contestação com seu cenário cultural local, como a política, as transformações sociais, os costumes, a religião, as normas da comunidade, suas experiências anteriores, ajudando-os a questioná-las e transformando as formas de nos emocionarmos, de agirmos e de pensarmos.

Esse processo é dotado de múltiplas ações que ocorrem entre saberes, atitudes e sentimentos de um indivíduo ou de um grupo cultural com outras realidades, pessoas, culturas, resultando em novos conhecimentos e tornando os envolvidos mais socializados.

Não podemos construir conhecimento sem refletir a relação de convivência do homem com o mundo. As possibilidades de novos sentimentos, pensamentos, fazeres se dão a partir da construção de novos saberes, ideias de realidades opostas e vivências distintas. É na relação e na interação do indivíduo com o mundo, através de novas formas de convívio em sociedade, que a ressocialização acontece.

Ao buscar redimensionar o ensino, desejamos seres empreendedores, pensantes, criativos, determinados a mudanças, inovadores, a fim de descobrir possibilidades significativas e criativas de convívio cotidiano em sociedade. O ensino enquanto processo ressocializador traduz momentos significativos na história da escola, de modo que as intervenções geradas são vistas e materializadas nas ações e discursos dos alunos.

Posso dizer que o percurso da minha história de vida e das vivências pedagógicas foram cenários motivadores para a escolha deste objeto de pesquisa, conectados à compreensão do processo de ressocialização, à importância de perceber as possibilidades de gerar atitudes ressocializadoras e empreendedoras nos alunos, através das práticas de ensino.

Assim, a problemática central, que embasou este trabalho é: Como o Ensino

Ressocializador pode contribuir para o desenvolvimento de atitudes empreendedoras em alunos do 7º ano do Ensino Fundamental?

O objetivo geral foi investigar se o Ensino Ressocializador pode contribuir para o desenvolvimento de atitudes empreendedoras em alunos do 7º ano do Ensino Fundamental.

Relacionado ao objetivo geral, os objetivos específicos que me auxiliaram na busca de respostas ao problema desse estudo foram:

- Conhecer as concepções da professora a respeito do Ensino Ressocializador.
- Verificar quais as práticas de Ensino Ressocializadoras promovidas pela professora possibilitaram nos alunos do 7º ano atitudes empreendedoras.
- Perceber como os alunos do 7º ano compreenderam as práticas de Ensino Ressocializadoras, adotadas pela professora, e verificar se as atitudes empreendedoras foram manifestadas a partir desse ensino.

Expostos os objetivos, as questões que nortearam o desenvolvimento do presente trabalho foram as seguintes:

- Quais as concepções da professora sobre o Ensino Ressocializador?
- Como as ações de Ensino Ressocializadoras estão organizadas nos planos de aula da professora?
- Quais as práticas de Ensino Ressocializadoras promovidas pela professora possibilitaram nos alunos do 7º ano o desenvolvimento de atitudes empreendedoras?
- Como os alunos do 7º ano percebem as práticas de Ensino Ressocializadoras, adotadas pela professora e quais as atitudes empreendedoras manifestadas a partir desse ensino?
- Como a professora age às situações em que os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental manifestam atitudes empreendedoras?

Busco abordar, neste trabalho, a prática de Ensino Ressocializadora como uma ação

coletiva que pode contribuir para potencializar atitudes empreendedoras nos alunos, compreendendo que ensinar e incentivar ações empreendedoras nos alunos têm um significado motivador muito forte, que nos faz sentir que estamos tentando construir um mundo melhor. Nesse sentido, acredito que o ensino empreendedor é fundamental para a construção de sociedades mais conscientes, sustentáveis e flexíveis.

O trabalho está organizado em capítulos, assim distribuídos:

No capítulo 1, **Minha história**, discorro sobre minha caminhada para chegar a esta pesquisa, a justificativa da escolha da temática, a problemática da pesquisa, os objetivos, geral e específicos da investigação e as questões norteadoras deste estudo.

No capítulo 2, **Percurso da investigação**, apresento o percurso para desenvolver este estudo, a metodologia, o contexto onde se desenvolveu a pesquisa e os sujeitos participantes. Na seção 2.1, **Determinando o percurso**, detalho a metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa. A 2.2, que apresenta **O contexto da pesquisa**, é subdividida nas seguintes subseções: 2.2.1, **O colégio**; 2.2.2, **A sala de aula onde ocorreram as observações**. Nas seções 2.2.3, **A professora** e 2.2.4, **A turma**, exponho os motivos que me levaram à escolha da professora e da turma como participantes deste estudo.

No capítulo 3, **Compreendendo o Ensino Ressocializador**, apresento o referencial teórico que embasa o conceito de Ensino Ressocializador, bem como, o entendimento da professora a respeito do referido ensino e de como as práticas desse ensino estão organizadas nos seus planos de aula. Na seção 3.1, **Conceituando o Ensino Ressocializador**, abordo o conceito de Ensino Ressocializador que embasa esse estudo. Esta seção está subdividida nas subseções: 3.1.1 **Reconhecimento e Reinvenção: princípios da ressocialização**, onde são abordados os conceitos de reconhecimento e de reinvenção. Na subseção 3.1.2, **Conteúdos Ressocializadores**, apresento o conceito dos conteúdos: instrumental, educativo e operativo. Essa subseção se divide em outras três subseções: a 3.1.2.1, **Concepções da professora sobre Ensino Ressocializador**, na qual apresento o entendimento da professora sobre este ensino. A 3.1.2.1.2, **Conteúdos ressocializadores no contexto pesquisado**, na qual apresento como ocorre a interligação dos conteúdos ressocializadores no contexto da escola pesquisada. A 3.1.2.1.3, **A interligação entre os conteúdos ressocializadores verificados no plano de aula e na prática da professora investigada**, na qual apresento os conteúdos ressocializadores na prática de ensino da professora investigada, considerando a interligação

entre esses conteúdos, a fim de verificar como o conteúdo educativo escolhido anualmente é desenvolvido no referido contexto e como as ações de ensino ressocializadoras estão organizadas nos planos de aula da professora. **Na seção 3.2, Sou um agente de mudanças, sim! Por uma festa sustentável,** apresento a prática de Ensino Ressocializadora da professora, ao desenvolver com os alunos uma festa sustentável.

No capítulo 4, **Ensino Empreendedor**, discorro acerca dos conceitos de empreendedorismo e educação empreendedora na prática de ensino, como práticas de Ensino Ressocializadoras promovidas pela professora, que possibilitam atitudes empreendedoras nos alunos; como eles percebem essas práticas e de que forma a professora reage às atitudes manifestadas por eles. Na seção 4.1, **Concepções acerca de empreendedorismo**, discorro sobre concepções de empreendedorismo. Na seção 4.2, **Conteúdo educativo: Da ressocialização ao empreendedorismo**, apresento práticas de ensino ressocializadoras realizadas pela professora, que possibilitaram atitudes empreendedoras nos alunos do 7º ano. Na subseção 4.2.1, **O grande dia: A feira da troca**, relato como a professora organizou um evento que favoreceu a potencialização de atitudes empreendedoras nos alunos. Na seção 4.3, **Grupo de escuta: Falas e reflexões**, discorro a respeito de como os alunos percebem as práticas de ensino ressocializadoras desenvolvidas pela professora, observando as atitudes empreendedoras manifestadas por eles, a partir desse ensino.

E, no capítulo 5, **Considerações finais**, apresento o que a pesquisa permitiu perceber de acordo com os objetivos propostos ao longo desse estudo em torno do entendimento e da prática de Ensino Ressocializadora, o desenvolvimento de atitudes empreendedoras nos alunos, bem como, as contribuições da pesquisa para o enriquecimento das práticas de Ensino Ressocializadoras, desenvolvidas no Colégio onde sou gestora. Por fim, concluo com as referências, os apêndices e os anexos da pesquisa.

2 PERCURSO DA INVESTIGAÇÃO

Colcha de Retalhos

*No início, apenas retalhos, soltos, guardados antigos, Tempo de separar, cortar,
arrumar, E então escolho o centro: florido. Vou emendando um a um, cozendo,
Os pedaços vão formando um todo,
Que cresce dia após dia,
Dia após dia...*

(BAGIO, 2008)

A realização de um trabalho de pesquisa, assim como a confecção de uma colcha de retalhos, requer a combinação de retalhos, que deve ser estabelecida pelo investigador. Por melhor que seja a captação da realidade vivida, não é possível resignar-se a um retalho só, ou seja, uma única pequena informação. É a combinação de pequenos e variados tecidos que se juntam para serem costurados, que originam a colcha de retalho.

É sobre a junção harmônica de recortes de tecidos, que se unem formando um todo é que discorro neste capítulo, Percurso da investigação, explicando como foi construído o processo metodológico desse estudo.

2.1 Determinando o percurso

Assim como a costureira confecciona uma colcha de retalhos, para a construção desse estudo, foi necessário tecer ideias, traçar um caminho, reunir e unir os detalhes. No caso dessa pesquisa, como percurso metodológico, optei pela abordagem qualitativa, realizando, inicialmente, um levantamento bibliográfico, análise documental, aproximando-me da pesquisa-ação e do estudo de caso. Os instrumentos de coleta dos dados e o tipo de análise

orientaram a junção dos detalhes, que possibilitaram a investigação do objeto de estudo.

Objetivando investigar as concepções de uma professora do 7º Ano do Ensino Fundamental que trabalha com o Ensino Ressocializador e como ele pode contribuir para o desenvolvimento de atitudes empreendedoras em alunos do 7º ano, optei pela abordagem qualitativa, a qual possibilita o contato direto do pesquisador com o objeto a ser investigado. Trata-se de um fator determinante para a coleta de dados, uma vez que possibilita ao investigador a descrição da vivência exatamente como ela se apresenta no contexto natural.

(...) a pesquisa qualitativa envolve a detenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 13).

Assim, para investigar como o Ensino Ressocializador pode contribuir para o desenvolvimento de atitudes empreendedoras em alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, é necessário compreender as interações estabelecidas entre os sujeitos que fazem parte do contexto escolar pesquisado. Dessa forma, é indispensável que o pesquisador adentre o contexto natural estudado com o objetivo de estabelecer contato com os indivíduos, interagindo e observando suas vivências.

Objetivando viabilizar uma construção teórica aprofundada em relação ao fenômeno, realizei um estudo que abrange a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, tendo por base a análise de artigos publicados em periódicos científicos, livros e teses. Esta etapa proporcionou informações necessárias à elaboração do estudo para garantir a coerência das informações.

Segundo Deslauriers; Kérrisit (2010), na pesquisa qualitativa, a revisão bibliográfica induz o pesquisador a selecionar a fundamentação teórica. No decorrer da coleta de dados, a leitura promove o processo analítico. Ainda, a revisão bibliográfica auxilia nas explicações, na análise dos dados coletados e no estabelecimento de relações entre os dados, em distintos momentos.

Além do estudo bibliográfico, foi necessária a análise documental, uma técnica importante na pesquisa qualitativa, que, segundo Moreira (2005), consiste em identificar, verificar e apreciar os documentos com um objetivo específico. Nessa ocasião, utiliza-se uma fonte paralela e simultânea de informação para complementar os dados e permitir a contextualização das informações apresentadas nos documentos.

A análise documental extrai um reflexo objetivo da fonte original, bem como, permite a localização, a identificação, a organização e a avaliação das informações contidas no documento, além da contextualização dos fatos em determinados momentos.

Os planos de aula da professora foram analisados, por serem entendidos como documentos utilizados para orientar e executar suas aulas, bem como, refletirem a sua prática e a organização das suas ações e pensamentos. Esse documento me propiciou uma melhor compreensão da relação entre os planos e o ensino, como também permitiu, como pesquisadora, sugerir ações para o desenvolvimento de sua prática de ensino.

O estudo também se aproxima da pesquisa-ação, adequada à construção desta pesquisa, voltada à prática de uma professora, com foco no ensino ressocializador. A pesquisa-ação permitiu-me participar da ação dentro e fora da sala de aula, realizando intervenções na prática da professora.

Para Thiollent (2011), a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com função política, associada a uma ação em que os pesquisadores e os participantes representativos da situação estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo e as pessoas implicadas têm algo a ser dito ou feito, além da preocupação de que o conhecimento gerado não seja de uso exclusivo do grupo investigado.

Nesse contexto, Thiollent (2011) destaca também alguns aspectos principais da pesquisa-ação: explícita interação entre os pesquisadores e os indivíduos implicados na situação investigada; no decorrer do processo, há um acompanhamento das decisões, das ações e de toda atividade dos atores da investigação; não se limita a uma forma de ação, pretendendo aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento e a consciência das pessoas. Segundo o autor, a ideia de pesquisa-ação verifica um contexto conveniente quando os pesquisadores querem realizar investigações em que os sujeitos implicados expõem suas ideias e ações.

A estrutura de entendimento implícito à pesquisa-ação apresenta momentos de dedução e é adaptada por processos de argumentação ou de diálogo, cujo principal objetivo é fornecer ao pesquisador, melhores condições de entendimento, interpretação, análise e síntese do material qualitativo suscitado na circunstância investigativa.

A pesquisa-ação apresenta aspectos próprios de processos argumentativos, voltada

para a ação ou a resolução de um problema; porém, esta pesquisa está voltada para uma ação, a investigação de como o ensino ressocializador se dá na prática de uma professora e como esse ensino pode contribuir para o desenvolvimento de atitudes empreendedoras em alunos.

Adotando o pressuposto de que não há pesquisa-ação sem participação, Tripp (2005) enfatiza a importância da forma como os participantes são envolvidos e não para o fato de a pesquisa-ação envolver apenas pessoas. O pesquisador não atua só; assim, na pesquisa-ação, na relação entre o pesquisador e o pesquisado, é necessário o elemento de reflexão crítica e dialógica, conectado a outros indivíduos para quem a construção do conhecimento é uma prática.

Dessa forma, a aproximação com a pesquisa-ação oportunizou-me, como pesquisadora, participar dos acontecimentos, acompanhar as atividades realizadas com a turma do 7º ano através da observação participante, realizando entrevistas com a professora, verificando as situações de sua prática de ensino e, quando possível, propondo ações para o desenvolvimento de sua prática. Nesse sentido, Tripp (2005) comenta que a “pesquisa-ação é uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação com a qual se decide melhorar a prática.

Além da aproximação com a pesquisa-ação, também considero o trabalho uma aproximação com o estudo de caso, pois me oportunizou realizar a observação direta acerca do objeto de pesquisa, investigando os sujeitos em seu ambiente natural, explorando um único caso, a fim de aprofundar o conhecimento acerca da prática do Ensino Ressocializador.

De acordo com Yin (2005), o estudo de caso é adequado quando se deseja investigar o como e o porquê de eventos contemporâneos. O autor esclarece que o estudo de caso é uma investigação empírica que permite o estudo de um fenômeno dentro do próprio contexto da realidade, especialmente, quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão especificamente definidos. O contexto da realidade abordada pelo autor nesta pesquisa refere-se ao espaço escolar, precisamente, a sala de aula do 7º ano do Ensino Fundamental. Logo, o fenômeno que foi investigado está relacionado à contribuição do Ensino Ressocializador para o desenvolvimento de atitudes empreendedoras nos alunos.

Como **Instrumentos para a Coleta de Dados**, fiz uso da observação participante, do diário de campo, de entrevista semiestruturada, de fotografias e de filmagens.

As observações em sala de aula duraram 2 horas por dia, totalizando, semanalmente, seis horas. Permaneci no campo durante dois meses, totalizando 40 horas de observação. Segundo Marconi; Lakatos (2010), na observação participante, o pesquisador entra em contato com os membros do grupo pesquisado e participa das suas atividades.

Destaco que as observações ocorreram, primeiramente, através de uma ação espectadora, para, gradualmente, tornar-se participante, tendo em vista que as relações com os sujeitos envolvidos se tornaram mais próximas. Para a realização das observações, segui um roteiro estruturado nas duas primeiras observações, que foi organizado previamente (APÊNDICES A e B). As demais foram sendo adaptadas de acordo com as situações que surgiam no decorrer da pesquisa.

De acordo com Becker (1994), a **Observação Participante** consiste na coleta de dados a partir da inserção do pesquisador na rotina do sujeito ou na organização que está sendo investigada. A observação volta-se para a percepção das situações e ações do cotidiano do objeto de pesquisa, através do diálogo com alguns participantes ou com todos.

As ações, diálogos, escutas foram registrados no instrumento denominado **Diário de Campo**, cuja finalidade não é apenas o registro das estratégias metodológicas empregadas na condução do processo de pesquisa, mas também se constitui numa forma de compreender o objeto de estudo em suas variadas dimensões. Destina-se ao registro das informações captadas no momento das observações, elementos relacionados àquilo que se ouve, vê e experiencia no processo de trabalho de campo.

Além de ser utilizado como instrumento reflexivo para o pesquisador, o gênero diário é, em geral, utilizado como forma de conhecer o vivido dos atores pesquisados, quando a problemática da pesquisa aponta para a apreensão dos significados que os atores sociais dão à situação vivida. O diário é um dispositivo na investigação, pelo seu caráter subjetivo, intimista (MACEDO, 2010, p. 134).

Destaco que, no decorrer das observações, em alguns momentos, apresentei-me como observadora; em outros, participei das ações, para cujo registro fiz uso do diário de campo, necessário para registrar os dados coletados no percurso da pesquisa, no caso, as falas da professora e dos alunos, a fim de perceber como o Ensino Ressocializador se apresenta na prática da professora, bem como, as atitudes empreendedoras manifestadas através desse ensino, o que senti e o que vivenciei, de acordo com a minha percepção no período da coleta de dados. Esses registros foram importantes, pois me permitiram refletir sobre as vivências dos momentos de observação, da escuta e dos diálogos realizados. Em relação aos registros de

campo, Bogdan e Biklen (1994) apontam que:

(...) as notas de campo consistem em dois tipos de materiais. O primeiro é descritivo, em que a preocupação é captar uma imagem por palavras do local, pessoas, ações e conversas observadas. O outro é reflexivo – a parte que apreende mais o ponto de vista do observador, as ideias e preocupações (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 152).

Além das observações realizadas em sala de aula, para melhor compreensão do objeto de estudo, foi realizado um grupo de escuta com alunos, objetivando identificar as atitudes empreendedoras manifestadas através da prática de Ensino Ressocializadora desenvolvida pela professora. Nesses encontros que ocorreram no período da tarde, na escola, busquei perceber a capacidade de utilizarem a criatividade para a geração de inovações, de contribuírem para a transformação do contexto em que estão inseridos, o comprometimento com o coletivo, as formas de compreensão do mundo e de si voltadas para inovações, de persistirem e de conviverem harmonicamente com os outros, além das demais ações expostas no decorrer da escuta.

Escolhi trabalhar com a **Escuta Sensível** para estabelecer uma relação de confiança com os sujeitos da investigação, no caso, os alunos. Barbier (2007) comenta que a escuta sensível objetiva um ouvir em que o investigador deve adotar uma postura empática, sentir o universo imaginário, cognitivo e afetivo do participante, a fim de compreender o comportamento, ações e ideias do contexto a ser pesquisado.

Para desenvolver melhor o processo de escuta e de coleta de dados, bem como, para facilitar a minha interação com os participantes e favorecer um diálogo espontâneo e significativo, delimitei o número de participantes em 06, de um total de 24 alunos. Para tanto, fiz uso dos seguintes critérios seletivos: desejo dos alunos de participar da investigação; a faixa etária entre 12 e 13 anos; a disponibilidade em participar do grupo no contraturno.

A escuta ocorreu da seguinte forma: foi realizado um encontro semanal de 1 hora com os alunos, no período do contraturno, contemplando cinco momentos, nos quais foram explorados e desenvolvidos os seguintes temas:

- 1º Momento: Tema 1 – Educação Empreendedora.
- 2º Momento: Tema 2 - Qual seu sonho?
- 3º Momento: Tema 3 – Empreendedorismo Social: Comprometendo-se com o bem comum.

- 4º Momento: Tema 4 – Atitudes empreendedoras.
- 5º Momento: Tema 5: Empreender.

A fim de complementar a observação participante e coletar dados dos discurso do sujeito da pesquisa, realizei três **entrevistas semiestruturadas** com a professora. Segundo Triviños (2008), as entrevistas semiestruturadas partem de questionamentos básicos e de teorias e hipóteses que fundamentam as interrogações. O entrevistado pode seguir a ordem do seu pensamento, relatando suas vivências em relação ao assunto apresentado pelo investigador.

Esse método requer planejamento, sendo necessária uma atenção especial do pesquisador na sua elaboração, desenvolvimento e execução. Os objetivos propostos devem ser delineados com a finalidade de obter o resultado almejado.

As entrevistas foram realizadas no colégio, no período da tarde, das 14h às 15h. A primeira entrevista foi realizada no início da pesquisa, objetivando conhecer um pouco a história profissional da professora, como ela percebia o próprio trabalho, seus conhecimentos acerca da temática da pesquisa, a fim de possibilitar que outros questionamentos pudessem fluir no decorrer do diálogo (APÊNDICE C).

A segunda entrevista ocorreu na metade da pesquisa, depois de ter uma visão inicial da prática de ensino da professora, em razão das observações já realizadas e da primeira entrevista. Abordei as relações do discurso da professora, problematizei algumas situações que surgiram no decorrer da observação a partir da visualização de filmagens das vivências na sala de aula, dando à professora a oportunidade de poder expressar seus argumentos em relação aos fatos ocorridos (APÊNDICE D).

A terceira entrevista foi realizada no final da investigação, a partir da visualização dos vídeos, o que possibilitou a análise e a reflexão sobre os registros. Esta entrevista também contemplou indagações relativas a acontecimentos que, durante a pesquisa, não ficaram claros, como também contribuiu para apresentar novos questionamentos, que possibilitassem a reflexão acerca das práticas desenvolvidas (APÊNDICE E).

Ressalto que as entrevistas serviram para conhecer a prática de ensino desenvolvida pela professora, viabilizando discutir sua experiência com o Ensino Ressocializador e como essa ação potencializa atitudes empreendedoras nos alunos. As entrevistas foram gravadas e,

posteriormente, as informações foram transcritas e analisadas.

Para firmar o compromisso com os participantes da pesquisa, consegui junto à direção da escola o Termo de Anuência (APÊNDICE F) e obtive a autorização da professora através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE G). Também conversei com cada um dos alunos, informando-os sobre a pesquisa. Mesmo que a pesquisa tenha sido desenvolvida indiretamente com eles, era necessário que se sentissem convidados e que consentissem sua participação na investigação. Assim, para fins legais, obtive, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE H), a autorização dos responsáveis pelos alunos.

A autorização dos termos utilizados na pesquisa permitiu o desenvolvimento de atividades como o registro das observações através de fotografias e filmagens. O TCLE também objetivou informar as famílias a respeito da minha presença na sala de aula como pesquisadora.

Quanto aos registros, utilizei também **Fotografias** como instrumento de produção de informações. No momento da análise dos dados, pude relembrar bem as experiências vivenciadas pelos sujeitos da investigação, para contextualizar o estudo e ilustrar a própria dissertação.

(...) a fotografia nos ajuda a recolher mais rapidamente certos detalhes próprios a rituais ou à cultura material: adornos, vestimentas, ferramentas de trabalho, etc. Ela pode também representar uma grande fonte de inspiração para o pesquisador, após ter deixado seu trabalho de campo, permitindo-lhe chegar a novas conclusões (ACHUTTI, 2004, p. 10).

Além das fotografias, fiz uso de **filmagens** como instrumento para a coleta de dados. A filmagem, segundo Sadalla e Larocca (2004):

(...) é adequada para estudar fenômenos complexos como a prática pedagógica, carregada de vivacidade e dinamismo, que sofre interferência simultânea de múltiplas variáveis. Para elas, a videogravação permite registrar, até mesmo, acontecimentos fugazes e não-repetíveis que muito provavelmente escapariam a uma observação direta (p. 423).

As imagens foram registradas através de um aparelho celular e também de uma máquina fotográfica fixada num tripé no ambiente da sala de aula, a fim de captar informações no período observado, o que me possibilitou visualizar as imagens quantas vezes fosse necessário, viabilizando a reinterpretação e a verificação de situações despercebidas, enquanto estava observando.

A filmagem foi imprescindível no desenvolvimento da pesquisa, principalmente, porque serviu para, depois da saída de campo, lembrar fatos, detalhes, captar dados não percebidos durante as observações. Também fiz a transcrição desses fatos para enriquecer o estudo. Todas as filmagens foram organizadas e arquivadas numa pasta no meu computador, para facilitar o acesso a cada uma delas.

Após a coleta dos dados, para fazer a análise das informações, optei pela técnica da **Análise de Conteúdo** proposta por Bardin, que possui as seguintes fases: organização da análise; codificação; categorização; tratamento dos resultados, inferência e a interpretação dos resultados.

(...) o termo Análise de Conteúdo designa: um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2016, p. 47).

Primeiramente, realizei a **Pré-análise**, objetivando sistematizar as ideias iniciais através de uma leitura para estabelecer o contato inicial com o material analisado, permitindo-me invadir o texto para obter as primeiras impressões.

De acordo com Bardin (2016), a primeira fase, a pré-análise, pode ser identificada como fase de organização, na qual estabelece-se um esquema de trabalho que deve ser preciso, com procedimentos bem definidos, embora flexíveis. Envolve a leitura rebuscada, um primeiro contato com os documentos a serem analisados, a escolha deles, a formulação das questões e objetivos, a elaboração dos indicadores que orientarão a interpretação e a preparação formal do material.

Na segunda fase, denominada por Bardin (2016) de **Exploração do Material**, organizei as unidades de codificação, adotando os códigos para identificar as categorias de análise em função dos objetivos da pesquisa. Representei os códigos por meio da técnica de sublinhamento, fazendo uso de distintas cores. Para a classificação, agrupei os dados, considerando a compatibilidade entre eles, pois já haviam sido separados por cores. A partir dessa categorização, foram definidos os capítulos desse estudo.

A terceira fase, denominada de **Tratamento dos Resultados**, consiste no tratamento dos resultados, dedução e interpretação. Nela ocorre a condensação e o destaque das informações para análise, concluindo com as interpretações inferenciais. É o momento da

compreensão, da análise reflexiva e da crítica Bardin (2006). Nessa etapa, realizei o reagrupamento dos elementos selecionados nas etapas anteriores, a compreensão dos conteúdos das mensagens e a interpretação do material coletado, buscando um entendimento mais aprofundado. Dessa forma, o tratamento dos resultados ocorreu a partir da problemática da pesquisa, dos objetivos e das questões norteadoras deste estudo.

Para concluir, considero que a abordagem e o tipo de pesquisa, bem como, os instrumentos de coleta de dados e a técnica utilizada para a análise de dados foram apropriados para a evolução e os resultados desta investigação.

2.2 O Contexto da pesquisa

2.2.1 O Colégio

A pesquisa foi realizada no Colégio Ágape Estudos, localizado na cidade do Crato, na Região do Cariri Cearense. A escolha da escola foi intencional, pelo fato de ser gestora desse educandário há 23 anos, acompanhando diretamente o trabalho desenvolvido nessa escola.

Figura 1 - Fachada do Colégio Ágape



Fonte: Allan Bastos (2018).

O Colégio Ágape Estudos, fundado em 05 de fevereiro de 1996, é uma instituição de ensino da rede privada, que atende a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Médio. Atualmente, o colégio conta com uma equipe de 82 profissionais, entre professores e

funcionários, e atende 559 alunos.

Todos os espaços do colégio são considerados ambientes educativos. Não somente a sala de aula é destinada ao desenvolvimento dos processos educacionais de ensino e aprendizagem. A Figura 2 ilustra esses espaços educativos.

Figura 2 - Espaços educativos do Colégio Ágape



Fonte: Allan Bastos (2018).

As práticas de ensino desenvolvidas pela equipe do Colégio resultam de um processo de elaboração e de construção, norteados pelos princípios de Ressocialização, de Planejamento Participativo e de uma imersão no pensamento e nas ideias de vários teóricos, que embasam o discurso educacional contemporâneo: Paulo Freire, Danilo Gandin, Ladislau Dowbor, Arthur Efland, Peter McLaren, Fernando Hernández, Lev Vigotsky, Philippe Perenoud, Edgar Morin, Antônio Nóvoa, Jean-Claude Forquin, Henry Giroux, Joe Kincheloe, Fritjof Capra e, fundamentalmente, na apropriação das ideias do autor João Francisco de Souza.

A Proposta Pedagógica tem como objetivo ofertar uma ação educativa que dê sua parcela de contribuição, a partir da tomada de consciência de seus sujeitos sociais, para fazer florescer outras práticas mediatizadas pelas dimensões cognitivas: conhecer, aprender, compreender; por uma concepção didática em que os conteúdos deixam de ter caráter meramente instrumental e passam a ser concebidos como conteúdos educativos, instrumentais

e operativos.

A escola é concebida como um centro cultural, um lugar privilegiado para desenvolver uma proposta educativa que supere a concepção mais corrente de escola como uma instituição onde se media conhecimento a partir de conteúdos instrumentais a crianças, adolescentes e adultos.

O colégio valoriza os conteúdos instrumentais, porém não para serem transmitidos mecanicamente, mas, sim, porque são essenciais, fundamentais e imprescindíveis para que o aluno conheça, aprenda e compreenda o conteúdo educativo.

Entende-se por conteúdo educativo as problemáticas presentes em diversos contextos. São os conteúdos instrumentais que compõem as disciplinas do currículo da escola, que proporcionam um conhecimento teórico e prático, que esclarecem as temáticas a serem estudadas. Na sala de aula, nos círculos culturais, professores e alunos transformam-se em pesquisadores, autores e autônomos. É nesse espaço que surgem, a partir dos conteúdos educativos, os projetos de intervenção social.

O aspecto político da Proposta Pedagógica é ousado, porque coloca-se como mediadora entre a realidade existente e as possibilidades de transformá-la. Essa perspectiva transformadora presente na prática educativa fundamenta-se na concepção de educação compreendida como processo de ressocialização.

O colégio desenvolve o Programa de Educação para Sustentabilidade, estruturado com base nos conceitos da Ecologia Profunda¹, da Permacultura² e dos processos participativos de trabalho. Dessa forma, os processos metodológicos propostos privilegiam os espaços de tomada de decisão e de construção coletiva dos processos, além de buscar, incisivamente, a conexão de todos os elementos que compõem o cotidiano escolar. Ou seja, a base para a mudança de paradigmas é o cultivo de valores e atitudes baseados num paradigma sistêmico e ecológico, que permite a visão do todo, ao mesmo tempo em que estimula uma postura ambientalmente responsável. Uma vez internalizada essa postura, novos valores e atitudes tornam-se práticas cotidianas.

¹ Ecologia Profunda: é um conceito filosófico que vê uma interligação entre o ser humano e o meio ambiente, defendendo a necessidade da convivência harmoniosa entre cada um dos elementos existentes na natureza.

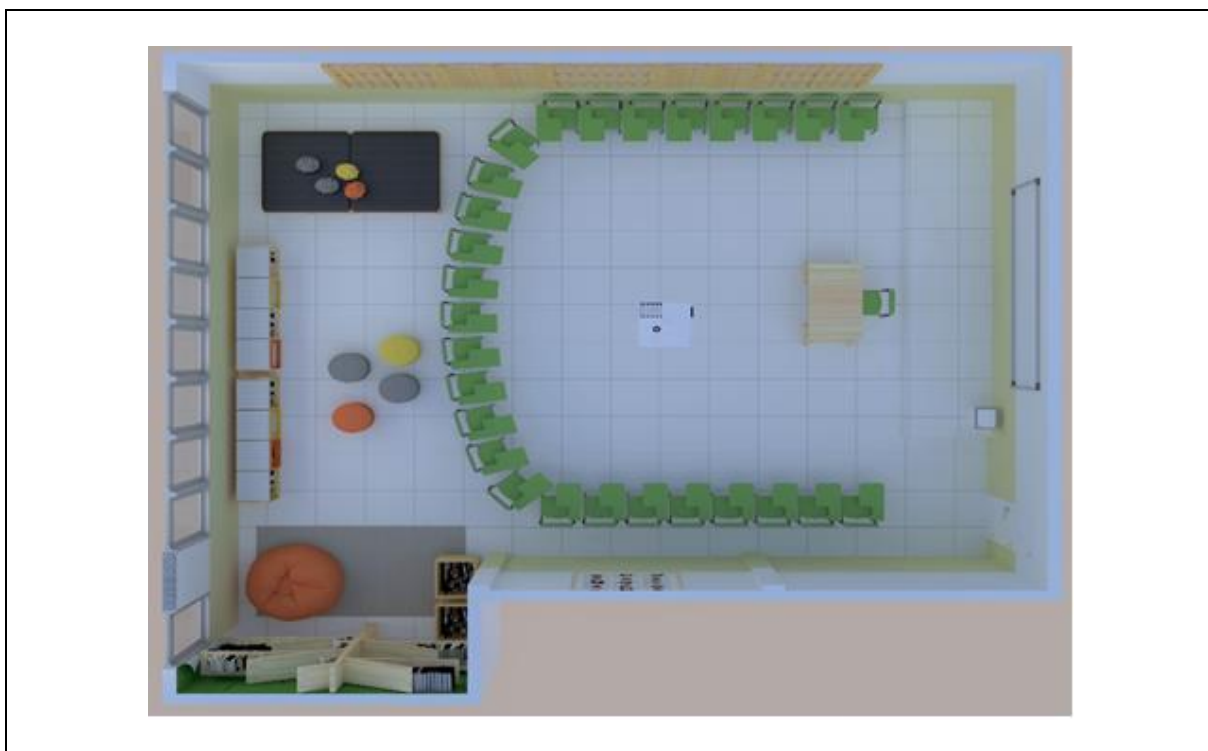
² Permacultura: é um conceito criado na década de 70 pelos australianos Bill Mollison e David Holmgren. Trata-se de um conceito dinâmico, a Permacultura pode ser entendida como a integração harmoniosa entre as pessoas e a paisagem, de modo que as necessidades (abrigo, alimentação, energia, bens materiais ou não, etc.) sejam supridas de maneira sustentável.

A instituição adota a participação como um componente de sua gestão, de tal forma que constitua uma condição de qualidade, o que implica reconhecer que há muitas ideias de participação em curso no ambiente escolar. A participação relaciona-se à ideia de democracia como princípio e como método para a organização do trabalho na escola.

Como gestora dessa escola há 23 anos, vivencio o exercício dessa Proposta Pedagógica que incorpora inovações. Uma proposta que surge da vontade, do desejo, do compromisso político, ideológico, social e profissional da equipe pedagógica e do coletivo de professores e alunos, sendo a participação compreendida como princípio norteador, o que significa não apenas fazer parte, mas, sim, ser parte do pensar ao agir.

2.2.2 A sala de aula: onde ocorreram as observações

Figura 3 - Planta baixa da sala de aula



Fonte: Luciana Cabral.

A sala de aula é de uso exclusivo da turma do 7º ano. Na sala, há um painel didático de *pallet* usado como suporte, onde são fixados textos e imagens a serem utilizados no decorrer das aulas, com os objetivos de despertar o interesse dos alunos, compartilhar ideias, refletir acerca de determinados assuntos, ou, ainda, avaliar temas estudados. Por meio do QR Code 1, abaixo, apresento algumas imagens dos espaços da sala de aula.

Figura 4 - QR Code 1: Sala de aula



Fonte: <https://drive.google.com/open?id=1F5154GpUKnmWIIQjXTrUWPHMWk9IMkCG>

Esse espaço é construído com a participação dos alunos de acordo com os assuntos estudados, ou o que lhes desperta interesse. Um amplo espaço, climatizado, boa iluminação, com datashow fixo, caixa de som, mesa de *pallet* para o professor, quadro branco, bancos de *pallet*, pufes, painel de madeira em forma de árvore, uma imagem fotográfica dos alunos e professores no estilo *Pop Art*³, que favorece um ambiente acolhedor, com que eles se identificam, aguçando assim o sentimento de pertencimento.

2.2.3 A professora

A escolha da professora para o desenvolvimento desse trabalho foi motivada pelo fato de perceber que ela se identificava com a proposta de ensino do colégio, como também pelo desejo de conhecer melhor uma prática docente baseada no Ensino Ressocializador. Ela tinha proximidade com o foco do estudo, demonstrou ser flexível e ter visão e postura empreendedoras em sua prática de Ensino Ressocializadora. Com base nesses fatores, decidi pelo 7º Ano do Ensino Fundamental.

Após 10 dias do início da pesquisa, a professora desvinculou-se da escola em razão de aprovação em concurso, sendo convocada a assumir o cargo em outra região. Busquei outra professora de 7º ano com as mesmas características apontadas no projeto inicial da investigação, com visão empreendedora e cuja prática pedagógica fosse norteadada pelo Ensino Ressocializador e seu interesse, disponibilidade e carga horária fossem compatíveis com o desenvolvimento da pesquisa. Assim, a pesquisa teve continuidade na turma inicialmente

³ Pop Art: é uma escola que utiliza em suas representações pictóricas imagens e símbolos de natureza popular. Originado particularmente nos Estados Unidos e na Inglaterra, este movimento foi assim batizado em 1954, quando o crítico inglês Lawrence Alloway assim o denominou, ao se referir a tudo que era produzido pela cultura em massa no hemisfério ocidental, especialmente aos produtos procedentes da América do Norte.

escolhida, havendo apenas a troca da professora participante.

Regina, professora do Colégio Ágape há 5 anos, aluna de escola pública, desenvolve sua prática de professora ressocializadora e inovadora.

Seu sonho de ser professora torna-se realidade em 2009, quando foi aprovada no vestibular da Universidade Regional do Cariri-URCA, no curso de Letras, concluído em 2012. O curso fortaleceu ainda mais a ideia de ser professora, que já existia desde pequena.

Ainda, em 2012, após a colação, passou numa seleção para professora temporária do estado do Ceará, tendo a primeira experiência no Ensino Médio, com turmas de 2º e 3º ano, na cidade do Crato. Lá teve o prazer de participar do projeto Diretor de Turma, tendo contato mais emocional com turmas específicas, com aulas diferenciadas voltadas à formação humana. Em 2013, lecionou como professora substituta numa escola estadual, também em turmas de Ensino Médio.

Em 2015, como Monitora de Português do Projeto Mais Educação, teve contato com alunos do fundamental I e com práticas voltadas a sanar dificuldades na área da Língua Portuguesa.

Em 2016, foi professora de Literatura e de Redação no Ensino Médio, no Colégio Governador Adalto Bezerra em Crato-CE, além de professora de artes no Ensino Fundamental, uma experiência desafiadora, porém instigante, de poder ter contato com uma área de conhecimento que pode ser aproveitada nas demais áreas.

Em 2017, foi selecionada para trabalhar no Colégio Ágape, assumindo a disciplina de Língua Portuguesa nas turmas de 6º e 9º ano do Ensino Fundamental.

Segundo a docente numa das entrevistas realizadas:

“Decidi participar do processo seletivo para professores do colégio porque sempre acompanhei através das redes sociais e no decorrer de encontros promovidos pela instituição a sua proposta de ensino que contribui para a formação de alunos conscientes de suas capacidades para construção de uma sociedade mais justa e sustentável. Acredito que para desenvolvermos um trabalho significativo, primeiramente precisamos nos identificar com esse lugar, assim como aconteceu comigo. O que me chama atenção é que aqui há um processo colaborativo nas atividades em que a troca, a interação, a ajuda mútua, o respeito ao outro, as ações e empreendimentos em equipe e a certeza de que o que cada indivíduo conquista são resultados das relações e negociações que se estabelecem com o outro. Então, o ensino se dá por meio da construção de conhecimentos, de valores, de atitudes e das habilidades que vão proporcionar ao aluno sua realização na relação com seu

contexto cultural, para que o aluno protagonize a busca e produção do seu próprio conhecimento”.

Como gestora, foi importante investigar a ação docente dessa profissional, para que as reflexões geradas no decorrer da investigação pudessem contribuir para a consolidação do Ensino Ressocializador do Colégio Ágape Estudos.

2.2.4 A turma

A turma do 7º ano é composta por 24 alunos, 10 meninas e 14 meninos, com idade entre 11 e 12 anos, sendo alguns novatos. De acordo com os relatos da professora, a maioria dos alunos se conhece, em razão de já terem sido colegas em anos anteriores; portanto, são bem integrados, tanto que até convivem fora da escola, assistindo a filmes e a peças de teatro, participando de piqueniques, de passeios, de trilhas e de atividades esportivas.

Figura 5 - Painel fotográfico da turma do 7º Ano



Fonte: Da pesquisadora (2019).

Uma turma que encanta na forma de manifestar a criatividade. Convive com harmonia, sendo participativa e comprometida com o desenvolvimento coletivo.

Os estudantes são oriundos de classe média, filhos de profissionais tais como: designer, cabeleireiro, contador, dentista, bancário, advogado, enfermeiro, engenheiro,

fisioterapeuta, professor. Moram em bairros próximos do colégio.

Antes de iniciar a investigação, contatei a turma para apresentar a proposta da pesquisa. Expliquei o tipo de pesquisa, como seria concretizada, sua importância e contribuição. Perguntei se gostariam de participar, de contribuir com o desenvolvimento desse trabalho. Eles dialogaram comigo de forma espontânea, manifestando curiosidade e concordaram participar do estudo.

Desde a minha chegada, a turma demonstrou empolgação, pois, como gestora, sempre busquei uma relação próxima com os alunos, na escuta individual e coletiva, tanto nos intervalos recreativos, como no desenvolvimento dos projetos.

De acordo com as informações apresentadas pela professora na primeira entrevista:

“Nas atividades propostas gostam de surpreender os professores. Se envolvem em discussões, compartilhando seus saberes e buscam ampliar seus repertórios através de leituras e pesquisas. Quase nunca perguntam se a atividade é obrigatória ou quantos pontos irão ganhar com aquilo. Quando é dado um desafio, a maioria busca solucionar. Como estão em idade de transição da pré-adolescência para a adolescência, por vezes, podem parecer distantes, porém se orientados ou instigados eles embarcam na aula e nas propostas sugeridas. Geralmente os alunos se comunicam através das redes sociais e mensagens instantâneas de poucos caracteres, capazes de viver múltiplas realidades, presenciais e digitais ao mesmo tempo”.

A turma é composta por alunos que acreditam no coletivo, que buscam mais justiça e querem que a escola seja ecológica e socialmente responsável; precisam ser motivados pelos professores e ter *feedbacks* constantemente.

Em nossas conversas, a professora relatou que *“não se importam somente com o lado financeiro das coisas e não lidam bem com regras rígidas, formalidades, normas inquestionáveis, nem com hierarquia; têm uma postura ativa na busca de informações e usam a internet para esse fim”*.

A tecnologia propicia que esses alunos vivam diversas realidades e construam conhecimentos de informações de ampla complexidade, através de muitos recursos, principalmente visuais, que otimizam sua rotina diária. O fato de viverem imersos em tecnologias e redes dá-lhes muitas alternativas, mobilizando a comunicação e ações num nível ainda não experimentado por gerações anteriores. Esses aspectos variam de um para outro, de acordo com o perfil de cada um, dos estímulos, da importância e da liberdade de expressão que lhes são dadas.

Este capítulo, **Percursos da Investigação**, permitiu-me traçar o processo metodológico desse estudo, a construção de conhecimentos acerca do contexto da pesquisa, possibilitando maior aproximação com a professora investigada e com os alunos do 7º ano.

Segue o capítulo 3, **Compreendendo o Ensino Ressocializador**, no qual abordo o Ensino Ressocializador, os princípios da ressocialização e os conteúdos ressocializadores, as concepções da professora sobre o Ensino Ressocializador, os conteúdos ressocializadores no contexto pesquisado e as práticas pedagógicas realizadas pela professora envolvendo o referido ensino.

3 COMPREENDENDO O ENSINO RESSOCIALIZADOR

Neste capítulo, discorro sobre o Ensino Ressocializador, apresentando o referencial teórico que embasa o conceito, bem como, os princípios da ressocialização: a reconhecimento e a reinvenção. Abordo também as concepções da professora acerca do Ensino Ressocializador, dos conteúdos ressocializadores na prática de ensino considerando a interligação entre esses conteúdos. Também abordo como o conteúdo educativo escolhido anualmente foi desenvolvido no referido contexto e como as ações de Ensino Ressocializador estão organizadas nos planos de aula da professora.

3.1 Conceituando o Ensino Ressocializador

O conceito de Ensino Ressocializador, neste estudo, está fundamentado em Souza (2007), autor com quem dialogo e que sustenta teoricamente minha discussão acerca do ensino enquanto processo de ressocialização, fundamentado em Freire (1990), na noção de ressocialização como reconhecimento e reinvenção, como também, nas pesquisas de Berthoff (1990).

Segundo Freire (1989, p. 84), “não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem”. O homem, de acordo com o autor, é um ser inacabado, incompleto, que, por ter consciência de sua incompletude, abre-se ao mundo e aos outros à procura de respostas às suas múltiplas perguntas. Esse processo de busca por aprender, por educar-se, está na abordagem da educação popular, que, segundo Freire (1989), faz-se com e para as classes populares, na medida em que elas ambicionam tornar os sujeitos autônomos de seu próprio conhecimento, objetivando proporcionar-lhes os meios para

entender e transformar o seu mundo, problematizando-o à medida do seu próprio percurso epistemológico.

Concordando com essa perspectiva de conceber o homem, Souza (2007) reafirma que os seres humanos estão permanentemente refazendo-se, reconstruindo-se, produzindo-se, em razão da condição humana de seres inconclusos, sempre em busca de maneiras mais prazerosas de convivência. Durante a primeira infância, ocorre a socialização, mas ela não é suficiente para o homem ao longo da vida. Nesse processo do constante refazer-se, está a socialização no momento em que o indivíduo está imerso em plena experiência coletiva e se evidenciam as habilidades individuais de desenvolvimento, provocando o aprendizado e a ressignificação de realidades cotidianamente vividas. Logo, a ressocialização é o processo em que o sujeito, em função das variadas competências prontamente desenvolvidas, intervém de forma significativa no processo de socialização ao reelaborar subjetivamente o pensamento materializado. Dessa forma,

(...) o ser humano (...) se constrói a partir do pensamento, da ação e do sentimento. (...) Consequentemente, as nossas intelecções – sabedoria, conhecimentos, ciências, artes – se constituem como realidade pensada ou pensamento materializado. Esse é o real. (...) O significado construído objetivamente só adquire densidade pelo sentido que a ele atribuímos. O sentido diz respeito ao valor subjetivamente elaborado e apropriado pelos sujeitos de uma experiência (SOUZA, 2004, p. 236).

Souza (2007) reforça que a ressocialização é dotada de múltiplos processos que ocorrem entre saberes, ações e sentimentos de um indivíduo ou de um grupo cultural com outras pessoas ou grupos culturais, o que resulta em novos conhecimentos e torna os envolvidos mais socializados ao problematizarem suas próprias experiências, uma vez que

(...) o processo de ressocialização é, pois, a colocação do sujeito histórico-epistêmico individual ou social em polêmica com sua cultura, com suas experiências anteriores. Ajudar a questioná-las, a buscar desvendar seus mistérios, suas implicações é o primeiro passo da ressocialização. Mergulhar as pessoas em outras experiências, ajudá-las a tomar a palavra, a reaprender a palavra para expressar as novas experiências (...) (SOUZA, 2004, p. 147).

Esse autor, ao referir-se à ressocialização, ressalta o processo de “reaprender a palavra”, que não é apenas uma absorção de percepções, mas de reabsorção, de problematização, cuja finalidade é tornar as pessoas mais humanas, mais socializadas e capacitadas para viver em diversidade social e cultural. Nessa lógica, as experiências ressocializadoras objetivam a recolocação dos sujeitos em diferença com sua cultura e suas experiências anteriores, ajudando-os a questioná-las e a intervirem conforme a sua humanidade, uma vez que,

(...) ao nos denominarmos de SERES HUMANOS, entre diferentes nomes que damos aos outros animais (gato, cachorro, vaca, cabra, etc.), passamos a criar uma ideologia sobre nossa HUMANIDADE. Quando afirmamos: “José não tem humanidade”, “Antônia é desumana”, fica evidente que temos uma ideologia sobre o que nos faz humanos. Então, *ser humano* não é apenas um *nome* que. É uma ideologia, ou seja, desejamos que o animal que denominamos de ser humano, tenha uma maneira própria de viver e de conviver. Tenha uma maneira humana de viver, de ser (fazer, emocionar-se e pensar) (SOUZA, 1999, p. 41).

Como vimos, o ser humano, segundo Souza (1999), é dotado de uma identidade própria do que se entende por *humanidade*. É indivíduo pela forma particular de pensar, de emocionar-se e de realizar-se frente ao mundo, às pessoas e às situações. É uma singularidade, em que o sujeito se distingue no interior da coletividade sendo ele mesmo e se educa ao enfrentar individual e coletivamente os problemas que a vida apresenta.

A partir desse entendimento, o sujeito enquanto ser inconcluso busca reinventar-se a partir da problematização das suas ações num contínuo processo de vinculações entre si e o meio. Nessa lógica, o contato com diversos e divergentes fontes de saber tais como livros, aulas, notícias, artigos, contribuem, de forma efetiva, para o processo de ressocialização, a qual se dá tanto nos espaços formais quanto nos informais.

Freire (1981), ao referir-se aos espaços formais, salienta que o processo de construção do conhecimento desenvolvido pelas instituições deve dar-se por meio de uma relação de “mão dupla” entre teoria e prática, de tal forma que ambas sejam indissociáveis. E, mais que isso, não há um papel definido entre professor e aluno, o que significa dizer que inexiste a relação de sujeito e objeto, mas apenas a relação entre sujeitos.

Educador e educandos (...) se encontram na tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só ao desvelá-la e, assim, criticamente reconhecê-la, mas também no de recriar esse conhecimento), (...) nos homens como “corpos conscientes” e na consciência intencionada ao mundo (p. 61).

Esse ato de “recriar o conhecimento” faz-nos reportar à questão do Ensino Ressocializador no tocante ao processo de reinvenção e de reconhecimento, resultando, nesse sentido, num ensino que transforma os alunos em verdadeiros “corpos conscientes”, ao intervirem no contexto sócio-histórico. Na esteira desse raciocínio, podemos assegurar que no ensino que se propõe ser ressocializador, há de levar-se em conta que educador e educandos assumam o papel de sujeitos, ambos protagonistas do seu processo de aprendizagem.

O conhecimento é produto da construção recíproca entre sujeito e ensino; o ensino ajuda a construir a forma como o sujeito pensa e cria, bem como, as ações são internalizadas pelo sujeito, já que os seres humanos são constituídos por ações que ampliam e transformam

seu raciocínio, ao mesmo tempo em que esses seres humanos transformam constantemente a prática de ensino.

Assim, a ressocialização, enquanto processo de ensino, possibilita aos sujeitos refletirem sobre suas inquietações, inserindo-os em novas experiências, levando-os à tomada de decisões, a partir da identificação de seus limites e potencialidades nas dimensões, política, social, emocional, ética, entre outras.

3.1.1 Reconhecimento e Reinvenção: princípios da ressocialização

Os processos de ressocialização influenciam a nossa humanização, as transformações de nossas vivências, pensamentos e sentimentos. O princípio da ressocialização é reconceituado como processo de reconhecimento e de reinvenção, identificado no pensamento de Freire por Berthoff (1990).

Souza (2007), analisando o sentido dessas duas noções, descobre que elas podem ser fundidas, com a denominação de ressocialização, ao frisar que os princípios de reconhecimento e de reinvenção são responsáveis pelas transformações dos atos do pensamento, atitudes e emoções do indivíduo. O referido autor ainda esclarece que a reconhecimento é um processo que envolve as mudanças da forma de pensar, de compreender a si mesmo, os outros e o mundo. Já a reinvenção refere-se às transformações que mudam a nossa forma de sentir e de agir. É no processo de reconhecimento que estabelecemos a categoria analítica da problematização de saberes. Conforme o autor, um novo saber é construído a partir da problematização entre os saberes que uma pessoa já possui, confrontados com outras informações, concepções e pensamentos adquiridos.

Esse paralelo provoca conflitos sociocognitivos que possibilitam a desconstrução dos conceitos anteriores e a construção de outra concepção. A esse processo dá-se o nome de reconhecimento.

De acordo com Souza (2007), existem ações possíveis diante das novas informações que são apresentadas nas diferentes áreas do conhecimento: uma primeira atitude seria a de um diálogo entre conhecimentos, uma negociação entre os saberes existentes e as novas informações recebidas.

A segunda seria uma atitude de rejeição ao conhecimento anterior. Considera-se mais

importante a nova informação, rejeitando-se a anterior. O autor considera essa atitude pouco comum. Além disso, nesse contexto, o sujeito não aprende, já que nega o seu conhecimento e passa a reproduzir o que ouve e lê.

Enfim, uma terceira, considerada por Souza (2007), é a de submissão à mesmice ou a recusa de escutar o outro; é o inverso da atitude anterior. Dessa vez, há uma rejeição total à nova informação, uma recusa a pensar sobre as informações recebidas, vistas ou sentidas. Nesse tipo de atitude, não há aprendizagem, assim como na anterior, pois não se aceita pensar.

Essas possíveis atitudes (reações a outras informações a partir de alguém que já sabe) são fortemente influenciadas pelos costumes de cada um, pela religião que professa, pelos papéis sociais que desempenha, pelas condições materiais, pela situação de classe, de gênero ou de etnia de cada um. Mas, influenciam, também, para a ocorrência dessas atitudes, as relações pedagógicas estabelecidas entre professor e o grupo de alunos; o estilo de ensinar de cada professor. Por isso, cada um recebe a informação e reage de um jeito diferente. Aprende de uma forma particular (SOUZA, 2000, p. 26).

Esses elementos influenciadores, apontados acima por Souza, mostram que a atitude de adesão ou de rejeição a um novo saber no processo cognitivo não é aleatória, mas, sim, justificada por todo contexto social do indivíduo, além das diversas nuances pedagógicas dos professores.

Berthoff (1990) encontra em Freire (1990) os alicerces para a elaboração do conceito de “processos cognitivos”, por meio dos quais mulheres e homens ressignificam seu universo, o meio no qual estão inseridos, compreendendo-os de forma mais consciente. Tal compreensão produz um novo sentido à concepção e à interpretação prévia do já conhecido. O relato de Freire, ponderado por Berthoff, está registrado nos seguintes termos:

(...) visitamos um Círculo de Cultura de uma pequena comunidade pesqueira chamada Monte Mário. Eles tinham como uma das palavras geradoras o termo BONITO, nome de um peixe, e, como codificação, um expressivo desenho do pequeno povoado, com sua vegetação, casas típicas, barcos pesqueiros no mar e um pescador segurando um bonito. Os aprendizes olhavam para essa codificação em silêncio. De repente, quatro deles se levantaram como se tivessem combinado antes, e se dirigiram para a parede em que estava pendurada a codificação. Olharam atentamente para a codificação bem de perto. Depois, foram para a janela e olharam para fora. Entoalharam-se como se estivessem surpresos e, olhando novamente para a codificação, disseram: “isto é Monte Mário. Monte Mário é como isto, e nós não sabíamos” (BERTHOFF, 1990, p. 21).

Esse impacto de ver um fato corriqueiro por outro ângulo explica claramente o ato da reconhecimento, uma vez que o processo cognitivo desenvolve a competência de identificar e de respeitar o que os sujeitos conhecem, o seu saber, mas, ao mesmo tempo, a capacidade de, a partir desse conhecimento, ajudá-los a estabelecer um novo conhecimento, ao permitir que os

sujeitos dispensem um olhar reflexivo sobre sua realidade para torná-los construtores de seu conhecimento e de sua oportuna reinvenção como sujeitos epistêmicos, cidadãos, profissionais, políticos e históricos, tornando-se indivíduos críticos e atuantes na sociedade, isto é,

(...) o processo de reconhecimento impõe uma consciência crítica ativa por meio da qual se apreendem as analogias e os demais atos da mente são executados, aqueles atos de nomear e definir, por meio dos quais construímos o significado (BERTHOFF, 1990, p. 20).

Assim, faz sentido que a cognição é dependente da reconhecimento, quando

(...) nunca vemos, simplesmente: vemos como, em termos de, com respeito, à luz de. Todas essas expressões assinalam os propósitos e os embaraços que constituem as fronteiras do discurso no uso. O conceito de reconhecimento é um conceito com o qual e a respeito do qual devemos pensar (BERTHOFF, 1990, p. 21).

No curso da socialização, além da reconhecimento, temos a reinvenção, conceituada como a ação ou a transformação da experiência a ser reinventada a partir de um olhar recognitivo. Nesse contexto, equivaleria a inserir novos elementos na cultura que permitam vivenciar um novo conhecimento e novas experiências, além de conhecer outras configurações da nossa forma de ser, de pensar, de agir, de sentir e de dizer, construindo outra cultura, que permite uma nova ressocialização.

Conforme Souza (2007), a reconhecimento e a reinvenção são processos e vivências de intercomunicação e de interação que garantem a socialização, a valorização e a reconstrução de valores e conhecimentos. Portanto, um exercício contínuo, emancipatório e intercultural do poder conhecer, fazer, emocionar-se, ser para ter, através das capacidades linguísticas, artísticas, argumentativas, decisórias, éticas e políticas, que foram desenvolvidas. Tais processos são experienciados, simultaneamente, no dia a dia do sujeito, no decorrer de sua existência.

A teoria da inteligência criativa defendida por Quintás (2004) aproxima-se bastante do conceito de ressocialização de Souza (2007), ao defender que o ser humano é um ser de encontro que amplia suas percepções em permanente troca com outros seres, na construção de novas relações e novos saberes. Assim, em vez do conceito de reinvenção, Quintás prefere usar o termo criatividade, constituindo o processo de *pensar bem*, que consiste em ir muito além do acúmulo de informações, pois a arte de pensar está em conexão com a arte de viver, de aprender e de ensinar.

Quintás (2004) considera essa ação necessária e, para tanto, sugere uma prática que nos conduza a aprender a pensar, a fim de encontrarmos meios criativos de expressar-nos de forma convincente e entendermos o que será de nós ao tomarmos uma atitude ou outra, na vida cotidiana. Reconhece que o ensino com foco na criatividade e nos valores é uma ação formativa difícil, porque não deve reduzir-se a ensinar alguns conteúdos, mas exige artifícios imateriais.

A partir da abordagem teórica, observa-se a abrangência da aplicação de uma proposta de Ensino Ressocializador que se enquadre tanto no universo educacional quanto nos mais variados espaços de aprendizagem. Além da complexidade da atuação, a ressocialização requer dos sujeitos envolvidos, uma predisposição para lidar com os saberes socialmente construídos. Ressaltamos, entretanto, que o Ensino Ressocializador não se restringe apenas ao ato reflexivo, tampouco, ao interventivo. Na verdade, constitui-se de um interminável ciclo em que a reconhecimento e a reinvenção vão constantemente se fazendo e se refazendo, somando a curiosidade indagadora à ação transformadora.

3.1.2 Conteúdos ressocializadores

Na perspectiva de Souza (2004), a ressocialização, enquanto processo de ensino, concretiza-se na utilização de conteúdos ressocializadores, que são estabelecidos pela compreensão e pela interpretação das contradições do contexto histórico e cultural no qual estamos inseridos, dialogando com os saberes cientificamente construídos.

(...) Afirmamos que o conteúdo dos processos educativos (conteúdos básicos de aprendizagem ou conteúdos educativos) é a construção da compreensão, interpretação, da explicação da realidade natural e cultural. Esses resultam das análises das realidades naturais e culturais, em diferentes níveis, a partir de diversos enfoques teóricos em confronto com o saber da experiência feita (SOUZA, 2004, p. 209-210).

Souza (2007) argumenta que os conteúdos básicos de aprendizagem embasam a proposta de ensino, congregando e potencializando a práxis pedagógica. Nesse sentido, os conteúdos ressocializadores são os de caráter educativo, instrumental e operativo.

Os conteúdos educativos são os presentes em um dado contexto cultural, religioso, político, econômico, histórico, entre outras esferas. Os conteúdos instrumentais são os de cada área do conhecimento, tais como: História, Geografia, Matemática, Ciências e as demais, que oferecerão um arcabouço teórico e prático explicativo para um dado fenômeno a ser estudado.

A existência ou definição de um conteúdo educativo permite que a escola e os sujeitos que dela fazem parte ampliem o significado de ensino e aprendizagem, bem como, oferece uma possibilidade maior para que tanto o professor como o aluno possam encontrar sentido nos conteúdos instrumentais.

No tocante aos conteúdos instrumentais, é importante salientar que são essenciais para que o aluno conheça, aprenda e compreenda o conteúdo educativo. São os mais valorizados na escola, mas nem sempre de forma eficaz. São os conhecimentos das linguagens, conforme explicitado a seguir:

Os conteúdos instrumentais são compostos pela aprendizagem das linguagens: artísticas, verbais, matemáticas, históricas; e os conteúdos operativos, que necessitam dos anteriores, dão origem aos projetos de intervenção social na medida em que o aluno/a levanta uma hipótese, questionamentos, dúvidas, perguntas em relação a algum aspecto do conteúdo instrumental e educativo que se estuda. Esses conteúdos devem ser expressos nas diferentes linguagens para entrar em interlocução nos diferentes e diversos âmbitos (...).
(...) (conteúdos instrumentais), os que serão imprescindíveis para a expressão, nas diversas línguas (verbais, artísticas e matemáticas), das compreensões em construção por educandos e educadores (SOUZA, 2004, p. 210).

Em referência aos conteúdos operativos, Souza (2004) alerta que

(...) torna-se inútil se não se chega à elaboração de projetos de transformação (conteúdos operativos) das situações que foram tomadas como objeto de conhecimento naquele específico processo educativo. Esses projetos são os conteúdos operativos dos processos educativos. Ou seja, instrumentos de intervenção social (p. 210).

Os conteúdos operativos dão origem aos projetos de intervenção social na medida em que o aluno levanta várias hipóteses, questionamentos, dúvidas, perguntas em relação a algum aspecto do conteúdo instrumental e educativo que vem estudando. Essas atitudes geram possíveis projetos de pesquisa que objetivarão dar respostas aos problemas do presente.

O projeto a ser desenvolvido pelos alunos com a mediação do professor busca como fontes, livros, revistas, publicações em jornais, internet, outras pesquisas desenvolvidas nas universidades, num movimento de confronto entre os diversos tipos de saberes científicos, de massa e populares.

No entanto, este esforço dos estudantes em conhecer, aprender e compreender tanto o conteúdo instrumental como o educativo não pode ser reduzido à simples leitura, mas deve possibilitar o exercício da sistematização dessa trajetória, dando lugar à compreensão do conteúdo pelos alunos.

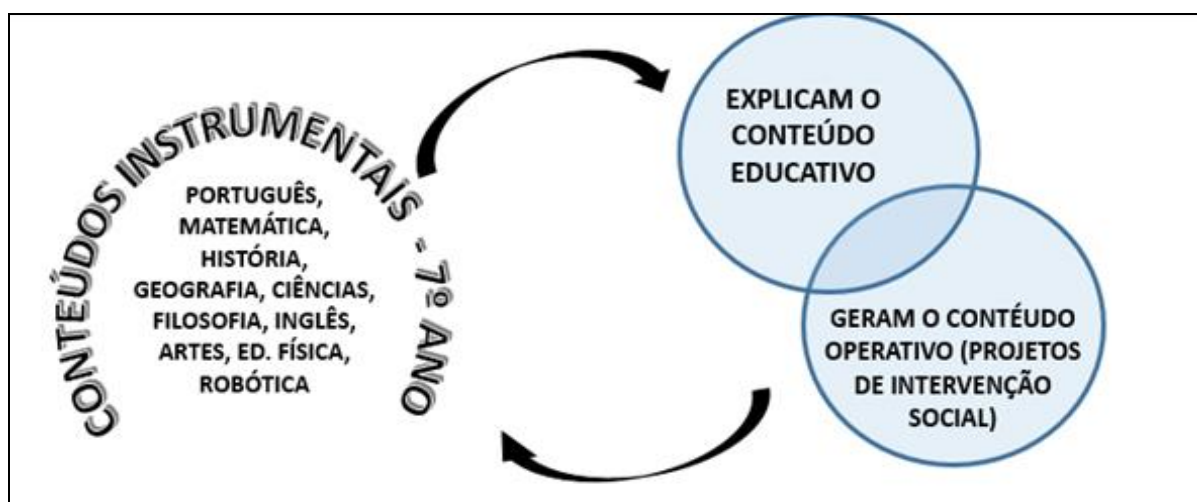
É exatamente essa trajetória de descobertas e suas possíveis formas de resolução que dão forma aos projetos de intervenção social. Os conteúdos operativos não são outra coisa senão a sistematização do percurso dos estudantes e de suas propostas de melhoria da qualidade de vida.

Quintás (2004), que também se refere aos conteúdos instrumentais, educativos e operativos considerados por Souza, acrescenta que os conteúdos educativos nos levam a compreender, a interpretar, a explicar as contradições, ambiguidades, conflitividades e possibilidades das realidades com as quais vivemos; já os instrumentais são os veículos expressivos que permitem ler além da palavra, ler o mundo, salientando que, por sermos seres de encontro, nossa ação no mundo é interventiva, o que corresponde ao conteúdo operativo.

Vale ressaltar a interdependência desses conteúdos ressocializadores, uma vez que não são lineares como se apresentam; ao contrário, são simultâneos de tal forma que um conteúdo dá sentido ao outro em permanente movimento, num verdadeiro ciclo epistemológico, cultural e social.

Para deixar claro como se dá a interligação dos conteúdos ressocializadores no contexto escolar, apresentamos a imagem contida na proposta de ensino da escola pesquisada, o Colégio Ágape Estudos, onde, desde 2004 essa perspectiva teórica vem norteando a prática de ensino.

Figura 6 - Conteúdos Ressocializadores



Fonte: Proposta Pedagógica do Colégio Ágape Estudos.

A figura confirma que, a partir do conteúdo instrumental, o professor organiza sua prática de ensino de tal forma que interliga o conteúdo de sua área de conhecimento com o

conteúdo educativo escolhido e construído coletivamente com a comunidade escolar, a partir de uma demanda social detectada tanto no âmbito da própria escola como no universo social e cultural na qual se insere essa instituição. Nessa perspectiva, já foram trabalhados temas como urbanização, sustentabilidade, solidariedade, o cuidado de si e do outro, a preservação da fauna local. Posteriormente, quando tratarmos do conteúdo educativo no contexto da pesquisa, essa experiência será melhor desenvolvida.

3.1.2.1 Concepções da professora sobre o Ensino Ressocializador

De uma das entrevistas com a professora Regina, destaco a pergunta a respeito de como essa professora concebe o Ensino Ressocializador. Embora um pouco tensa no início da conversa, logo a professora foi se sentindo mais à vontade para responder prontamente aos questionamentos. Ao ser indagada sobre sua concepção de Ensino Ressocializador, a professora ressaltou que

“[...] é o fato de estarmos constantemente buscando informações e abrangendo nosso conhecimento, que, por vezes, provocam em nós conflitos entre o que já sabíamos e o que foi descoberto, causando consequentemente mudanças no jeito de pensar e de agir. Sempre que vou abordar uma temática penso em algo que poderá contribuir no momento da aula para provocar no aluno o desejo de aprender mais, que o instigue a pensar sobre a mesma situação ou tema em vários ângulos. Percebo que muitas vezes acontece de surgir debates sobre os assuntos, causando em muitos um outro jeito de pensar”.

A fala da professora aproxima-se do conceito de ressocialização no ensino, ao mencionar o “conflito” que há no entrelaçamento das informações, a desconstrução e a construção de novos saberes provocados por esse processo. Tal *conflito* também aparece nos estudos de Souza 2004, ao ressaltar que a ressocialização provoca conflitos sociocognitivos, que possibilitam a desconstrução dos conceitos anteriores. No entanto, a educadora em questão restringiu a prática da ressocialização tão somente ao processo de reconhecimento, como se o Ensino Ressocializador se resumisse apenas a novas formas de ver o objeto do conhecimento. A entrevistada, portanto, abordou superficialmente o “agir”, ou seja, ao exemplificar o conceito com a prática, desconsiderou a outra dimensão, a *reinvenção*, em que se concretiza o ato do saber, isto é, quando este conhecimento passa a intervir concretamente nas realidades sociais, culturais, éticas e até epistêmicas, implicando “reaprender a palavra para expressar as novas experiências” (SOUZA, 2004, p. 147). A desatenção a esse aspecto pode resultar num ensino de informações processadas, ainda que com variadas vertentes, mas sem exercer nenhuma função social, o que corresponderia ao aprender por aprender, sendo o

conhecimento uma categoria estanque, sem nenhuma interferência no contexto sociocultural dos indivíduos.

Por outro lado, a resposta da professora evidencia uma preocupação com o compromisso de encantar o aluno em relação ao objeto do estudo apresentado, ao mencionar o desejo de suscitar nos seus educandos a vontade de aprender mais sobre o conteúdo socializado. Esse aspecto não deixa de ser fundamental no ensino que pretende ser ressocializador, ao mesmo tempo, que se apresenta como um verdadeiro desafio metodológico. Somente foi possível saber se a professora estava bem inteirada nestes conceitos, ao observar a teoria refletida na sua prática pedagógica, presente no plano de aula da referida professora e na sua prática, conforme os dados colhidos na observação da relação teoria e prática, com base no plano de aula e na ação docente.

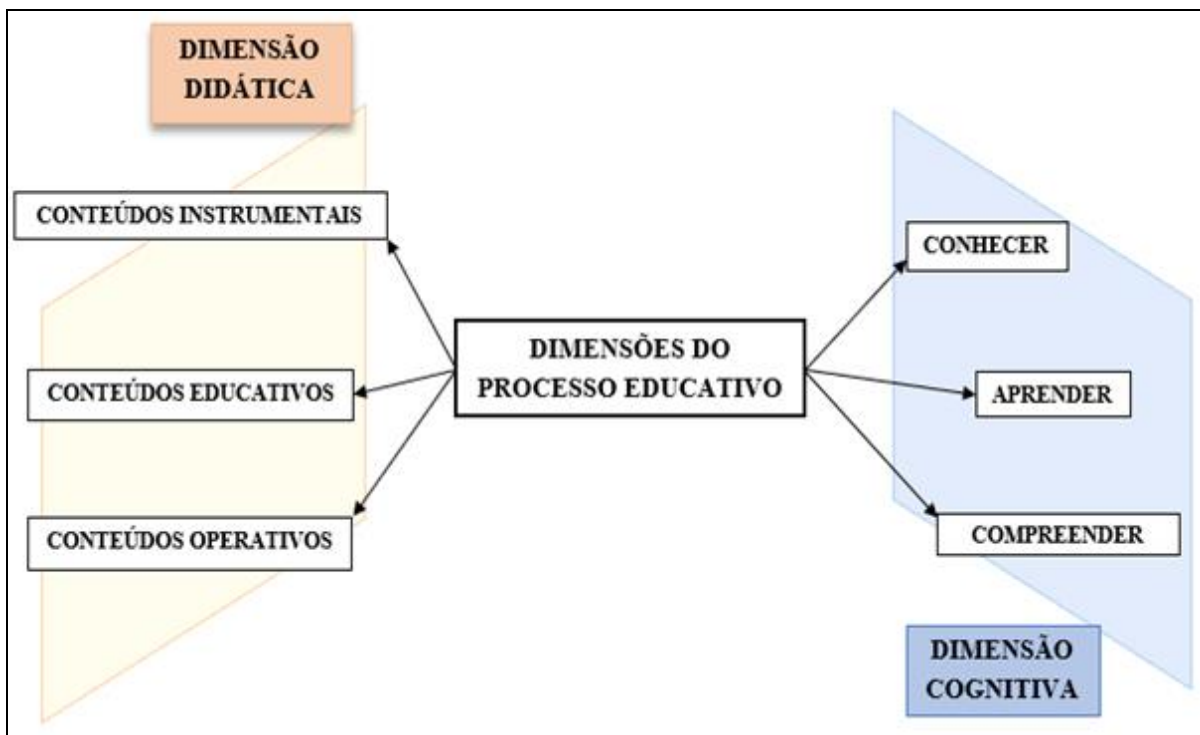
A ação educativa de qualquer educador tem início quando ele começa a organizar esta ação tendo por parâmetro sua disciplina inserida na Proposta Pedagógica da escola na qual desenvolverá seu trabalho. Portanto, é necessário levar em consideração os pressupostos teórico-metodológicos que dão forma a esta proposta, atentando para que a ação educativa não apresente contradições entre o proposto e o executado.

Conforme informações da professora durante nossas conversas, ao organizar, planejar sua ação educativa, considera a concepção didática que norteia a proposta pedagógica do Colégio Ágape, no qual os conteúdos deixam de ter caráter meramente instrumental e passam a ser entendidos como conteúdos educativos, instrumentais e operativos. Dessa forma, a ação educativa oferece condições para que o aluno experimente o conhecer, o aprender e o compreender numa dialética cognitiva e didática em que o conteúdo educativo, instrumental e operativo gera um desejo de ressocialização, por promover as diferentes formas de interação social. Estas dimensões constituem pilares que dão sustentação ao surgimento de uma ação educativa que intervenha na realidade para transformá-la qualitativamente.

Essa ação educativa é organizada pela professora considerando sua área de conhecimento, a proposta pedagógica do Colégio Ágape, os alunos que vivenciarão o processo de ensino, a relação entre os conteúdos educativos, instrumentais e operativos, bem como, a relação entre o conhecer, o aprender e o compreender num movimento dialético, além dos critérios e instrumentos de avaliação que serão implementados ao longo do processo de ensino e aprendizagem.

Na figura a seguir, o esquema que consta na proposta pedagógica do Colégio com as dimensões da ação educativa que embasam o processo educativo realizado pela professora investigada.

Figura 7 - Proposta pedagógica do Colégio com as dimensões da ação educativa



Fonte: Proposta Pedagógica do Colégio Ágape.

Conforme Regina, esta relação das dimensões cognitiva e didática exige que ela procure conhecer sua área de conhecimento para além do aspecto didático. A área de conhecimento da Língua Portuguesa, como as demais áreas, não pode ser pensada apenas considerando sua abordagem didática presente no livro-texto adotado pela escola, como se pode perceber na transcrição de uma fala registrada no diário de campo:

“Necessito acompanhar as transformações que acontecem no mundo. Já parou para pensar que as informações são constantes e que novos conhecimentos e novas formas de pensar são colocadas em prática todos os dias? Aquilo que eu sabia/conhecia até ontem, pode estar ultrapassado. Na minha área de Língua Portuguesa, também se tem essas rápidas transformações do quê e do como ensinar. Preciso, por exemplo, está atenta aos gêneros textuais digitais que surgem a cada instante e são ferreamente usados pelos meus alunos”.

A fala da professora revela que sua prática de ensino é complexa, pois envolve desde atender às inovações do ensino, passando pela vinculação que deve ser feita entre o conteúdo instrumental com o conteúdo educativo escolhido democraticamente pela comunidade escolar até provocar situações para que os alunos realizem significativamente o conteúdo operativo acordado no processo. Nessa lógica, as áreas do conhecimento escolar passam a ter um papel

essencial no trato com o conteúdo educativo, porque, ao definir os conteúdos instrumentais, eles constituem fontes de informação. Por sua vez, as informações dos conteúdos instrumentais são problematizadas com outras fontes de informação (cultura científica, cultura de massa e cultura popular), presentes na contemporaneidade. Dessas problematizações de culturas e saberes, emergirá um novo saber. Então, para trabalhar com o conteúdo educativo, é necessário redefinir os conteúdos instrumentais de cada disciplina para que o aluno se aproprie desses conteúdos e estabeleça associações com o conteúdo educativo, a fim de bem executar o conteúdo operativo. Essa é a lógica que se constitui um Ensino Ressocializador.

3.1.2.2 Conteúdos ressocializadores no contexto pesquisa

A comunidade escolar do Colégio Ágape, considerando os pressupostos teórico-metodológicos inseridos na sua Proposta Pedagógica e se sentindo mobilizada para promover mudanças, no início de cada ano letivo, participa do encontro Círculos de Escuta⁴, a fim de identificar os problemas, os desafios e as esperanças que a realidade da sociedade apresenta. A partir das problemáticas identificadas, é definido o tema central do conteúdo educativo a ser vivenciado em todos os níveis da Educação Básica. Nesse sentido, Konrath (2013) argumenta:

As rodas, o ouvir o outro ajudam educandos e educador a perceber que as experiências, as vivências, as opiniões e modos de ser são diferentes para cada pessoa. O outro se torna um espelho composto por muitos outros espelhos a refletir as individualidades que estão em constante formação. A valorização e o respeito à opinião do outro vão sendo então construídos por meio de trocas que se estabelecem entre educandos e educadores. Nas trocas de olhares, percepções, gestos, falas, curiosidades, medos, inseguranças, risadas... é que cada um vai significando sua identidade, percebendo-se integrante e integrador de um grupo. São também, esses momentos que possibilitam o reconhecimento da existência do eu e do outro (p. 28).

É importante perceber os inúmeros retornos educativos produzidos pelos círculos de escuta, principalmente, quando o autor ressalta que, além das trocas, há o reconhecimento da existência do eu e do outro, sendo que esse “eu” é constantemente repaginado, influenciado pelo outro, que, por sua vez, também o influencia. Tal relação é fundante quando falamos de Ensino Ressocializador, que traz em seu conceito a constante ressignificação dos saberes. Dessa forma, os círculos de escuta permitem que os alunos tenham voz e vez naquele espaço, sentindo-se integrantes do grupo, das escolhas e das decisões. Para que esse processo ocorra a contento, é necessário que todos os sujeitos envolvidos tenham plena consciência de cada

⁴ Círculos de Escuta: entendido como uma metodologia, é uma forma de garantir que todos possam ter voz numa conversa ao mesmo tempo em que compartilham a responsabilidade pela experiência. Praticá-lo é um convite ao exercício da autonomia individual e do cuidado coletivo.

etapa dessa ação educativa. Por essa razão, as informações trazida pelas falas da professora acerca dos conteúdos ressocializadores me motivaram a formular algumas hipóteses sobre se, de fato, a professora se inteirara ativamente do processo mencionado. Nesse sentido, algumas indagações: Quais foram as problemáticas identificadas nos círculos de escuta que definiram o tema central do conteúdo educativo? Qual o tema central escolhido? Qual o subtema escolhido pelos alunos do 7º ano? Como se deu essa escolha? Para buscar respostas aos meus questionamentos, encontrei-me com a professora Regina para os devidos esclarecimentos.

“Um tema recorrente nos Círculos de Escuta, em diversos níveis da escola, é a crise planetária que vivenciamos na contemporaneidade e quais as perspectivas de superação desta crise. No ano de 2019, em função de um incremento midiático acerca das mudanças climáticas, este assunto ganhou relevância nos momentos de diálogo. Para fundamentar o momento do diálogo foi necessário pensar nas novas formas de nos relacionar com o planeta Terra, quais sejam: o Movimento Cidades em Transição, as Ecovilas, as cidades sustentáveis, a Permacultura, a Agroecologia e os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), por exemplo. Este último, em virtude de seu alcance global e a abrangência de suas ações, ganhou relevância nos Círculos de Escuta, afinal, os ODS apontam as ações que não somente governos precisam empreender para proteger o planeta, erradicar a pobreza, promover a paz e a prosperidade, como também se faz necessário o protagonismo da sociedade. O círculo de escuta foi um momento importante, pela oportunidade de ampliar o diálogo e aprofundar o conhecimento acerca das temáticas abordadas”.

Desta forma, certifiquei-me da compreensão da professora, relativa à sua atuação na condução desse processo. Assim, ao apresentar o contexto global dos ODS escolhidos pelos grupos de escuta dos professores, coube a esta professora levá-los para a turma, objetivando a delimitação de tão complexa temática. Nesse sentido, Freire (2014) nos leva a pensar sobre a atuação docente:

[...] meu papel como professor, ao ensinar o conteúdo a ou b, não é apenas o de me esforçar para, com clareza máxima, descrever a substantividade do conteúdo para que o aluno o fixe. Meu papel fundamental, ao falar com clareza sobre o objeto, é incitar o aluno a fim de que ele, com os materiais que ofereço, produza a compreensão do objeto em lugar de recebê-la, na íntegra, de mim. Ele precisa de se apropriar da inteligência do conteúdo para que a verdadeira relação de comunicação entre mim, como professor, e ele, como aluno se estabeleça (FREIRE, 2014, p. 115-116).

Com base nesta ambiência, a turma do 7º ano, mediada pela professora Regina, selecionou o Objetivo 12, Desenvolvimento Sustentável, que trata de assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis, estabelecendo a urgência da redução da nossa pegada ecológica ao transformar a forma como produzimos e consumimos bens e recursos. É importante ressaltar que a temática escolhida pela turma foi desencadeada a partir dos questionamentos realizados pelo aluno Allyson: *“Quanto pagamos por cada produto que consumimos? Quanto de vida estamos trocando por isso? Quanta vida tem em cada atitude*

nossa? O que a natureza espera de nós?”

Vejamos, a seguir, como se deu o início do processo, quando a professora abriu o debate para a turma, a partir do tema geral estabelecido pelos grupos de escuta dos professores para o grupo de escuta dos alunos com o intuito de delimitar a temática e, finalmente, sistematizar melhor os trabalhos nesse sentido.

Com o objetivo de abordar de forma mais ampla o tema do desenvolvimento sustentável para daí delimitar um dos ODS - Objetivos do desenvolvimento sustentável, a professora pensou em todos os detalhes, conforme notas do diário de campo que apresento a seguir:

O que é essencial para viver

Antes mesmo de iniciar a aula, a professora realizou a ambientação da sala: Toalha no centro da sala com o mapa do mundo desenhado nela, para assim construir um ambiente prazeroso e instigador.

Após a ambientação, os alunos adentram na sala em silêncio. Na sala, o som de um coração pulsando. Todos sentam ao redor da toalha e depois de alguns segundos, a professora coloca sobre a mesma, uma tarjeta com o seguinte questionamento: “O que é essencial para viver?”

Passados alguns segundos, a professora desliga o som, distribui tarjetas e pincéis para os alunos e pede que, em silêncio, eles respondam com uma palavra ou frase a pergunta da tarjeta maior. Em continuidade, inicia-se uma roda de conversa. Cada aluno lê e explica o que colocou na sua tarjeta. Os outros colegas escutam e expõem suas ideias, sugestões.

Diário de campo: 30/05/2019

As figuras abaixo ilustram como a professora organizou o ambiente da sala de aula para a introdução da temática: O que é essencial para viver?

Figura 8 - Ambientação da sala de aula



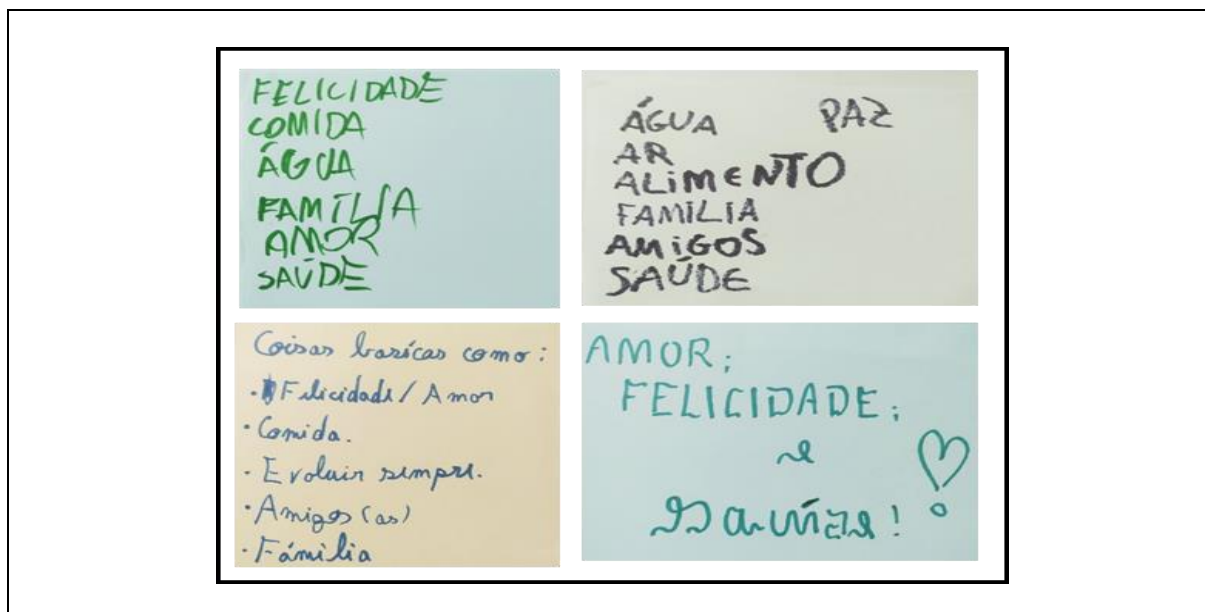
Fonte: Da pesquisadora (2019).

É interessante observar como a ambientação, ainda que simples, fez toda diferença em sala de aula, além de quebrar a rotina e surpreender os alunos. Essa estratégia de colocá-los em círculo desencadeia um clima de espontaneidade para gerar ideias e interações do que se pretende abordar. No entendimento de Zabala (1998),

(...) o centro de atenção já não é o que há no quadro, mas o que está acontecendo no campo dos alunos. Este simples deslocamento põe em dúvida muitas das formas habituais de se relacionar em classe e questiona consideravelmente o cenário (p. 130).

Nesse sentido, Zabala (1998) aponta a necessidade de descentralização da figura do professor, direcionada à intervenção voltada ao aluno, tendo como foco também a organização dos espaços, que desloca o protagonismo da figura do professor para o aluno. Neste contexto, os alunos observam atentamente a proposta da professora e logo se dispõem a responder ao questionamento, nas tarjetas, conforme exposto na Figura 9.

Figura 9 - Tarjetas com as respostas dos alunos



Fonte: Da pesquisadora (2019).

Conforme a figura, as respostas foram as mais diversas. A maioria apontou necessidades básicas como água, ar, alimentação. Todavia, alguns foram mais longe, mencionando outros elementos como amigos, família e casa. Outros, ainda, apresentaram uma perspectiva mais subjetiva, ao apontarem a humildade, a felicidade, a saúde, a alegria, como fatores essenciais para a vida. Surpreendi-me com as respostas apresentadas pelos alunos, que, em nenhum momento, apontaram como essencial possuir um celular, carro, roupa, brinquedo, dinheiro, ou outros recursos materiais. É essa a importância de realizar uma tarefa de forma coletiva, em que cada um se apropria do saber do outro e assim amplia sua visão de mundo, o que favorece a reconhecimento dos saberes, além das “possibilidades de troca, colaboração, coprodução e compartilhamento entre pessoas com habilidades diferentes e objetivos comuns trazerem inúmeras oportunidades de ampliar nossos horizontes, desenhar processos...” (MORAN, 2018, p. 08).

No entendimento de Freire (1989), só existem saberes na invenção e na reinvenção, na busca inquieta e permanente que os homens fazem no mundo e com os sujeitos. A atitude do professor, observada nessa atividade, abriu um leque de possibilidades de construção de conhecimentos. Nesse contexto, professor e aluno ensinam e aprendem de forma significativa e recíproca.

A professora dá continuidade à discussão, conduzindo a turma para a reflexão sobre como viver sem impactar o meio ambiente. Essa atividade foi realizada no mesmo dia,

quando a professora dispôs, no centro da sala, uma jarra com chá natural e uma caixinha de chá industrializado, além de uma faixa provocativa com a frase: “O preço de qualquer coisa é a quantidade de vida que você troca por isso” (THOSEAU, 2018, p. 23). O intuito era o de refletir sobre o processo de produção dos produtos, problematizando a quantidade de pessoas envolvidas em toda cadeia de produção de um produto. A figura a seguir ilustra alguns momentos dessa problematização.

Figura 10 - Problematização do processo de produção do chá



Fonte: Da pesquisadora (2019).

Silenciosos e atentos, os alunos foram provocados pela professora que indagou o que a turma havia entendido da frase exposta. A seguir, a transcrição de uma das filmagens que aborda o início da roda de conversa.

“Professora, todo chá é natural, vem da natureza” (Bernardo).

“Só a caixinha é que não é natural, o que tem dentro da caixa é natural” (Maria Clara).

“Podemos até pensar que o chá é natural, mas, existe um processo para fabricar, de transportar, até essa caixinha chegar as nossas casas”! (Alysson).

(Continua...)

(Conclusão)

“Seria natural se retirássemos diretamente da planta para fazer o chá, ou, o suco”!
(Levi).

“Nem tudo que compramos como natural é realmente 100% natural” (Clarissa).

A professora então indaga:

“Como vocês pensam ser o processo de produção do chá industrializado? E o natural? Quantas pessoas estiveram envolvidas nessas produções para que este chá estivesse aqui? Qual o impacto ambiental de optar por consumir um chá natural? E quanto ao industrializado? Que tipo de trabalhos foram envolvidos nesses processos?”

A professora Regina, então, apresenta aos alunos os elementos econômicos, sociais, ambientais e culturais inseridos no contexto da cadeia produtiva do chá em questão, o que cria um ambiente de reflexão sobre os impactos da pegada ecológica⁵ da caixa de chá apresentada:

“Percebam que este chá é produzido pela fábrica Dr. Oetker; é beneficiado no Sudeste e vem para o Crato de caminhão; é embalado em plástico, papel e papelão e precisou do trabalho de muitos profissionais para que chegasse até nós agora. Vocês sabem o que é pegada ecológica? É a quantidade de recursos naturais utilizados para que determinado produto ou ação humana sejam produzidos. Vocês acham que a pegada ecológica desta caixa de chá é alta ou baixa?”

“Acho que é alta, porque envolve todos esses as questões que você falou, professora! Vocês concordam? O que acham disto?” (Francisco)

Clarissa fala: *“Professora, pensando em termos de impacto no meio ambiente. Consumir um chá que eu planto em casa tem impacto quase zero na frente de uma caixa de chá que eu compro do Supermercado e vem lá do Sudeste”.*

A professora, então, diz: *“Vejam o exemplo da colega. Vocês percebem que ao optar pelo consumo de um produto natural eu praticamente anulo o impacto de meu consumo?”*

Após, faz a seguinte síntese: *“é preciso que a gente reflita sobre o nosso poder de escolha enquanto consumidor e os impactos disto no meio ambiente e na dinâmica da cadeia produtiva de qualquer produto”.*

⁵ Pegada ecológica: é o impacto, rastros ou as consequências deixadas pelas atividades humanas (comércio, indústria, agricultura, transportes, consumo) no meio ambiente. Quanto maior a pegada ecológica de uma atividade, mais danos causados no meio ambiente.

Nessa atividade, o que chamou mais a atenção foi a competência da professora em favorecer uma discussão de tamanha relevância, porém num clima descontraído em que os alunos usaram coerentemente a autonomia dada, o que permitiu diferentes reflexões acerca da proposta em discussão. Essa autonomia permite que o aluno gerencie sua aprendizagem e aprenda a aprender de forma significativa.

Também observei a progressão nas abordagens, que iniciaram timidamente, mas logo as questões foram sendo aprofundadas. Nesse sentido, o chá deixou de ser uma simples embalagem e passou a desencadear reflexões significativas em torno do impacto ambiental, que, a princípio, revelava-se indiscutivelmente natural.

A partir de um processo de ensino dialógico, a professora desenvolveu condições e possibilidades para que cada aluno manifestasse sua forma de pensar, de problematizar, de refletir, realizando uma nova síntese, a partir da tomada de decisões em coletividade. Por isso,

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem, tampouco, tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 1987, p. 51).

A ação da professora não se resumiu à transmissão de conhecimentos aos alunos, mas permitiu, no espaço educativo, a desconstrução e a reconstrução de conhecimento, dos quais ela não era a detentora, tampouco os alunos foram vistos como folhas em branco, mas como sujeitos históricos, que, a partir do que já conheciam, ampliaram seus pontos de vista, configurando uma prática de Ensino Ressocializador. Na perspectiva de Souza (2007), tais práticas se realizam no contexto escolar, a partir da construção de conhecimentos, quando os indivíduos constroem novos saberes, sentimentos e ações, passando a realizar novas leituras do mundo, até mesmo do seu próprio mundo, e a apresentar transformações nas atitudes, na vida.

Ressalto que as “transformações de atitudes” referidas por Souza (2007) não foram constatadas nesse momento da atividade, uma vez que a professora organizou-a em diversas etapas, conforme verificado na sequência didática.

Em outra aula, a turma foi dividida em pequenos grupos para discutirem as seguintes questões: Como podemos viver sem gerar grandes impactos ao meio ambiente? O que sabemos sobre as mudanças climáticas? Quais as ligações entre o nosso jeito de viver e as

mudanças climáticas? Como nossas escolhas de consumo impactam as mudanças climáticas?

A professora teve a habilidade de agrupar os alunos com maior facilidade no aprendizado com aqueles que não apresentavam o mesmo ritmo, favorecendo a cooperação e o respeito às diferenças em que os alunos se ajudam mutuamente, ao considerar que é “cada vez mais importante a comunicação entre os pares, entre iguais (...), trocando informações, resolvendo desafios, realizando projetos, avaliando-se mutuamente” (MORAN, 2018, p. 11).

Enquanto os alunos registravam suas respostas nos cartazes, a professora acompanhava e orientava os grupos, tirando dúvidas e sugerindo a pesquisa em determinados *sites* através dos *smartphones*, para que conseguissem melhor envolvimento com o estudo da temática. Na figura abaixo, alguns momentos da realização da atividade, a interação e o envolvimento dos alunos e da professora durante o desenvolvimento da mesma.

Figura 11 - Atividade em grupo



Fonte: Da pesquisadora (2019).

Os alunos, ao produzirem os cartazes, envolveram-se bastante com o tema, demonstrando familiaridade, sendo travados muitos diálogos entre os grupos. Acompanhando os grupos, tive a oportunidade de ouvir as discussões e a exposição dos pontos de vista sobre como o homem, através de suas ações, provoca impacto ambiental, que pode ser positivo ou não. Tendo uma aproximação com a pesquisa-ação, envolvi-me mais ativamente nos grupos, expressando a minha opinião, fundamentada em leituras teóricas da área. Mencionei a ecologia integral, segundo a qual não se permite mais abordar as questões ambientais apenas pelo viés dos recursos naturais.

O mais empolgante da atividade foi constatar a preocupação dos alunos com o futuro do planeta e verificar que esse tipo de ações integra o currículo educacional. Capra (2006) ressalta em seus estudos a importância da formação de uma “consciência ecológico-crítica”, situando a escola como essencial para a formação de sujeitos ecológicos.

Sabemos que o problema ambiental é histórico, único e categórico para o futuro e a existência de vida na Terra. É importante compreender que as alternativas já buscadas para solucionar essa crise muito pouco contribuíram. É necessária a invenção de propostas inovadoras e transformadoras que visem uma nova direção, principalmente, a partir da educação. No entendimento de Capra (2006):

O conflito entre economia e ecologia surge porque a natureza é cíclica, enquanto os processos industriais são lineares. A indústria transforma recursos naturais em produtos com acréscimo de detritos e vende esses produtos a consumidores que, ao consumi-los, geram mais detritos. O princípio ecológico “detrito igual a comida significa que – para um sistema industrial ser sustentável – todos os produtos e materiais e manufaturados, como também os detritos gerados durante os processos de manufatura, têm que acabar provendo alimento para algo de novo (p. 54).

Em relação ao que o autor aborda, os alunos comentaram que, infelizmente, na grande maioria das vezes, os impactos são negativos, causando a deterioração e a poluição do ambiente; que o consumismo influencia as mudanças climáticas com queimadas e com a extração dos recursos naturais. Percebi que a temática despertava o interesse em estudá-la, que já fazia parte da rotina educativa desses educandos. Falas como, “*Ah, eu já vi isso no ano passado*” ... “*Eita... a gente pensa que isso é brincadeira, né? Mas é muito sério!*”, foram ganhando forma até sistematizarem as ideias nos cartazes, socializando-as para toda a turma.

A prática de ensino da professora Regina, ainda que com aspectos a serem melhorados, como, por exemplo, escutar uma concepção equivocada dos alunos sobre determinado assunto e não problematizar as informações que eles compartilham em sala de aula, configura-se como uma ação coletiva com intencionalidades próprias, que potencializam a formação dos indivíduos, atendem às suas necessidades num determinado contexto social e histórico, permitem que se apropriem de conhecimentos, ressignifiquem a sua compreensão do mundo e da sociedade, criando, assim, condições de exercerem a cidadania.

Nesse sentido, Freire (2006) sustenta que a educação é um processo de humanização, de inclusão e de transformação do mundo, que advém de diversos contextos sociais, entre os quais se destaca a escola, em termos institucionais e temporais, com funções sociais características, que se consolidam na efetivação das práticas e do currículo, ambos envoltos e

organizados para a mesma.

Diante da provocação realizada pela professora, o diálogo foi ampliado, gerando a compreensão de que “o preço de qualquer coisa é a quantidade de vida que você troca por isso” (THOSEAU, 2018, p.23) está relacionado à cadeia de produção e ao impacto ambiental causado pelo processo de produção.

Passado esse primeiro momento da apresentação da temática do desenvolvimento sustentável, a condução das práticas de ensino foi sendo direcionada para a delimitação do tema eleito para o conteúdo educativo da escola, no caso, os ODS (Objetivos de desenvolvimento sustentável). A intenção da professora era apresentar todos os itens desses objetivos para que a turma escolhesse um a ser aprofundado e discutido através de diversas fontes de pesquisa e, dessa feita, emergir uma problemática para o encaminhamento de soluções a partir das intervenções pensadas e realizadas pelos alunos envolvidos, o que corresponderia à vivência dos processos de reconhecimento e de reinvenção, respectivamente.

Em outro momento da aula, a professora apresentou um vídeo sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e explicou que são estabelecidos para determinar uma agenda na qual serão concentrados esforços para melhorar nosso mundo até 2030. Após a apreciação do vídeo, a professora fixou, no mural, os 17 objetivos e dividiu os estudantes em grupos para que eles apontassem os problemas que eles observam em suas próprias comunidades. Os alunos criaram listas de problemas que identificaram na sua própria cidade, inspirados pelo vídeo. Ao passar pelos grupos e constatar que muitos já os haviam elencado, a professora provocou alguns questionamentos para que a turma estabelecesse conexões entre os problemas apontados com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Na apresentação dos grupos, a professora foi associando as problemáticas apontadas com os ODS expostos no mural, o que permitiu que todos percebessem a reincidência dos problemas, chegando à conclusão de que de todas as situações apontadas destacava-se a questão do consumismo exacerbado, o que condizia com o ODS de número 12: “Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis”. Assim, em comum acordo, ficou estabelecido que o 7º ano trabalharia o consumo e a produção sustentável.

O aluno Állyson, por exemplo, através da mediação da professora, buscou conhecer o

documento Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável⁶, segundo a qual, para ter um mundo sustentável, é imprescindível tomar medidas ousadas e transformadoras. O aluno percebeu que o documento oferecia orientações que contribuíam com o contexto de aprendizagem no qual estão imersos.

A gente precisa pensar e colocar em prática, ideias que ajudem no desenvolvimento da nossa sociedade de um jeito que não prejudique a natureza. Todos precisam fazer a sua parte: governos do mundo todo, as pessoas de todos os lugares. Nunca paramos pra pensar que fazemos coisas pequenas nas nossas vidas diariamente, e que impactam o meio ambiente. Esse é um dos problemas, pensamos que os outros fazem algo errado, nunca nós, não pensamos nas nossas ações, no nosso jeito de viver. A nossa forma de viver, tem tudo a ver com a maneira que o ambiente está. Quanto pagamos por cada produto que consumimos? Quanto de vida estamos trocando por isso? Quanta vida tem em cada atitude nossa? O que a natureza espera de nós?

(Transcrição da filmagem de 20/05/2019)

A partir das colocações apresentadas pelos alunos, foram geradas novas informações sobre o assunto. Acredito que tenha sido um dos momentos mais importantes, pois, dependendo do processo, os alunos revelarão interesse ou não pelo que vai ser estudado. É um momento de problematização entre os conhecimentos apresentados pelo professor e os trazidos pelos alunos. Quanto maiores e mais ricas as experiências apresentadas no processo de ensino, melhores serão as análises dos saberes. É evidente que um ou outro aluno sempre se dispersa no decorrer desse processo, necessitando a professora chamar a atenção para reestabelecer a apreensão das informações. Afinal, o clima é de problematização e de raciocínio, daí que é preciso o envolvimento de todos nesse percurso reflexivo, uma vez que, no entendimento de Souza (2004), a prática de ensino ressocializadora se efetiva quando a professora provoca no aluno a transformação na forma de pensar, de agir; a consciência de si próprio, despertando a reflexão sobre novas realidades, que, ao serem modificadas, adquirem outras interpretações e configurações.

⁶ Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável: é um plano de ação para as pessoas, o planeta e a prosperidade, que busca fortalecer a paz universal. O plano indica 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, os ODS, e 169 metas, para erradicar a pobreza e promover vida digna para todos, dentro dos limites do planeta.

Essa prática de ensino, ao provocar a transformação do pensar, do agir, promove a construção de conhecimentos, o que é conceituado por Freire numa dimensão humana, ao assegurar que o conhecimento

[...] não é um ato, através do qual, um sujeito, transformado em objeto, recebe, dócil e passivamente, os conteúdos que o outro lhe oferece ou lhe impõe. O conhecimento exige uma posição curiosa do sujeito frente ao mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Exige uma busca constante. Implica invenção e reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o mesmo ato de conhecer pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se, assim, percebe o 'como' de seu conhecer e os condicionamentos a que seu ato está submetido. Conhecer é tarefa de sujeitos e não de objetos. E é, como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer (1979, p. 28).

Dessa forma, o processo de ensino que socializa os saberes vai além das estratégias da aula. Não se trata somente do domínio didático e metodológico desta ação ontológica, que envolve a dimensão humana e sua função histórica. Este domínio é essencial, porém, é visto na perspectiva da intenção educativa, da atitude do professor frente aos termos habitualmente usados por Freire, com a finalidade de expressar o desejo interno dos sujeitos de transformarem a si mesmos e decomponem a sociedade em que vivem.

Seria como tirar o crédito dos conhecimentos para depois opor-se ou readmiti-los como no pensar cartesiano: “quanto a todas as opiniões que dera, até então, meu crédito, nada melhor podia fazer do que tentar uma boa vez tirar-lhe esse crédito, para adotar mais tarde outras melhores ou até as mesmas, depois de ajustá-las ao nível da razão” (DESCARTES, 2012, p. 12).

Assim, durante as observações, foi possível verificar que a professora Regina provoca os alunos a partir das indagações, com a atitude de não dar resposta, mas, sim, de questionar, de refletir e de acompanhar a estrutura do raciocínio do aluno. Isso foi perceptível desde o início, na organização provocativa do ambiente, nos questionamentos realizados, no desenvolvimento das atividades e no modo como escuta os alunos. Essa postura da professora ainda não garantiu uma participação total da turma. Muitos alunos ficaram um pouco distantes, próprio de uma turma com diferentes alunos, com diversas e divergentes motivações, fator que torna desafiante o Ensino Ressocializador.

3.1.2.3 A interligação entre conteúdos ressocializadores verificados no plano de aula e na prática da professora investigada

Como os conteúdos ressocializadores ocorrem em três dimensões, educativa, instrumental e operativa, verifiquei como a professora faz a conexão do conteúdo educativo com o instrumental. Conforme o plano de aula, o conteúdo ministrado na unidade é interpretação de textos de diferentes gêneros textuais. Compreendi como se dava a conexão, quando a professora, num dado momento da aula, apresentou um texto sobre consumo e sustentabilidade, do autor Jacobi (2003) e propôs um trabalho individual de leitura e, em seguida, a resolução de alguns questionamentos de interpretação do texto, utilizando o aplicativo Kahoot, uma plataforma de ensino que funciona como um *gameshow*. Os professores elaboram questionários de múltipla escolha e os alunos participam *online*, cada um com seu dispositivo, computador, *tablet* ou celular. Podemos conferir essa atividade na figura abaixo.

Figura 12 - Atividade Kahoot



Fonte: Da pesquisadora (2019).

Uma aula com investidas tecnológicas mudou significativamente a motivação dos alunos. O contato com essas plataformas digitais, além de dinamizar a aula, permite um aprendizado mais amplo e mais ativo.

Com o Kahoot, os alunos passaram por um processo em que, de acordo com Freire (1989), a leitura de mundo antecedeu a leitura da palavra, ou seja, após a problematização da questão social acerca da sustentabilidade planetária, os alunos entraram em contato com a linguagem escrita. No entanto, essa palavra, esse texto adquire, agora, uma significação que extrapola o seu caráter metalinguístico para assumir uma dimensão mais social, permitindo que os alunos confrontem o que viram, falaram e ouviram ao lerem o material. Conforme Quintás (2004), precisamos conhecer o veículo expressivo (conteúdo instrumental) não só para ler as palavras, mas também para ler o mundo.

Ainda, no processo de reconhecimento, o entendimento do tema em estudo possibilitou ao aluno pensar em saídas para a problemática do impacto do consumismo. Nesse sentido, a minha sugestão de mostrar o vídeo, A História das Coisas, prontamente aceita pela professora que redimensionou o seu planejamento, proporcionou novas perspectivas às reflexões até ali abordadas. História das Coisas é um documentário de 20 minutos, produzido pela ambientalista e ativista americana Annie Leonard, The Story of Stuff, que aborda o consumo exagerado de bens materiais e o impacto negativo desse consumo no meio ambiente. O referido documentário apresenta de maneira didática todo o processo que vai desde a extração da matéria, a confecção do produto, venda, compra e falsa ideia de necessidade, até o descarte e a poluição. Alerta sobre como os resíduos tóxicos prejudicam o ambiente, levando os alunos a questionarem os costumes e as formas errôneas de consumo.

A professora Regina, após ter apreciado o documentário, solicitou que os alunos assistissem ao referido vídeo, que seria enviado ao grupo de WhatsApp da turma. Eles deveriam assistir ao vídeo e refletirem sobre o tema, para, em aula, debaterem o assunto. Disponibilizou um roteiro para facilitar a reflexão, abordando a relação entre a exploração de material, o consumismo, a produção em excesso, o uso dos recursos naturais, consumo com racionalidade, a utilidade dos produtos, os resíduos e a reciclagem.

A estratégia didática da professora evidencia que podemos ampliar a discussão sobre o Ensino Ressocializador na perspectiva do *ensino híbrido*, pois a educadora vale-se dos recursos tecnológicos móveis para redesenhar os percursos de aprendizagem, de modo que “o

ensinar e o aprender acontecem em uma interligação simbiótica profunda e constante entre os chamados mundo físico e digital (...), uma sala de aula ampliada que se mescla, hibridiza constantemente” (MORAN, 2015, p. 39). Além do uso de tais recursos, a professora, de forma inovadora, propõe o desafio aos alunos de assistirem ao vídeo em casa, para poder utilizar o tempo em sala de aula para esclarecer conceitos não compreendidos. Lançou mão da “Sala de aula invertida”, uma metodologia ativa de aprendizagem que vem ganhando força e adesão nos espaços educacionais, nesses últimos anos. Basicamente, “o conceito de sala de aula invertida é o seguinte: o que tradicionalmente é feito em sala de aula, agora é executado em casa, e o que tradicionalmente é feito como trabalho de casa, agora é realizado em sala de aula” (BERGMANN, 2018, p. 11). É importante frisar que, na perspectiva da “sala de aula invertida”, é de suma importância que o professor estabeleça um roteiro para a apreciação dos vídeos em casa, a fim de nortear os objetivos pretendidos com esse tipo de atividade. Assim procedeu a professora Regina, ao definir um roteiro com a antecipação dos objetivos de aprendizagem a serem seguidos pelos educandos.

Numa roda de conversa realizada em sala de aula no dia seguinte, a professora colocou no centro da roda uma calculadora e explicou que o objeto, fabricado na China, fora comprado de um camelô no centro da cidade. Em seguida, questiona: “De que forma o vídeo, ‘História das Coisas’ ajuda a mudar a forma como vemos esta calculadora?”.

Pedro pede a palavra e responde que o filme ajuda a “entender o impacto ambiental de um produto que vem da China e quebra com dois dias de uso”. Pedro diz:

“Isso é obsolescência programada. Eu não sabia o que era e fui pesquisar. Obsolescência programada são os produtos que são feitos para ficarem obsoletos rapidamente. Por exemplo: um computador que quebra e quando você vai consertar não vende mais a peça. Aí você tem que comprar outro!”

A professora, então, retoma a palavra e questiona: “Nós somos escravos da obsolescência programada ou podemos, através de nossas escolhas, mudar esse padrão de consumo?”.

O mesmo aluno manifesta-se dizendo:

“Eu acho que se a gente pensar ao consumir, a gente não vira escravo! Eu fiquei pensando no meu celular Queria trocar esse ano, mas ainda está em bom estado e tem uma boa memória. Não precisa trocar agora, né? Mesmo a propaganda dizendo que o novo lançamento faz isso e aquilo, vou ficar com o meu!”

A colocação do aluno Pedro evidencia o processo ressocializador. Em primeiro lugar,

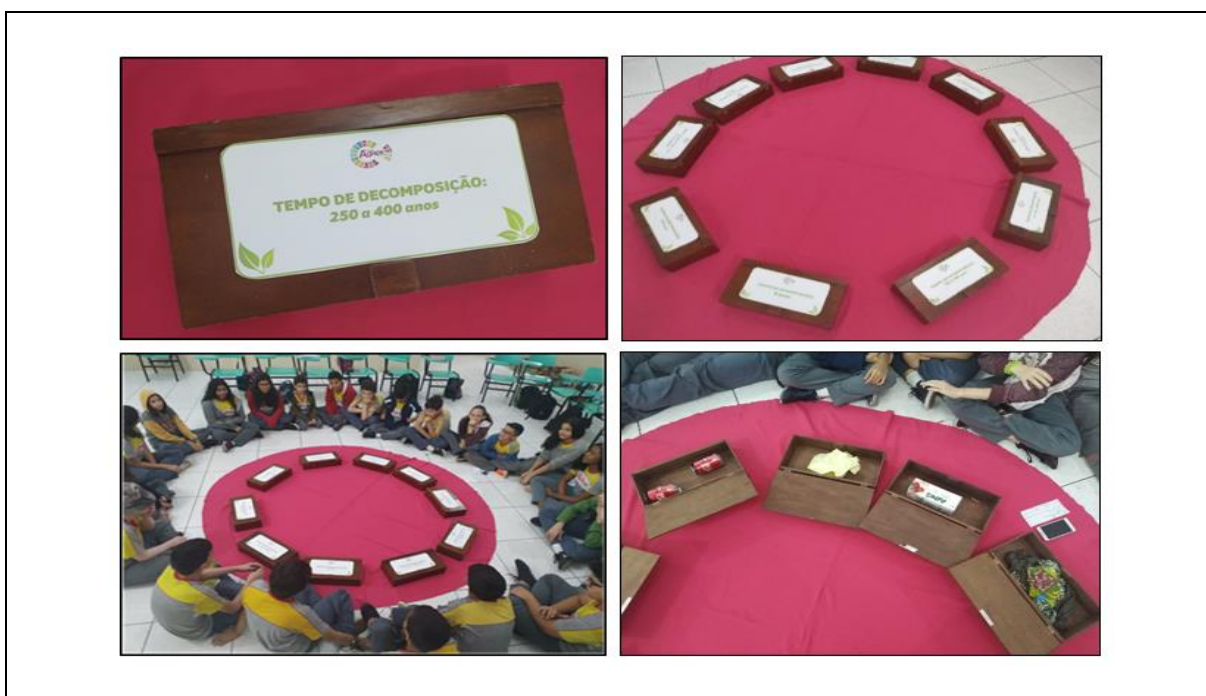
houve o ato recognitivo, quando se refere à “obsolescência programada”. Além de dizer que pesquisou o significado, usa pertinentemente o termo, textualmente, num contexto adequado. Em segundo lugar, ao decidir não mais trocar seu celular, é notável o ato de reinvenção, ou seja, evidencia a transformação e a mudança de atitude, o que, para Souza (2004, p. 145), corresponder a dizer que “a reinvenção exige, do sujeito que reinventa, uma abordagem crítica da prática e da experiência a ser reinventada”.

A professora Regina continua instigando reflexão sobre o vídeo e a aluna Catarina intervém na discussão também de forma recognitiva:

“Professora, eu fiquei pensando depois do filme que quanto mais barato um produto, maiores as chances de ser feito pelo trabalho escravo e com muita destruição ambiental. Aí fiquei pensando naquelas roupas que são vendidas por 20 reais, 30 reais lá no Centro e você vai ver a etiqueta e é feita na China. Como pode uma roupa que vem da China custar tão barato. E o custo do transporte? Do trabalho das pessoas? E olha que ainda tem o lucro do vendedor!” (Catarina).

A docente retoma a palavra e diz que, para dar continuidade à atividade, necessita de ajuda para a preparação do ambiente. Entregou uma toalha redonda que foi colocada no centro do círculo e, sobre ela, várias caixas de madeira com tarjetas coladas na tampa indicando o tempo que o objeto que estava dentro da caixa levaria para decompor-se. A figura a seguir mostra a preparação do ambiente para o desenvolvimento da atividade.

Figura 13 - Preparação do ambiente



Fonte: Da pesquisadora (2019).

Dando continuidade à atividade, a professora Regina ressaltou que:

O vídeo História das Coisas também discutiu sobre a geração de resíduos em larga escala, grande parte dos materiais pode levar dezenas e até centenas de anos para se decompor na natureza, o solo pode ficar poluído ou contaminado durante muito tempo. Quanto maior o tempo de decomposição, maior o prejuízo. Vocês sabem qual é o objeto que necessita de 250 a 400 anos para se decompor?

(Transcrição da Filmagem realizada em 05/06/2019)

Outras perguntas foram feitas, à medida que as caixas eram abertas, como podemos observar no vídeo contido no QR Code 2, abaixo.

Figura 14 - QR Code 2: Atividade com caixas



Fonte: https://drive.google.com/open?id=1_hJHHrLZa_Q7tlluUhRRvEGbGPasao-4

O vídeo mostra que essa atividade foi realizada de forma lúdica. Uma vez que os alunos gostam de atividades lúdicas, inúmeras competências e habilidades foram estimuladas; por isso, foi-lhes proposta uma ação educativa que propiciasse a espontaneidade e a diversão. Durante o processo, o recurso contribuiu para que os alunos se envolvessem de forma descontraída e ampliassem as noções que já tinham sobre o assunto, como no momento em que a caixa que continha um tecido de algodão foi aberta, conforme constatado no trecho seguinte da filmagem.

[...]

Prof.: *“E essa caixa a sua frente Saymon? Quantos anos esse material leva aproximadamente para se decompor?”*

Saymon: *“De 6 meses a um ano. Que objeto é esse? Alguém tem um palpite?”*

Pedro Levi: *“Papelão!”*

Catarina: *“Palito de fósforo!”*

Ana Clara: *“Lixo orgânico!”*

Lívia: *“Cigarro!”*

[...]

Prof.: *“Vamos abrir a caixa e verificar se alguém acertou”.*

Saymon: *“Ah! É um tecido! Ninguém conseguiu acertar”.*

Prof.: *“Na opinião de vocês, qual é a indústria que mais polui o meio ambiente?”*

Lívia: *“Com certeza deve ser a de petróleo!”*

Prof.: *“Essa resposta é fácil, mas, será que vocês sabem qual é o segundo lugar nesse ranking?”*

Pedro Levi: *“Indústria de cimento”*

Letícia: *“Indústria de carros”*

[...]

Prof.: *“Vou dar uma dica: tem relação com o objeto da última caixa que abrimos”.*

Clarissa: *“Indústria têxtil?”*

Letícia: *“Como assim?”*

Prof.: *“Pois é, a indústria da moda, de acordo com a matéria que li sobre o assunto, no Portal da sustentabilidade, a fibra sintética que é mais usada na indústria têxtil em todo o mundo requer, segundo especialistas, 70 milhões de barris de petróleo todos os anos. Mas o que é interessante pensarmos é que a indústria da moda envolve outras indústrias e setores como a eletricidade, a agricultura o transporte rodoviário, a produção de petróleo e a pecuária”.*

Bernardo: *“O poliéster é feito a partir de plástico que é um produto de petróleo. Não entendi onde entra a pecuária nesse negócio!”*

Francisco: *“Couro que é muito usado na indústria da moda vem do gado, sem falar nas lãs que são retiradas das ovelhas”.*

Bernardo: *“É mesmo! Tinha esquecido”.*

(Conclusão)

[...]

Prof.: *“Vocês sabiam que só 20 por cento das 175 mil toneladas de resíduos têxteis produzidos por ano no Brasil são reutilizados ou reciclados pelas indústrias do setor?”*

Clarissa: *“Estou pensando muitas coisas: a falta de planejamento dessas indústrias, a falta de respeito com a natureza e como também isso tem a ver com o consumismo. Quantas roupas temos sem necessidade”.*

[...]

Transcrição da filmagem de 10/06/2019

Questionamentos, dúvidas, hipóteses e palpites foram dando vida àquela aula instigante, que descortinou saberes, confirmando o argumento de que “quanto mais pomos em prática de forma metódica a nossa capacidade de indagar, de comparar, de duvidar, de aferir, tanto mais eficazmente curiosos podemos nos tornar...” (FREIRE, 1999, p. 69). Foi o que a aluna Clarissa e alguns outros colegas deixaram implícito nas suas reflexões, ao dizerem que as indústrias têxtil e da moda precisam de incentivos, conscientização e regulamentação para lidar com o problema dos resíduos de tecidos; que precisam repensar o modelo atual de produção aderindo a uma forma sustentável, e, sobretudo, afirmam que devem fazer a sua parte, repensando a forma de consumo e o reaproveitamento das roupas. A partir dessas reflexões, percebemos o percurso do conhecimento desses alunos que, de um saber superficial, passaram a estabelecer um conhecimento mais sistemático, ou, como ressalta Freire (1999), a superação, e não a ruptura da curiosidade ingênua para a epistemológica.

Com essa experiência, a professora Regina, didaticamente, apresenta formas de superação de modelos de consumo: o consumo de produtos locais, o Locavorismo⁷; o upcycling⁸; compras em brechós; as feiras de trocas; o movimento “Compre de quem faz!”, entre outras iniciativas de consumo consciente.

De acordo com Souza (2007), para que se efetive o processo de ensino, é necessário incrementar as práticas com instrumentos interativos e dialógicos, dinamizando a participação nas atividades, suscitando a problematização dos conhecimentos que o aluno já traz das experiências cotidianas. Essa problematização de saberes é que institui o aprendizado e, conseqüentemente, ocorre a constituição de novos conhecimentos, que passam a ser

⁷ Locavorismo: Trata-se de um costume que tem virado tendência pelo mundo afora, que consiste em consumir apenas alimentos produzidos próximos ao lugar onde você está.

⁸ upcycling: Aproveitar algo sem valor comercial que seria descartado e transformá-lo em algo diferente.

valorativos se colaborarem para a humanização do sujeito.

Conforme o exposto acima, a postura da professora permite concluir que, quanto mais o professor compreende e permite a autonomia do aluno na sua prática de ensino e realiza a problematização de saberes, maiores serão seus avanços, pois terá mais curiosidade e se sentirá seguro para expressar o que sabe e o que deseja aprender.

Assim, organizar uma prática de ensino é, sem dúvida, conceber o aluno como um sujeito em constante construção e transformação, que promove significados à sua humanidade.

Ademais, é de suma importância o professor favorecer oportunidades aos alunos para manifestarem suas apreciações, estimulando e mediando a construção de seus próprios conceitos, atitudes e habilidades, conforme a professora enfatizou numa de nossas entrevistas:

“Tento fazer com que meus alunos pensem, reflitam e saibam discutir sobre as informações recebidas. É muito gratificante ver esse movimento dos alunos estudando, conhecendo, interagindo dessa maneira e refletindo os seus papéis como cidadãos para pensar em um mundo melhor. Eles precisam conhecer e aprender que existem possibilidades para que eles coloquem em prática seus anseios”.

Ao afirmar que leva os alunos a pensarem, a professora deixa implícito que, em primeiro lugar, ela passa por esse crivo reflexivo ao organizar um conteúdo para seus educandos. Não podemos falar em Ensino Ressocializador sem levar em conta esse constante exercício de busca, de trocas, em que um professor pode ser surpreendido por seus alunos quando, a partir de suas pesquisas, podem trazer dados novos, desconhecidos do professor. Daí se constitui a verdadeira relação dialógica na qual insiste Freire, acrescentando que “o que importa é que professores e alunos se assumam epistemologicamente curiosos (1999, p. 96).

3.2 Sou um agente de mudanças, sim! Por uma festa sustentável

Durante todo o trajeto da pesquisa, sempre retomava a questão relativa ao que constitui um Ensino Ressocializador com suas práticas recognitivas e reinventivas. Sei que há muito constatamos inquietações em relação ao o que, como e para que ensinamos. Educadores, pesquisadores têm-se dedicado a estudos para promover uma verdadeira reforma nas instituições e nas *cabeças* dos educadores, conforme assegura Morin (2004, p. 83): “Não se pode reformar a instituição sem uma prévia reforma das mentes, mas não se pode reformar as mentes, sem uma prévia reforma das instituições”. Assim, acredito que, para haver práticas

ressocializadoras, de fato, é preciso que as instituições abram suas portas e instiguem toda a comunidade escolar a buscar este objetivo. O Colégio Ágape, enquanto instituição educacional, propõe-se a aderir a esse conceito de ensino, superando desafios advindos dessa proposta de oferecer aos seus educandos espaços para uma aprendizagem significativa, que, na perspectiva de Rogers (2001, p. 01), trata de “uma aprendizagem que é mais do que uma acumulação de fatos. É uma aprendizagem que provoca modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação futura que escolhe ou nas suas atitudes e personalidade”.

Assim, depois de todo percurso de apropriação e de reapropriação de novos saberes sobre a relação consumo e sustentabilidade, vivenciados na sequência de aulas que ultrapassaram os limites didáticos, no desejo de conectar-se com os diferentes cenários do planeta e da cultura local, coloca-se o desafio de como consolidar atitudes de mudanças nos sujeitos envolvidos nesse trajeto.

Com a aproximação das festas juninas, tradicionalmente festejadas nas cidades interioranas, o Colégio Ágape, ao desenvolver ações de Ensino Ressocializador, insere-se nesse contexto, propondo que as comemorações desse evento cultural não percam de vista o conteúdo educativo do ano em pauta. Um desafio que também foi levado para a turma do 7º ano, a partir da interpelação de um aluno: “Por que não fazer um São João sustentável?”. A pergunta evocou possibilidades diversas para a realização de uma festa, que, a meu ver, ficou marcada em muitos dos envolvidos.

Foi nesse clima de entusiasmo que a professora Regina, ao desenvolver ações com foco no desenvolvimento sustentável, sugeriu que os alunos repensassem e redesenhassem a festa de São João, lembrando que, normalmente, as festas têm grande impacto ambiental por produzirem muitos resíduos, conforme se observa no final desses eventos. Assim, ela solicitou que os alunos pensassem numa festa em que se contemplasse o reaproveitamento de materiais tendo em vista a redução do consumo e, conseqüentemente, de descartes. Daí, emergiram outros desafios, determinando que as embalagens dos alimentos fossem sustentáveis e os ingredientes, orgânicos, localmente produzidos, a fim de poupar recursos necessários para transportar insumos por longas distâncias e ajudar as pequenas comunidades.

Novamente, a professora teria que conciliar o conteúdo educativo com o instrumental para daí resultar o operativo. Como o conteúdo instrumental abordasse os termos da oração:

sujeito e predicado e o gênero textual, *Canvas*, uma ferramenta desenvolvida pelo SEBRAE que propõe uma linguagem comum para descrever, visualizar, avaliar e alterar modelos de negócios. Nesse sentido, a professora expôs a estrutura e a finalidade desse gênero textual, enfatizando que o Canvas consiste num meio de apresentar os elementos principais da ideia de uma proposta de projeto, o que se enquadraria perfeitamente no que a turma pretendia fazer com a ideia do São João sustentável. Como toda turma também havia estudado o conhecimento linguístico, sujeito e predicado, a professora propôs um mapa aproximado do Canvas e que nesse modelo deveria constar quem fará e o que fará, a turma escolheria os sujeitos e a ação desses sujeitos, que, gramaticalmente, seria o predicado. Essa preocupação da educadora responde à indagação freireana, “Por que não estabelecer uma necessária ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?” (FREIRE, 1999, p. 34). Vejamos, então, o resultado desse planejamento apresentado na Figura 15.

Figura 15 - Planejamento através do Canvas



Fonte: Da pesquisadora (2019).

De posse dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, a turma foi dividida em pequenos grupos, para trabalharem (discussão e planejamento) o referido São João, a partir do Canvas, considerando os seguintes itens: Alimentação, transporte, decoração, comunicação e resíduos. Na Figura 17 e por meio do QR Code 3, os alunos podem ser observados realizando

a atividade com o instrumento aproximado do Canvas.

Figura 16 - QR Code 3: Atividade com o Canvas



Fonte: <https://drive.google.com/open?id=1qkYNCpyXxbHS5psLiG8Bttr9-NpI-J8>

Figura 17 - Desenvolvimento da atividade com Canvas



Fonte: Da pesquisadora (2019).

As discussões dos grupos fluíram de tal forma que surpreenderam ao apresentarem soluções viáveis para o problema apresentado que consistia em reduzir o maior número possível de resíduos no tão planejado evento. Ficou acordado que os bolos seriam caseiros e que seus ingredientes priorizassem produtos locais e que as embalagens fossem de papelão. A divulgação e os convites da festa seriam virtuais, através das redes sociais, a fim de evitar o desperdício de papel. Os copos descartáveis tão “indispensáveis” em eventos desse porte foram “descartados” para dar lugar aos copos retornáveis. Por meio do QR Code 4 e na transcrição da filmagem abaixo, podem ser observadas as soluções que os alunos

apresentaram para minimizar a emissão de CO₂ na atmosfera e a quantidade de resíduos gerados no evento.

Figura 18 - QR Code 4: Buscando soluções



Fonte: <https://drive.google.com/open?id=11BkjfJ9aKWk2UUB0Q3cQdLf-EbvE0o69>

“Realizar oficina de brinquedos utilizando as embalagens”.

“Os restos de comida devem ser compostados” (Aluno).

“Os alimentos não consumidos devem ser doados a instituições que os necessitam”.

(Aluno)

“Escolher materiais retornáveis”.

“Evitar copos, pratos, toalha de mesa, guardanapos e embalagens descartáveis”.

(Aluno)

“Evitar o uso de toalha de mesa descartável ou qualquer outro tipo de material não-reutilizável”. (Aluno)

“Colocar coletores de recicláveis por toda a área do evento. Dar preferência à coleta seletiva em parceria com cooperativas de catadores”.

“Usar as redes sociais para divulgar o evento, evitando o desperdício de papel”.

(Aluno).

“Incentivar a carona compartilhada”.

(Transcrição da filmagem de 12/06/2019)

O bom desempenho dos grupos na atividade resultou, em primeiro lugar, da condução prévia de traçar objetivos pontuais para a tarefa executada, considerando que

O êxito do grupo está em conseguir que todos os seus integrantes assimilem os objetivos de sua proposta e que aprendam com o grupo. O desenvolvimento das atividades deve centrar-se em uns ensinando aos outros, ou seja, mediante

colaboração mútua, de maneira que assimilem ideias e cada um absorva o conteúdo proposto (GONÇALVES, 2006, p. 54).

Ao ouvir as conclusões do grupo, a professora lembrou aos alunos que essa forma de pensar e de agir em relação ao São João do colégio “*são atitudes que promovem a mudança de hábitos de consumo e descarte e se estimula a produção e o mercado de produtos mais sustentáveis. Além de contribuir para a sustentabilidade planetária, melhoramos a nossa qualidade de vida*”.

Conforme percebemos, há um significativo avanço em direção a uma prática segura e qualitativa relativa ao Ensino Ressocializador. Não podemos deixar de ressaltar que a participação dos alunos, nessa etapa, foi bem mais ativa do que nas anteriores, uma vez que, nessa fase, o protagonismo desses educandos foi destacado, pois muitos tiveram a oportunidade de mostrar o seu potencial quando defrontados com ações e soluções desafiantes.

Finalmente, chegou o momento de colocar em prática todo o planejamento, com a distribuição de papéis e tarefas, de modo que cada grupo ficou responsável por uma ação específica. Um grupo ficou encarregado de ver a possibilidade de substituir os copos descartáveis. Em conversa com a coordenadora do colégio, foram orientados a solicitar, por meio de ofício, a doação dos referidos copos de outras instituições. O retorno foi surpreendente. Os alunos conseguiram toda a quantidade necessária de copos. Na Figura 19, a demonstração dos copos e das referidas instituições parceiras.

Figura 19 – Demonstração dos copos



Fonte: Da pesquisadora (2019).

No dia da festa, os alunos ainda pensaram na possibilidade de esses copos serem retornáveis para outros futuros eventos do colégio. Afinal, não podiam perder de vista o caráter da sustentabilidade, que perpassou todas as ações realizadas. Montaram, para esse fim, uma barracquinha no evento, conforme ilustra a figura abaixo.

Figura 20 - Barraca para recebimento dos copos retornáveis



Fonte: Da pesquisadora (2019).

Enquanto isso, outra equipe organizava a decoração com garrafas de vidro, fundamentados no mesmo propósito do reaproveitamento de materiais.

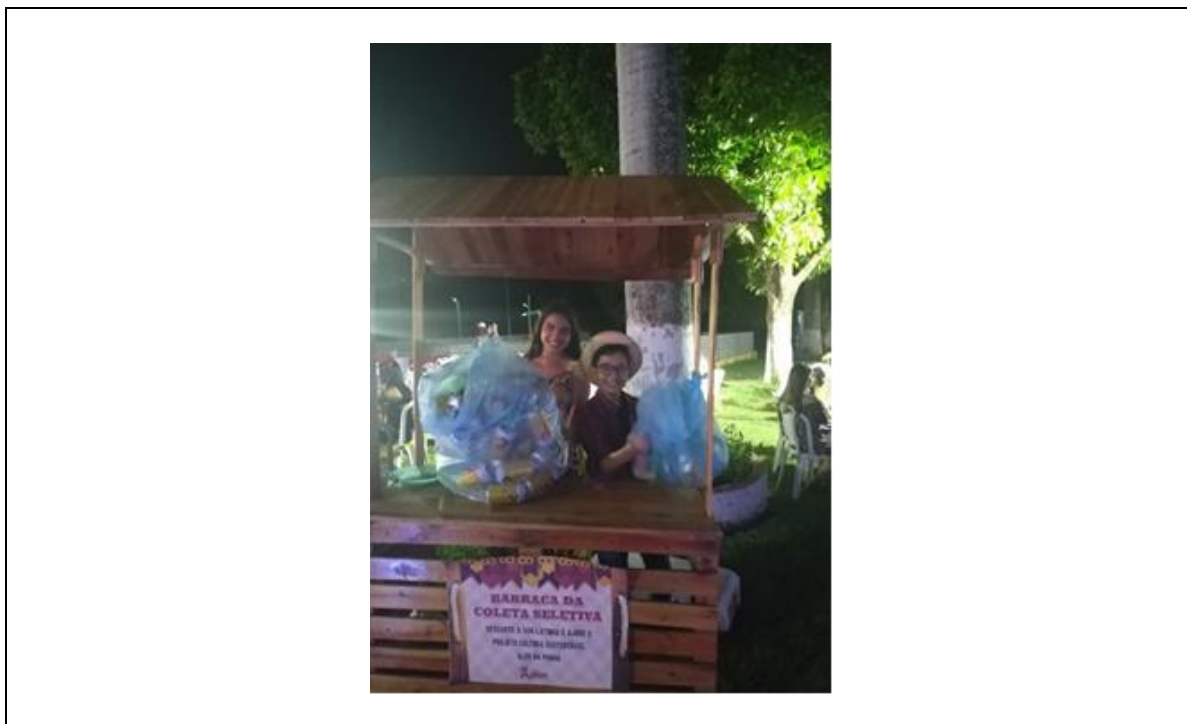
Figura 21 - Confecção da decoração das mesas



Fonte: Da pesquisadora (2019).

Outro grupo ficou responsável pelos resíduos propriamente ditos, ou seja, o lixo de toda a festa, que, embora reduzido, tinha que ter um destino correto. E, por que não, também ter uma barracinha para esse fim?

Figura 22 - Barraca da coleta seletiva



Fonte: Da pesquisadora (2019).

Após a arrecadação na barraca, foi a vez de executar a sugestão de um dos alunos de doar os resíduos recicláveis ao Projeto Cultura Sustentável, cujo objetivo é promover práticas de articulação comunitária e voluntariado que busquem o fomento à sustentabilidade humana, econômico-social e ambiental. Realiza, mensalmente, as Feiras Sustentáveis, que consistem num espaço no qual os moradores do bairro Alto da Penha, localizado na zona urbana do município de Crato - CE, trocam seus recicláveis por alimentos não perecíveis, frutas e verduras orgânicas. Os recicláveis são vendidos para a Associação dos Recicladores e a renda é destinada à compra de produtos para as Feiras. Foi dessa maneira que os resíduos tiveram o destino certo, sendo os objetivos previamente pensados, cumpridos, conforme apresentado na Figura 23.

Figura 23 - Entrega dos resíduos ao Projeto Cultura Sustentável



Fonte: Da pesquisadora (2019).

Como pesquisadora, entrei nesse percurso junto com a turma, observando cada ato de fala, cada discurso, cada ação, que, ainda que parecessem insignificantes, eram importantes para o meu olhar investigativo. Compreendia, assim, a tão defendida indissociabilidade e a não dicotomização entre teoria e prática, também tão defendida por Freire na maioria de seus escritos, porém ainda é desafiante sua concretização nos espaços educacionais, por nem sequer mudarem o discurso, muito menos, as práticas de ensino. A ousadia do 7º ano fez-me crer que uma outra educação é possível ao converter o colégio num espaço democrático, onde professor, aluno e diferentes saberes empíricos e científicos deram-se as mãos, assumindo, por vezes, as dificuldades que essa decisão implica.

Como pesquisadora crítica, não deixei de perceber as dificuldades, algumas superadas, outras, não, apesar dos esforços. Considerando que trabalhamos com seres humanos, na humanidade subscreve-se a inconclusão e a ausência de bons resultados. Assim, fragilidades existiram e persistiram, mas impulsionaram a revisão do trajeto em busca de um ensino inclusivo, crítico e por que não dizer, ressocializador. O que acompanhei e vivi não foi apenas um espetáculo pedagógico para satisfazer algum modismo em educação, mas um verdadeiro curso de passagem da reconhecimento para a reinvenção ao constatar as práticas inventivas e interventivas daqueles alunos sonhadores, que contribuíram de forma significativa para um mundo sustentavelmente melhor. No entanto, esse conteúdo operativo não parou por aí. Ainda o veremos consolidar-se em práticas empreendedoras, no próximo capítulo.

4 PRÁTICAS RESSOCIALIZADORAS GERANDO ATITUDES EMPREENDEDORAS

4.1 Concepções acerca de empreendedorismo

Conforme abordado no capítulo anterior, a prática de ensino desenvolvida pela professora se fundamenta na concepção de Ensino Ressocializador. Na perspectiva desse ensino, vale indagar: Qual o entendimento da professora Regina acerca do conceito de empreendedorismo? A prática de Ensino Ressocializadora gera atitudes empreendedoras? Como os alunos percebem as práticas de Ensino Ressocializadoras, adotadas pela professora? Como a professora reage às situações em que os alunos manifestam atitudes empreendedoras? Que atitudes são manifestadas através dessa prática de ensino? Esse capítulo será tecido levando em conta o descortinar desses questionamentos, que dialogam com os estudos teóricos acerca do ensino empreendedor.

São muitas as definições do termo empreendedorismo, possivelmente, resultado de contribuições de pesquisadores de distintas áreas do conhecimento. O conceito do termo empreendedorismo não é recente. Desde os primórdios da humanidade, há pessoas que sobressaem, inovando suas práticas ou produtos. A essas ações inovadoras dá-se o nome de empreendedorismo.

O termo empreendedorismo, frequentemente, é visto como estratégia de desenvolvimento social e de crescimento econômico. Dolabela (2003) aponta que o termo empreendedorismo tem sua ascendência no contexto empresarial. Dessa forma, ganhou a conotação voltada às iniciativas de negócios, em diferentes áreas. O empreendedorismo não deve ser utilizado somente no campo dos negócios e das empresas, pois o empreendedor é

mais que isso; é um ser social. O autor esclarece que o empreendedorismo ainda não é uma ciência, apesar de o tema estar, na atualidade, entre as áreas com grande volume de pesquisas e publicações.

Dornelas (2014) argumenta que, no empreendedorismo, a atitude é mais importante do que o conhecimento técnico; que os empreendedores são excêntricos e anteveem o futuro dos seus negócios, sua vida e sua comunidade; que têm a aptidão de arquitetar seus sonhos e tomar decisões na hora certa, até mesmo diante da diversidade e das adversidades. No entanto, existem caminhos a percorrer quando se trata de ensino empreendedor. Para adentrar mais nessa discussão, vejamos os conceitos de empreendedorismo e o seu entendimento nas práticas de ensino.

Acerca do conceito de empreendedorismo, Barreto (1998, p. 190) define que “empreendedorismo é a habilidade de criar e constituir algo a partir de muito pouco ou de quase nada”. O empreendedorismo, nessa perspectiva, pode ser entendido como o fazer acontecer com inventividade e motivação. Consiste em alcançar com inovação qualquer plano pessoal ou coletivo, desafiando constantemente as oportunidades e os riscos e assumindo um comportamento proativo diante de desafios que demandam soluções.

De acordo com Dolabela (2011), empreendedorismo é um neologismo introduzido na linguagem e no dicionário do português do Brasil pela bibliografia da área da economia. No senso comum, empreendedor é a pessoa com capacidade de inovar e de admitir riscos na efetivação de iniciativas. Significa protagonismo social dos indivíduos e comunidades na própria capacidade de estabelecer o seu desenvolvimento por meio da colaboração sistemática.

Filion (1999), por sua vez, apresenta duas correntes: a dos economistas, que associa o conceito à inovação; a comportamentalista, que destaca o aspecto criativo e intuitivo do sujeito empreendedor. Tais correntes se assemelham nos meios, mas divergem nos fins.

Martins (2010) afirma que os estudos no campo de empreendedorismo apontam que os sujeitos com propriedades ou espírito empreendedor apresentam uma nova visão de mundo, à medida que visualizam a evolução. Estimam seus conhecimentos, assumindo decisões apropriadas. Descobrem novos caminhos, determinam finalidades, novas trilhas e não temem o ponto de partida.

Os conceitos são os mais diversos, mas convergem na ênfase ao processo, ao ato de fazer. Dessa forma, a exigência de atributos como criatividade, flexibilidade, motivação contribui para a produção de novos conhecimentos. A partir dessa constatação, infere-se que a inserção do ensino empreendedor na educação escolar requer sujeitos empreendedores. É nesse sentido que a escola atua na formação desses sujeitos. Dessa forma, é o Ensino Ressocializador que reelabora e viabiliza a função social da escola ou, sendo mais precisa, na presente pesquisa, potencializa atitudes empreendedoras nos alunos, de tal modo que vincular o Ensino Ressocializador ao ensino empreendedor nos leva a pensar sobre ambos os termos.

Com base nos conceitos acima descritos, entrevistei a professora pesquisada, objetivando verificar sua percepção sobre empreendedorismo. Ela comentou que

“Empreendedorismo é pensar além, é aprender algo e já ir pensando no que pode ser realizado com aquela ideia. Portanto, o ensino empreendedor não é somente despertar o interesse do aluno, mas também incentivá-los nas ações, apoiar no que ele precisa para conquistar seus ideais, penso que não é impor uma ideia ou ação e sim impulsionar, provocar situações que possam acarretar ações partidas dos alunos” (Transcrição da segunda entrevista 07/06/2019).

As colocações da entrevistada contemplam o que os autores apresentados nessa dissertação vêm pontuando sobre o empreendedorismo, ou seja, o *ato de pensar além e provocar ações nos alunos*, enfatizado pela professora, está em consonância com os que concebem o ato de empreender como ultrapassar horizontes, ir além numa investida de acertos e erros, de redimensionamento de trajetos e perspectivas, buscando soluções para os desafios do cotidiano.

Percebe-se que, apesar de várias definições relacionadas ao termo empreendedorismo, os princípios permanecem sendo criatividade e inovação. A diferença está no panorama empreendedor, que pode originar motivos e resultados distintos. Logo, o empreendedorismo se identifica com sujeitos habilidosos, motivados, apaixonados pelo que fazem e almejam fazer a diferença, inserindo transformações e inventividade.

4.2 Conteúdo educativo: Da ressocialização ao empreendedorismo

“Dançar com as mesmas roupas? Nem cabem mais na gente!”.

(Clarissa, 7º ano)

Ainda, sobre a Festa de São João, um evento que foi fundamental para a coleta de dados desse estudo, por contemplar a maioria dos objetivos da pesquisa. No capítulo anterior,

abordei a realização desse empreendimento pela turma pesquisada, o 7º ano. O conteúdo educativo partiu do estudo sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ODS. A turma elegeu a questão do consumismo e da produção responsável para desenvolver seu projeto educativo.

Em meio aos preparativos da referida festa, surgiu um novo problema:

“Esquecemos de pensar nos trajes... A gente tem que pensar nos gastos com as vestimentas, todos os anos temos que comprar um traje novo para participar da festa de São João”, questiona o aluno Arthur, e a professora intervém: “A gente tem conversado sobre o consumo exagerado, como isso causa diversos prejuízos. Conseguimos ter muitas ideias sustentáveis na organização da nossa Festa de São João e por que não pensar numa alternativa para solucionar a questão dos nossos trajes?” (Transcrição da filmagem 22/05/2019).

As sugestões foram surgindo para resolver a questão dos trajes, destacando a customização das roupas, empréstimo entre os amigos, compra de roupas num brechó; estava fora de cogitação a repetição do traje do ano passado: *“Dançar com as mesmas roupas? Nem cabem mais na gente!”*, ressalta Clarissa.

Como a turma não chegava a um consenso por identificar dificuldades diante do que foi sugerido, como pesquisadora, intervim: *“trocar a roupa com um amigo? Isso faz lembrar algum evento que vocês participam aqui no Colégio? Vocês conseguem fazer alguma relação?”* Não me surpreendi quando vários alunos falaram ao mesmo tempo: Nossa Feira da Troca! Nesse momento, Pedro Bernardo sugere que poderia ser feita a Feira da Troca somente com trajes e adereços juninos. Abaixo, um trecho do diário de campo com o registro do diálogo dos alunos sobre a ideia do aluno Pedro Bernardo:

“Acho uma ótima ideia, e podemos convidar todos os alunos da escola para participar” (Levi).

“A ideia é que a gente poupe dinheiro e poupe o planeta” (Saymon).

“É importante porque vamos ajudar muitas pessoas a pensar também sobre consumo, colaboração e sustentabilidade, sem falar que vai ser muito divertido” (Ivina).

“Isso faz bem ao Planeta e reduz a geração de lixo” (Sarah).

“O que nós queremos da feira não é o lucro, a feira é importante porque protege a vida e não o lucro!” (Francisco).

“A gente também evita o acúmulo, ter em casa, coisas que não usamos e que outras pessoas precisam” (Pedro Bernardo).

(Diário de campo 22/05/19)

Este momento aponta o percurso de um ensino empreendedor, ao surgirem inquietações e problemas que requerem soluções criativas, inovadoras; contexto propício para o desenvolvimento de atitudes empreendedoras, de sujeitos empreendedores que “(...) têm facilidade para resolverem problemas que podem influenciar seu empreendimento e mais, identificam oportunidades que possibilitam melhores resultados [...]” (CARVALHO, 1996, p. 79-82).

Na fala dos alunos, é notável a investida para resolver o problema apresentado, obtendo “melhores resultados”, como expressa Carvalho (1996). Contudo, eles vão mais longe ao agregarem valor ecológico ao seu projeto empreendedor, quando o aluno Francisco sintetiza: *“a feira é importante porque protege a vida e não o lucro!”* Visão que está em consonância com Bucha (2007), ao afirmar que o empreendedorismo não é apenas um conceito de negócio, mas, sim, uma apreciação de vida, pois é parte de um anexo de transformações que auxiliam a construir um desenvolvimento que não pode ser adquirido a qualquer preço, que deve ser sustentável, oferecendo melhor qualidade de vida e que é um elemento essencial para a evolução humana em várias esferas.

Ainda, na fala do aluno, aparece uma outra realidade que perdura nas discussões sobre empreendedorismo ou nas concepções que envolvem o termo. A primeira é a do empreendedorismo econômico. Conforme Dornelas (2005), nos Séculos XIX e XX, as ações dos empreendedores envolviam organização e domínio, o que confundia suas atribuições com as de um empresário e administrador, devido ao apogeu da industrialização no mundo. Os empreendedores eram analisados apenas do ponto de vista econômico, como aqueles que organizavam a empresa e eram designados a pagar os empregados, planejar e controlar as ações desenvolvidas, sempre a serviço do capitalismo.

Por outro lado, o conceito de empreendedorismo social diz respeito à promoção de ações capazes de mudar a realidade, sem necessariamente visar à obtenção de lucros financeiros. Empreendedorismo social é promover ações capazes de mudar uma realidade, De acordo com Verga (2014), o empreendedorismo social nasce como um conceito ainda em

desenvolvimento, mas com características e estratégias próprias, expondo as diferenças de uma gestão social tradicional.

O empreendedor social procura hoje implantar na sociedade medidas sustentáveis para que seja plausível conciliar os avanços tecnológicos e outras melhorias com um meio ambiente saudável e boas condições de vida para todos. Propõe utilizar técnicas de gestão, de inovação, de criatividade, de sustentabilidade, entre outras, com o propósito de maximizar o capital de uma comunidade, bairro, cidade ou país. Ainda, sobre o conceito de empreendedorismo social, Oliveira (2004) ressalta que

[...] tanto o conceito como a prática do empreendedorismo social derivam de entendimentos e intenções frente à vontade de mudar o cenário causado pelos impactos de uma globalização de efeitos paradoxais, que ao mesmo tempo em que gera riqueza, ciência e tecnologia, também produz um gigantesco exército de famintos e excluídos, produzidos principalmente pela desigualdade social e econômica, marcada e acentuada pela concentração de renda e problemas sociais históricos, principalmente, para os chamados países do terceiro e quarto mundo (p. 58).

Dessa forma, a “feira da troca”, idealizada pelo 7º ano, volta-se ao empreendedorismo social, tendo em vista a intenção de mudar o cenário dos problemas sociais históricos, conforme diz o autor acima. Mas, que problemas sociais são esses? Trata-se do consumismo exacerbado, que, além de gerar resíduos, impõe a cultura do descarte que atende a uma demanda do mercado consumidor, de modo que, “a partir do momento em que conseguimos preencher alguma necessidade, surge uma necessidade nova, gerando um ciclo vicioso que não tem fim. Como o mercado sempre nos sugere algo mais requintado, o que possuímos fica invariavelmente com uma conotação decepcionante” (LIPOVETSKY, 2007, p. 23).

A professora Regina, no decorrer dos nossos diálogos, informou que a feira de trocas não faz uso de dinheiro e concentra os ganhos na própria comunidade, diferente do capitalismo⁹. Na feira de trocas, o valor de cada peça é quantificado pelo grupo organizador, considerando um preço justo. Assim, o espaço da feira necessita de articulação e participação e colaboração entre os participantes. Em relação a esse espaço de trocas, Costa (2003) destaca que

[...] favorece novos contatos, o início de novas amizades, traz oportunidades de trocas não-econômicas de afetos, favores, gentilezas. Em sua dinâmica, o clube atrai novos membros e permite que vários se associem em outros empreendimentos

⁹ O Capitalismo é um sistema em que predomina a propriedade privada e a busca constante pelo lucro e pela acumulação de capital, que se manifesta na forma de bens e dinheiro.

solidários, tais como cooperativas de produção, de crédito, de compras e vendas, etc (p. 23).

Nesse sentido, uma feira de trocas oportuniza o desenvolvimento das pessoas enquanto sujeitos sociais, valorizando seus saberes e habilidades, promovendo ensino e aprendizagem ressocializadores, sendo todos convidados a criar, a planejar, a colaborar e a agir.

A partir da sugestão da turma acerca da feira, a professora Regina propôs que os alunos se dividissem em grupos para planejar o evento, de acordo com as atribuições: divulgação da feira, coleta das peças, sistema de trocas, organização do ambiente, recepção do evento, abertura do evento. A figura abaixo mostra os alunos reunidos planejando a feira de trocas.

Figura 24 - Planejamento da feira de trocas



Fonte: Da pesquisadora (2019).

O planejamento enriqueceu os diálogos promovendo a tomada de decisões. O primeiro ponto considerado pelo grupo foi o lugar. Desejavam um espaço onde as pessoas pudessem participar estando em família e com os amigos e que essa experiência fosse agradável. Pensaram também: Como seria a coleta das peças? Lugar para realização da coleta? Como se

dariam as trocas? Que moeda deveria circular? Quais os valores de cada peça? Como funcionaria o Banco? Como seria a divulgação? Quais os materiais necessários para organizar o espaço?

Os alunos decidiram que a feira aconteceria no dia 06 de junho de 2019, às 18h30min. Um grupo de alunos visitou as demais turmas do colégio para divulgar o evento da Feira de Trocas para a festa de São João.

Escolheram como local do evento o Pátio Verde, um lugar amplo, ventilado e com boa iluminação. Determinaram que as coletas ocorreriam num espaço delimitado do pátio, nos intervalos, sob a responsabilidade de um dos grupos; as trocas ocorreriam por meio de uma moeda social criada por eles; notas com identidade visual própria, válidas apenas para o evento de troca.

De acordo com Redlases (2006), a moeda social é, geralmente, o instrumento de mediação dos participantes da feira de trocas. Ela circula dentro da feira para facilitar as trocas. Visa ser o meio de intermediar as trocas, a ser utilizada somente dentro das feiras, como um instrumento justo de comércio.

A moeda social utilizada no evento teve um formato fácil de manusear e de guardar, reduzindo também seu custo de produção. Os alunos evitaram nomes relacionados a moedas oficiais como: real, dólar, euro, denominando a moeda que circulou no evento de solidária, conforme podemos observar na figura abaixo.

Figura 25 - Moeda solidária



Fonte: Da pesquisadora (2019).

Para colocar a moeda em circulação, os alunos criaram um Banco que funcionou da

seguinte forma: os sujeitos interessados em participar das trocas entregavam suas peças ao Banco e receberam, no ato, a quantidade correspondente de moeda social, de acordo com os valores estabelecidos pelos organizadores. A diferença desta moeda em relação à moeda oficial é o fato de não permitir reserva de valor, não gerar dinheiro; portanto, não tem significado guardá-la para ser usada além da feira. A figura a seguir reporta a ocasião em que um participante da feira está realizando a troca de um adereço pela moeda solidária no Banco.

Figura 26 - Banco

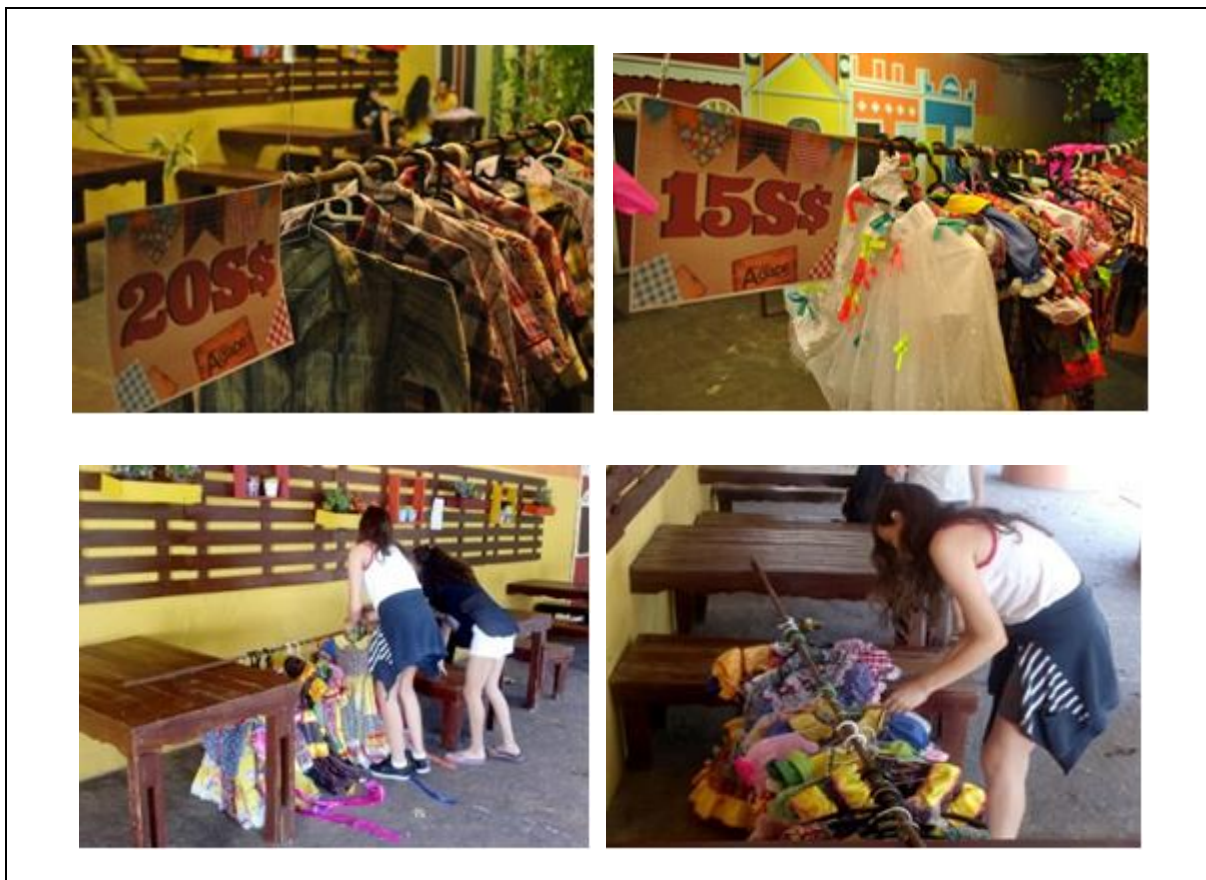


Fonte: Da pesquisadora (2019).

O Banco funcionou durante a semana que antecedeu a feira, no pátio vermelho, na hora do intervalo e no dia do evento, quando os interessados trocaram as peças pela moeda solidária com base numa tabela de valores, de acordo com as peças que trouxeram.

Após a coleta, os alunos pensaram sobre a forma adequada de organizar as peças, para facilitar o acesso e a visibilidade, para que os participantes realizassem adequadamente as compras. Também lembraram que necessitariam de uma estrutura básica como: araras, cabides, mesas, bancos de madeira, equipamento de som. Um problema foi pontuado em relação à aquisição das araras, já que não tinham onde conseguir e não estava nos planos alugar qualquer material; a ideia era promover uma feira sustentável. O aluno João Lucas sugeriu que eles poderiam construir a arara com canos suspensos através de cordas, sugestão aceita por todos. Na Figura 27, é possível observar as alunas Clarissa e Letícia montando as araras para a colocação das roupas juninas no dia do evento.

Figura 27 - Montagem das araras



Fonte: Da pesquisadora (2019).

Os alunos se reuniram no dia do evento, no período da tarde, no Pátio Verde, para organizar o ambiente para a feira. Uns separavam as peças de acordo com a modalidade, infantil ou juvenil, expuseram algumas peças nas mesas, outras nas araras, ajudaram na montagem do som e do Banco. O QR Code 5 apresenta como se deu esse momento.

Figura 28 - QR Code 5: Organização do espaço para a feira



Fonte: <https://drive.google.com/open?id=1DqHblzWv8bbI9i0ljx9wQhRiVFcwg4h->

Organizar o espaço, receber as peças para o evento e o pagamento dos valores equivalentes foi primordial para os alunos. Foi um momento em que eles também

manifestaram atitudes empreendedoras através do Ensino Ressocializador, praticado pela professora Regina. Na troca, receberam a moeda referente ao valor das peças escolhidas. Para esse momento, os alunos se dividiram; enquanto uns faziam a coleta, outros as quantificavam e colocavam preço nas peças.

É importante rememorar que, no conteúdo instrumental planejado pela professora, teria que ser abordada a estrutura e a produção de textos publicitários. A professora conciliou adequadamente o conteúdo instrumental com o educativo e, por fim, o operativo.

4.2.1 O grande dia: A Feira da Troca

Chegou o grande dia. Os participantes foram chegando e sendo recepcionados por uma equipe já previamente preparada para conduzi-los até o pátio verde. No decorrer da feira, os alunos da recepção deram suporte aos demais colegas no atendimento para as trocas. Depois voltaram para a recepção, para, na saída dos convidados, agradecerem a participação de todos. A Figura 29 retrata o momento em que os alunos Pedro e Jehozadak recepcionam os participantes da feira.

Figura 29 - Recepção aos participantes da feira



Fonte: Da pesquisadora (2019).

Nesse momento, percebi a empolgação dos alunos por serem protagonistas do evento e, conseqüentemente, exercerem sua autonomia. Para Freire (1996, p. 59), “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou

não conceder aos outros.” A experiência de ensino que tem evidente o respeito à autonomia e à dignidade humana compreende que estas são inerentes à prática de ensino, e mais precisamente, a um ensino empreendedor.

A abertura da feira foi realizada pelo aluno Pedro, que fez a acolhida dos participantes e leu o texto produzido em grupo, apresentando como surgiu a ideia da feira, a importância, o objetivo, como ela foi planejada, organizada, e como funcionam as trocas. Finalizou a apresentação, desejando uma noite de boas trocas.

Figura 30 - Abertura da Feira



Fonte: Da pesquisadora (2019).

Logo após a fala de Pedro, os convidados foram apreciar as peças e realizar as trocas. O que logo me chamou a atenção foi a empolgação dos alunos ao atenderem as pessoas, negociarem as trocas e administrarem o uso da moeda social. Ao som de músicas em ritmo de São João, todos se divertiam, realizavam as trocas, bem como admiravam a atividade dos alunos do 7º ano. As figuras a seguir retratam momentos do evento.

Figura 31 - Evento da Feira de Troca



Fonte: Da pesquisadora (2019).

A professora havia alertado os alunos de que algumas peças talvez não fossem trocadas, mas todos nos surpreendemos com o resultado final da feira. Houve troca de todas as peças, não sobrou nada, o que significou para os alunos o sucesso total do evento, um jeito de consumir mais acessível, mais social e que ainda faz bem para as pessoas que podem usufruir de novas peças, além de contribuírem para uma sociedade mais sustentável.

Com a realização deste evento, pude constatar que, embora haja um explícito protagonismo do aluno desde a organização até a concretização do evento, não deixou de existir, em todo o processo, a mediação da professora, bem como a minha participação

enquanto pesquisadora. Nesse sentido, Martins (2010) argumenta:

Na educação, sob minha ótica, o empreendedor deve focalizar o ensino e a aprendizagem nos quatro pilares da educação (DELORS, 2001): aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser e, com isso, ser capaz de tomar a decisão certa frente aos desafios e exigências que surgem em uma sala de aula. Além dos 4 pilares, o professor empreendedor também deve embasar suas crenças e atitudes em um quinto pilar: o aprender a empreender, pois novas habilidades vêm sendo exigidas dos profissionais da educação para poderem enfrentar a globalização com responsabilidade, competência e autonomia (MARTINS, 2010, p. 35).

Como destaca Martins (2010), temos o *aprender a aprender*, que, para nós, no contexto dessa pesquisa, corresponde à **reconhecimento**, que resulta na **ressocialização**, quando se parte para o *aprender a fazer*, ao unir os desafios pessoais e éticos nessa mesma dimensão através dos conteúdos ressocializadores: instrumental, educativo e operativo e, em todas essas instâncias, contempla-se o *aprender a ser e a conviver*. Por fim, o *aprender a empreender*. A prática de ensino da professora cumpre, com desafios, esses elementos pontuais. Para isso, há de se destacar que, para aprender a empreender, faz-se necessário, de antemão, um professor empreendedor capaz de estimular os alunos para essa mesma perspectiva. Conforme Dolabela (2003):

O papel do professor pode ser visto como o de alguém que provoca o desequilíbrio nas relações do aluno com o mundo, através de perguntas, desafios, questionamentos, e ao mesmo tempo oferece o apoio necessário para que ele, diante de conflitos cognitivos, desenvolva uma ação auto-organizadora (p. 104).

Segundo o autor, o professor tem função diferente, mas essencial para o redimensionamento do ensino, sendo indispensável uma nova postura, bem como, dispor de um espaço favorável para o educando estabelecer seu próprio conhecimento empreendedor. Convém destacar a habilidade crítica dos alunos, instigando-os a pensar e a buscar elementos para a realização dos seus objetivos.

A constatação não foi diferente da descrita acima, ao observar a prática da professora Regina, que mediou todo o processo de elaboração e de conclusão da feira da troca junto com seus alunos, sempre incentivando-os a uma *participação autêntica*, deixando clara a importância da atuação de cada um para o alcance dos objetivos do empreendimento planejados coletivamente. Assim, é possível perceber que

(...) a participação autêntica se traduz para o jovem num ganho de autonomia, autoconfiança e autodeterminação, numa fase da vida em que ele se procura e se experimenta, empenhado que está na construção da sua identidade pessoal e social e no seu projeto de vida (COSTA, 2000, p. 46).

No entanto, a tarefa de suscitar nos alunos atitudes empreendedoras, ainda que esse professor já possua esse potencial empreendedor, é um constante desafio.

Os professores têm a difícil missão de motivar seus alunos a quererem aprender novos conhecimentos, procedimentos e atitudes que favoreçam a vida na sociedade. Motivá-los a querer aprender a selecionar conhecimentos para agir adequadamente em situações que se apresentam no cotidiano e no convívio familiar, comunitário e planetário, não é tarefa fácil (MARTINS, 2010, p. 44).

Nesse contexto, professores como Regina distinguem e encorajam os alunos, instituem desafios e ajudam os estudantes na compreensão das suas habilidades. Professores dinâmicos, empreendedores preparam os diferentes ambientes de ensino e inventam configurações para alcançar os objetivos educacionais de cada aluno.

A realização da feira da troca me permitiu entender todo o processo do ato de aprender a empreender, uma vez que não foi apenas lançada uma ideia para os alunos executarem com fins exclusivamente didáticos, para ter uma nota na disciplina de Língua Portuguesa, mas um projeto que levou em conta toda a jornada de um empreendedor, que, segundo o SEBRAE (2019), consta de dois pontos: o primeiro é o mapeamento das iniciativas existentes, contendo o que é realizado de forma institucionalizada por um centro de empreendedorismo, como também, iniciativas descentralizadas de professores e de alunos. O segundo é a comunicação das iniciativas ao público, como instrumento principal para difundir o empreendedorismo, engajar e difundir as iniciativas.

4.3 Grupo de escuta: falas e reflexões

Antes de concluir o percurso desta pesquisa, julguei necessário criar um grupo de escuta para uma maior aproximação com os alunos, bem como, para melhorar o desempenho do processo de escuta e de coleta de dados da pesquisa e favorecer um diálogo espontâneo e significativo, para que, através dos encontros, pudesse verificar de que forma os alunos percebiam as práticas de Ensino Ressocializadoras desenvolvidas pela professora Regina, como também observar as atitudes empreendedoras que eles manifestam a partir da prática desse ensino. Em cada encontro do grupo, abordei uma temática objetivando perceber a manifestação dessas atitudes desenvolvidas através dessa prática de ensino.

No primeiro encontro do grupo, abordei o tema: Educação Empreendedora. Para introduzir a temática, apresentei o vídeo exibido no evento TDEx, Davi Braga: Empreendendo com 13 anos de idade. Trata-se de um evento com conferências em que os

sujeitos se encontram para compartilhar experiências, ideias e atitudes, com o objetivo de disseminar conteúdos que possam ser aplicados no dia a dia. No vídeo exibido no referido evento, foi exposta a experiência do jovem Davi Braga que, com apenas 13 anos, teve uma ideia engenhosa ao observar sua mãe enfrentando dificuldades para comprar o material escolar adequado por um preço justo e acessível. Ele, então, criou a LIST-IT, uma plataforma exclusiva para pesquisa, comparação de preços e compra de produtos escolares exigidos anualmente por escolas privadas. Na Figura 32, é possível observar os alunos assistindo ao vídeo.

Figura 32 - Apreciação do vídeo



Fonte: Da pesquisadora (2019).

Os alunos ficaram admirados e encantados com o perfil empreendedor do jovem e manifestaram suas ideias. O aluno Alysson, estimulado pelo vídeo, apressou-se em socializar sua ideia: “Eu poderia vender canetas para meus colegas que esquecem as deles”. A aluna Catarina também manifestou seu desejo: “Confeccionar jogos educativos com materiais recicláveis para usar nas aulas”.

Após o diálogo acerca do vídeo, desenvolvemos um quadro de apresentação de ideias a partir da reflexão sobre o vídeo, exibindo as definições apresentadas pelos alunos:

Quadro 1 - Apresentação de ideias

Educação Empreendedora	Empreender	Características Empreendedoras	E você? O que tem vontade de fazer?
<ul style="list-style-type: none"> - Ensina a ser um empreendedor; - Ensina a abrir um negócio; - Ensina a ter mudança de atitude; - É quando aprendemos a pensar no futuro, investir, pensar na vida. 	<ul style="list-style-type: none"> - Arriscar em alguma coisa; - Criar algo novo que tenha utilidade; - Investir num negócio. 	Autoconfiança; Criatividade; Sonhar; Foco; Conhecer muitas pessoas; Gostar do que faz; Liderança.	<ul style="list-style-type: none"> - Montar uma papelaria; - Criar games; - Inventar uma forma de reutilizar a água utilizada na rotina doméstica para regar as plantas.

Fonte: Da pesquisadora (2019).

Após a conclusão do quadro, indagamos se as características empreendedoras eram estimuladas nas aulas da professora e em que momento eram potencializadas. Os alunos apresentaram as seguintes constatações:

“Quando ela nos ensina a saber ler a realidade a partir de diversos jeitos. Muitas vezes a gente pensa que só existe aquela maneira de ver uma situação que acontece em nosso dia a dia, e não nos permitimos ir além” (Clarissa).

“Ela nos ensina que precisamos entender que não existe somente o nosso jeito de enxergar a realidade, que, ao nos permitirmos ver o que mais tem ao nosso redor, a gente consegue ver as oportunidades que os outros não conseguem ver” (Clara).

“Quando ela ensina a gente a tomar decisões por conta própria, ou seja, sem esperar pelos outros. Quando ela conta histórias e mostra vídeos de pessoas que ajudaram a mudar o mundo pra melhor, fazendo a gente pensar que também podemos fazer a diferença. Não precisa ser um adulto pra fazer coisas importantes. Aqui no Ágape a gente tem projetos pra ajudar as pessoas e também o planeta. Fizemos uma campanha na cidade para que as pessoas doassem dinheiro através da sua conta de água para ajudar a ONG que cuida da preservação da ave do Soldadinho do Araripe. Foi muito inovador! Foi muito importante porque aprendemos como vive esse pássaro e como ele é importante para preservação da nossa floresta. Ajudar na preservação dessa ave, me ensinou a ser diferente” (Francisco).

“Ela nos desafia a procurar soluções para resolver os problemas, acha importante a nossa curiosidade” (Larissa).

“Faz a gente buscar informações, quando a gente procura entender o porquê das coisas” (Catarina).

Percebi, nas colocações dos alunos, que a professora Regina, na sua prática de ensino, desenvolve o comportamento empreendedor, mostrando que o conhecimento é algo que sempre vem para agregar cada vez mais valor aos seres humanos, à forma de fazer as coisas, ao jeito como lidamos com os desafios e às mudanças que acontecem ao nosso redor. Termos que apareceram nas falas acima como, *autonomia, ver a realidade de diversos jeitos, tomar*

decisões, referem-se a características empreendedoras. Todos podemos ser empreendedores, se formos ensinados a ser. Nesse sentido, Dolabela instituiu meios de desenvolver o empreendedorismo na educação ao destruir mitos impregnados no sistema:

No Brasil, educar na área empreendedora significa destruir mitos. Mito de que poucos podem ser empreendedores, de que a renda, poder e conhecimento devem estar concentrados em poucos que irão, um dia, reparti-la, e o seu corolário: a dependência que cria o mito do "painho", único em condições de resolver nossos problemas porque possui, além da capacidade de acumular poder e riqueza, a "bondade" de ajudar os da terra. Destruir o mito que, ao fazer do dinheiro o principal indicador do sucesso, tem, principalmente, a finalidade de legitimar o sistema que coloca no vértice da pirâmide social os que o acumularam e faz despencar para a base a grande massa, dependente, desapossada da sua autoestima, da sua cidadania e das condições para usufruir as conquistas que o crescimento econômico oferece (DOLABELA, 2006, p. 86).

A advertência de Dolabela (2006) é pertinente quando se trata de educação empreendedora, principalmente, na dimensão escolar, uma vez que o autor refere-se ao mito do empreendedorismo como um potencializador das injustiças sociais, no momento em que se acentuam as diferenças entre quem detém poder e autoridade e de quem não usufrui de tais privilégios. Assim, precisamos estar atentos, enquanto educadores, para não ensinar ao aluno que o empreendedor é aquele que venceu, que tem poder, que pode dominar, mas também é aquele que, além de saber lidar estrategicamente com o seu empreendimento, adquire e pratica atitudes valorativas e éticas. Ou, como afirma Martins (2010):

(...) não se quer transformar cada criança, cada jovem estudante em um agente de criação de empresas, mas sim em indivíduos que consigam introjetar em sua vida, após ter contato com a teoria, valores, atitudes, formas de percepção do mundo e de si mesmo, voltados para a capacidade de inovar, perseverar e de conviver em harmonia com o outro (p. 16).

Nesse sentido, o ensino empreendedor vai mais longe, ressignificando o ensino tradicional. Vejamos as diferenças entre o ensino tradicional e o ensino do empreendedorismo, a partir de um quadro proposto por Dolabela (1999):

Quadro 2 - Ensino tradicional e ensino do empreendedorismo

Ensino Tradicional	Ensino do Empreendedorismo
Ênfase no conteúdo que é visto como meta.	Ênfase no processo aprender a aprender.
Conduzido e dominado pelo professor.	O participante apropria-se da aprendizagem.
O professor debita o conhecimento.	O professor é um facilitador e educador; os participantes geram conhecimento.
Aquisição de informações "corretas".	O que se sabe pode vir a mudar.
Currículo e sessões programadas com rigidez.	Sessões flexíveis e voltadas às necessidades.
Objetivos de ensino impostos.	Objetivos de aprendizagem negociáveis.

(Continua...)

(Conclusão)

Ensino Tradicional	Ensino do Empreendedorismo
Prioridade para o desempenho.	Prioridade para a autoimagem que gera desempenho.
Rejeição ao desenvolvimento de conjecturas e pensamento divergente.	Conjecturas e pensamento divergente vistos como parte do processo criativo.
Ênfase no pensamento analítico e linear, parte esquerda do cérebro.	Envolvimento de todo o cérebro, aumento do raciocínio do cérebro por meio de estratégias holísticas e não lineares.
Conhecimento teórico e abstrato.	Conhecimento teórico amplamente complementado por experiências na sala de aula e fora dela.
Resistência às influências da comunidade.	Encorajamento às influências da comunidade.
Ênfase no mundo exterior; experiência interior imprópria ao ambiente escolar.	Experiência interior é contexto para a aprendizagem; sentimentos incorporados à ação.
Educação encarada como necessidade social durante certo período de tempo para afirmar habilidades mínimas para um determinado papel.	Educação vista como um processo que dura toda a vida, relacionado apenas tangencialmente com a escola.
O conhecimento é o elo entre o aluno e professor.	Relacionamento humano entre professores e alunos é de fundamental importância.

Fonte: Dolabela (1999).

Esses conhecimentos, conforme Dolabela (2018), não podem ser transferidos para os sujeitos, como se faz com os conteúdos escolares; todavia, é possível desenvolver o potencial e as habilidades empreendedoras, sabendo que são inerentes ao ser humano, e transformar esses sujeitos em protagonistas no âmbito das transformações econômicas e sociais. Daí que, a partir do quadro acima, podemos enfatizar algumas características de um ensino empreendedor como a da promoção da autonomia e do protagonismo do aluno, sem diminuir o papel do professor, que, nesse ensino, é um facilitador e também sujeito do processo. Outro ponto importante é a questão da flexibilidade do currículo a favor de um aprendizado que leva em conta o aprender e o fazer com fins interventivos, o que exige um conteúdo holístico e não o tradicionalmente linear.

Desenvolver sujeitos empreendedores demanda uma nova postura pedagógica e transformação didática ao refletir sobre os sistemas de ensino, que, em geral, limitam-se a passar as informações aos alunos de forma fragmentada, repetitiva e pouco significativa. Assim, compete-nos repensar a prática de ensino para atendermos às pretensões de nossos alunos e cooperarmos para que se tornem cidadãos empreendedores.

4.3.1 Alunos orientados a pensar e a criar o futuro: Sonhos

Algo necessário e que todos os que desenvolvem atitudes empreendedoras têm em comum é um grande sonho a realizar. Alunos que manifestam atitudes empreendedoras mantêm a convicção de que, se o sonho pode ser imaginado, então ele pode ser alcançado. Assim, tudo se inicia com um sonho. Os alunos empreendedores continuam mantendo esse sonho vivo até o dia em que ele se torna real. A esse respeito, Dolabela (2002) afirma:

A energia do empreendedor nasce e se renova na busca do sonho, que lhe dá as condições para empreender: empenho, disposição para adquirir conhecimento, capacidade de liderança, habilidade para identificar oportunidades, criatividade, perseverança, autonomia, protagonismo (DOLABELA, 2002, p. 55).

Então, se tudo começa com um sonho, o que os alunos estão dispostos a fazer para torná-los realidade? Sempre que se opta por fazer algo novo temos de passar por uma fase do tentar. As ansiedades devem ser controladas, até que um dia, o apenas sonhado passa a ser articulado e executado.

No decorrer do grupo de escuta, desenvolvi ações direcionadas aos sonhos dos alunos, cujo tema foi: Qual seu sonho? Nesse encontro, os alunos desenvolveram o mapa dos sonhos.

Inicialmente, fiz o alinhamento de emoções, oportunizando-lhes a reflexão sobre as emoções: escreveram sobre o que os incomodava, a que eram gratos e descreveram quem eles eram. Abaixo, as falas de uma filmagem referente a esse momento.

Coisas que mais os incomodavam:

“As pessoas falam que para nossa sociedade ser melhor tem que fazer algumas coisas, mas só sabem dizer e não fazem nada, o desperdício da água, não termos mais liberdade e a desigualdade social” (Larissa).

“O preconceito, a ignorância, desigualdade social, politicagem” (Catarina).

“Aquecimento global, discussões familiares, situação política do Brasil, guerras, fome mundial” (Francisco).

“O fato de existir pessoas que são ricas e muitas pobres, as pessoas fazerem coisas horríveis só pensando no lucro, as mulheres que não podem fazer o seu melhor por não possuírem uma renda razoável e também porque o sistema não ajuda” (Pedro).

(Conclusão)

“Desigualdade social, sociedade preconceituosa, erros políticos” (Álysson).

“A injustiça, desrespeito de qualquer forma, desigualdade social e gênero, a falta de empatia para com as pessoas e o planeta, falta de estabilidade financeira família” (Clarissa).

As coisas as quais os alunos são gratos:

“A Deus, Ter alimento para comer, a minha família” (Larisa).

“A Família, amigos, minha casa, meus pensamentos” (Catarina).

“Ter meu pai e minha mãe comigo, ser feliz, ter colegas, não passar fome” (Francisco).

“Ter uma ótima família, ter amigos, ter uma vida que não me falta nada essencial” (Pedro).

“Minha família, a Deus, por todas as coisas que possuo” (Álysson).

“A família, saber que o meu problema de coluna não é tão sério, ter uma boa educação, as minhas coisas materiais e espirituais” (Clarissa).

Percebi na fala dos alunos que eles se preocupam com realidade social que vivenciam, mas não têm preocupação com o progresso material, conforme ilustra a fala da aluna Catarina, que aborda o preconceito, a ignorância, a desigualdade social, a fome mundial apontada pelo aluno Francisco, a injustiça citada por Clarissa; eles pensam nos sujeitos, na qualidade de vida, no meio ambiente; querem construir um mundo melhor, o que, para eles, é um ganho inestimável, um lucro que não é financeiro, mas beneficia a todas as pessoas. Perguntei-lhes o que os estimulava em relação à preocupação com o mundo e com os outros. Eles me informaram que sempre eram incentivados a ter essa postura, através dos projetos do colégio; nas aulas, a professora instigava-os a desenvolver essa postura diante de si, dos outros e do mundo.

A partir das falas dos alunos, conversei com a professora Regina sobre as respostas dadas por eles. Ela relatou que busca criar uma cultura de criatividade e de reflexão na sala de aula, estimulando o aluno a pensar sobre suas ações para além deste espaço. Regina tem consciência de que o aprendizado e lições valiosas não devem ficar limitados à escola. Busca despertar a curiosidade nos alunos e exemplifica com problemas da comunidade, objetivando pensar em soluções dentro da sua área de atuação, da sua disciplina, para resolver o problema

identificado. Dessa forma, promove o amadurecimento e o comprometimento dos alunos.

Essa postura da professora Regina contribui para o desenvolvimento de atitudes empreendedoras nos alunos. Conforme Dolabela (2002), a dedicação é crucial para a realização de um sonho, tendo a motivação como combustível. Estar disposto a aprender é estar aberto às mudanças; liderar, trabalhar em prol do bem comum; identificar oportunidades insinuando novas experiências; ser criativo, movimentando ideias; perseverar, acreditando que tudo é possível. A autonomia garante a iniciativa e o protagonismo desenvolve aspectos inovadores.

Nesse contexto, após o alinhamento das emoções, os alunos foram orientados a pensar no futuro, alimentando os seus sonhos. Foi realizado o mapa dos sonhos, porém, chamando atenção das seguintes perguntas: Vai fazer bem para mim? Vai fazer bem para as outras pessoas? É desafiador? Tira-me da zona de conforto?

O mapa dos sonhos foi desenvolvido para o ano de 2019, com cada participante do grupo: *sonho físico* (questões ligadas a tudo que for material); *sonho emocional* (questões ligadas a relacionamentos, ao prazer e atividades que proporcionam estar bem emocionalmente); *sonho mental* (questões ligadas ao aprendizado); *sonho espiritual* (tudo que mais inspira e deseja fazer como maior realização da sua vida). Foi solicitado que eles escrevessem e apresentassem os meios para realizar cada um desses sonhos. Os alunos também puderam informar em que momento os sonhos são estimulados e valorizados nas aulas da professora. A Figura 33 apresenta o momento da realização dessa atividade.

Figura 33 - Elaboração do mapa dos sonhos



Fonte: Da pesquisadora (2019).

Listados no mapa, os sonhos foram os mais diversos: Ter um celular, casar, ter o melhor jogo de game. Também destacou-se a vontade de viajar, de conhecer novas línguas e pessoas, o bem-estar familiar. No entanto, na resposta da aluna Clarissa, existe um ponto a ressaltar, quando falamos em empreendedorismo social. Esta aluna contempla nos seus sonhos, “Ver a paz e fazer um centro para cães abandonados”. Nesta breve resposta, observamos que o empreendedor social, ao vislumbrar um bem-estar coletivo, não necessariamente anula o seu sonho individual. Embora o sonho com alcance coletivo já subentenda uma realização pessoal, essa aluna pode muito bem acalentar uma satisfação pessoal mais específica, como o caso da Clarissa que, ao mesmo tempo em que deseja um abrigo de cães, almeja viajar e ter a casa de praia da avó. Para concluir esse momento, eles produziram vídeos sintetizando a temática sonhos, apresentados no QR Code 6.

Figura 34 - QR Code 6: Apresentação dos alunos sobre a temática sonhos



Fonte: https://drive.google.com/open?id=17iKnfy_ffaZXuR6-htL6qyj4PlkypyqN

Conforme as falas dos alunos, sonhar é algo comum a todos, que não estabelece limites. Esse comportamento humano, com poucas exceções, vai ser sempre necessário, para buscar sentidos e conquistar avanços. Os espaços escolares, através das práticas de ensino, são um bom lugar para construir a consciência da importância do ser. Esse papel, na escola, cabe ao professor. Na fala do aluno Francisco, registrada na nota do diário de campo que apresento a seguir, identifiquei que a professora estimula os alunos a desenvolverem projetos de impacto social, inspirando-os a colocarem ideias em prática ou a agirem para a concretização de seus sonhos.

A professora Regina me ajuda a sonhar quando ela me leva a pensar em resolver um problema ou mostra vídeos de pessoas que ajudaram a mudar o mundo pra melhor, me fazendo pensar que também posso fazer a diferença, que também posso sonhar. Não precisa ser um adulto pra fazer coisas importantes. A gente já fez projetos que ajudaram pessoas e também o planeta. Foi um dos sonhos que realizei e isso me fez ficar diferente do que eu sou.

Registro do Diário de campo- 04/07/2019.

A professora Regina, como incentivadora do ato de sonhar, permite e incentiva os alunos na busca de soluções para seus problemas, na defesa do seu ponto de vista e na transformação da realidade em que vivem.

Compreendemos, desse modo, que a educação empreendedora no ensino objetiva conscientizar os envolvidos de que sonhar é empreender, desenvolvendo características pessoais pertinentes às aptidões indispensáveis para o mundo contemporâneo, como, por exemplo, responsabilidade, criatividade, inovação, ética e cidadania. Porém, é preciso

entender que o empreender não é um ato inicial do “querer ser”, mas uma conquista do “poder ser” diante dos desafios diários chamados de problemas, que exigem formas contínuas e diferenciadas nas tomadas de decisão e nas interações para que os ajustes sustentem a manutenção e o equilíbrio das atitudes e das ações.

4.3.2 Empreendedorismo Social: ações capazes de mudar uma realidade

Através do grupo de escuta, percebi como a prática de Ensino Ressocializador adotada pela professora Regina possibilitou o desenvolvimento de atitudes empreendedoras nos alunos e como essas atitudes são manifestadas por eles, a partir da temática empreendedorismo social, conceituada e vivenciada com o grupo de alunos e apresentada nessa subseção.

Empreender nem sempre constitui abrir um negócio tendo em vista a lucratividade dos investidores. O conceito de empreendedorismo social abrange promover ações capazes de mudar uma realidade, instituindo medidas e estratégias que suscitem um retorno social e um ambiente positivo. O empreendedorismo social nasce como um conceito ainda em desenvolvimento, mas com características e estratégias próprias, o que o diferencia de uma gestão social tradicional (VERGA; SILVA, 2014).

No Brasil, o conceito de empreendedorismo social assume características semelhantes às de outros países, mas temos exemplos concretos que podem sinalizar um padrão específico do fenômeno e as práticas que apresentam semelhança (VERGA; SILVA, 2014). O empreendedorismo social já é uma realidade no Brasil e no mundo. Os distintos padrões de negócios desenvolvidos por empreendedores estão revogando muitos paradigmas e colaborando para transformar realidades.

No intuito de perceber em que momento o empreendedorismo social é desenvolvido nas aulas da professora Regina, iniciei o terceiro encontro com a apresentação do vídeo, Cultura Sustentável, de autoria de Isabel Bezerra, um projeto que objetiva promover ações de articulação comunitária e voluntariado que busquem o fomento às sustentabilidades, humana, econômico-social e ambiental. Entre outras atividades, realiza mensalmente as Feiras Sustentáveis, que acontecem em um espaço onde os moradores do bairro Alto da Penha e de bairros vizinhos, situados no município de Crato - CE, desde junho de 2016, trocam seus recicláveis como papel, plástico, vidro e óleo de cozinha já utilizado, por alimentos como frutas e verduras orgânicas, brinquedos, roupas e sabão caseiro.

Conforme exemplificado através da apresentação do projeto citado, o empreendedor social procura hoje implantar na sociedade medidas sustentáveis para que seja plausível conciliar os avanços tecnológicos e outras melhorias com um meio ambiente saudável e com boas condições de vida para todos. Propõe utilizar técnicas de gestão, de inovação, de criatividade, de sustentabilidade, entre outras, com o propósito de maximizar o capital de uma comunidade, bairro, cidade ou país.

Não poderia deixar de apresentar aos alunos, os projetos que o Colégio Ágape também desenvolveu e desenvolve com foco na sustentabilidade e no empreendedorismo social. Então, apresentei ao grupo a reportagem do projeto realizado pelo colégio, no ano de 2015, Minha Rua é um Exemplo, que envolveu a participação da comunidade escolar e do entorno da escola, na tarefa de sensibilizar a população da região do Cariri Cearense para a adoção de práticas ecologicamente responsáveis com a cidade, tal como pode ser apreciado através do QR Code, o vídeo abaixo.

Figura 35 - QR Code 7: Minha rua é um exemplo



Fonte: <https://drive.google.com/open?id=1gLpSPcQr2wpKPyeMUIfvsoLTBiYpgHL>

Após o diálogo acerca dos vídeos, solicitei que os alunos relatassem algumas iniciativas de empreendedorismo social através de desenhos e listassem as características do empreendedorismo social. No final do encontro, fiz alguns questionamentos, que foram sendo respondidos de forma espontânea pelo grupo investigado: Em que momento o empreendedorismo social é estimulado e desenvolvido na escola e nas aulas da professora? Você já vivenciou alguma ação de empreendedorismo social? Como foi essa experiência? Dentre os relatos, a aluna Catarina fez a seguinte colocação:

“A professora Regina faz a gente pensar sobre os problemas que existem na escola e na cidade e que a gente pode ajudar a solucionar. Nas aulas a gente estuda e conversa e depois planejamos o que vamos fazer e também como vamos fazer. Eu vejo que isso acontece quando estamos estudando sobre o conteúdo educativo. Lembro quando nosso conteúdo educativo foi sobre cyberbullying e a gente pensou numa forma de prevenir, criando uma página na internet. Para criar a página,

tivemos que estudar muito o assunto, então aprendemos mais sobre esse assunto e ajudamos as pessoas a entender melhor também, aí fica mais difícil cair nesse perigo”.

A resposta demonstra que os alunos estão se aproximando dos conceitos e das ações empreendedoras e, principalmente, como a escola está contribuindo para sistematizar esse saber através dos conteúdos ressocializadores desenvolvidos nesses últimos anos, mais especificadamente, o educativo e o operativo.

Após, esse momento de interação, apresentei imagens da cidade de Crato para que os alunos identificassem problemas sociais presentes na comunidade. Os alunos foram divididos em dois grupos a fim de identificarem o problema apresentado nas imagens e, através da aproximação da ferramenta Canvas, planejassem a solução a partir do seguinte roteiro: contexto do problema, riscos e incertezas, etapas da ação, recursos necessários, conforme mostram as figuras abaixo.

Figura 36 - Canvas dos alunos Clarissa, Catarina e Larissa

Contexto do problema: Por causa da forte chuva de 102mm na nossa cidade, houve um deslizamento da encosta do Seminário. O deslizamento destruiu 01 casa e 11 casas foram desapropriadas por causa do risco de desmoronarem.	Problema: Deslizamento da encosta do Seminário e deslocamento de algumas pessoas que moravam nessa área.	Ideia: Reconstrução da área desabada, colocando plantas.
Riscos e incertezas: A reconstrução ser incompleta.	Etapas: Planejamento, apresentação do projeto, solicitação do dinheiro a prefeitura, reunião das pessoas, fazer o mutirão.	Recursos: Recurso financeiro da prefeitura e mutirão (ajuda das pessoas na mão de obra).

Fonte: Da pesquisadora (2019).

Figura 37 - Canvas dos alunos Francisco, Pedro e Alisson

Contexto do problema: Uso demasiado da água durante a estação da seca, sem chuvas.	Problema: Desperdício de água	Ideia: Sistema de captação de água nos ralos dos chuveiros para o reaproveitamento para irrigação das árvores das ruas.
Riscos e incertezas: Entupimento dos canos e instalação complicada e demorada.	Etapas: Planejamento, mapeamento do espaço, serviço hidráulico e obra para colocação dos canos e caixa de captação de água.	Recursos: variedade de canos, autorização da prefeitura, autorização do morador.

Fonte: Da pesquisadora (2019).

A partir do preenchimento dos Canvas pelos grupos, observei alguns fatores desse processo empreendedor. Percebemos que os problemas detectados pelos grupos, além de serem pertinentes, são reais, atingindo grande parte da população local. Dentre as soluções das problemáticas apontadas, é interessante a do primeiro grupo, que, além de responsabilizar o poder público, incluiu a responsabilidade da população, o que é bem importante no empreendedorismo social, que recomenda não sobrecarregar apenas um setor e desobrigar os demais setores sociais, principalmente, em se tratando de um projeto da e para toda uma coletividade. Também é visível nos projetos dos alunos uma forte preocupação com o meio ambiente, quando, em ambos os problemas apontados, destaca-se essa perspectiva. Para mim, enquanto pesquisadora, esse fator prova o quanto os alunos compreenderam o que construíram nesse trajeto que veio desde a reconhecimento, passando pela ressocialização até demandar no empreendedorismo, tendo como suporte os conteúdos instrumentais, educativos e operativos. Outro aspecto relevante foi o item que apareceu no Canvas, referente aos “riscos e incertezas”, já conscientizando o aluno de que todo projeto de empreendedorismo pressupõe a preparação para os riscos, tornando assim os sonhos mais realistas a partir dessa prudente atitude, o que enfatiza que os resultados nem sempre são do jeito que se planejou. Daí surge a nova lição de rever etapas operacionais e refazer percursos.

Começar essa atividade por um sonho também foi de grande valia, para os alunos perceberem que sonhos não dizem respeito apenas à nossa satisfação pessoal, mas, como empreendedores sociais que devemos ser, sonhar é, também, o primeiro passo para intervirmos num mundo melhor, uma vez que:

O ato de transformar sonhos em realidade e o papel que este ato representa na

sociedade envolve um constante refletir com todos os envolvidos ou que querem fazer parte do projeto sobre o posicionamento do ser em relação a questões sociais. Isto implica questionar como o sonho a ser realizado pode mudar o mundo para melhorar e transformar realidades (TSCHÁ; CRUZ NETO, 2014, p. 70).

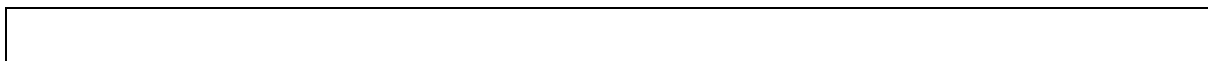
Pensando em aproximar ao máximo esse projeto da realidade, instiguei os alunos a construírem um protótipo com peças de lego a partir da proposta do canvas, conforme ilustrado nas figuras a seguir.

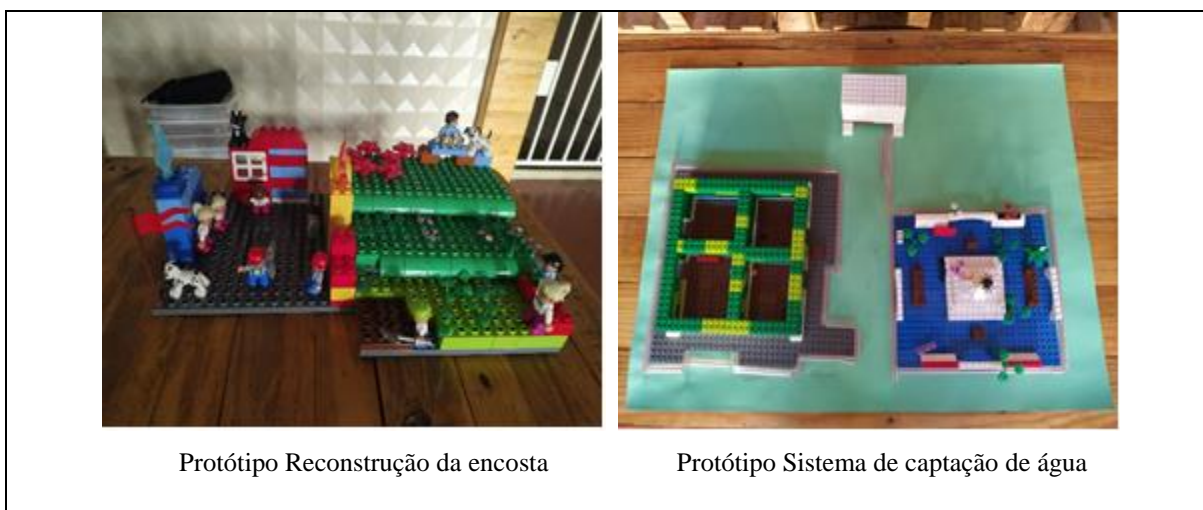
Figura 38 - Construção do protótipo



Fonte: Da pesquisadora (2019).

Figura 39 - Protótipos





Protótipo Reconstrução da encosta

Protótipo Sistema de captação de água

Fonte: Da pesquisadora (2019).

Através da construção dos protótipos, os alunos puderam projetar suas ideias, apresentando possíveis soluções para os problemas apontados no canvas. A construção dos protótipos só foi possível através de desafios que impulsionam o aprendizado. O aluno motivado e desafiado demonstra mais interesse. Os alunos sempre têm algo a contribuir. É de grande importância que a escola, o professor ouçam o que os alunos têm a nos dizer e lhes permita apresentar suas ideias e insatisfações; que possam expor problemas e busquem respostas e soluções; que empreendam socialmente e humanamente, instigados através de práticas de Ensino Ressocializador, como as da professora Regina.

Nos momentos de escuta, verifiquei que os alunos manifestaram suas ideias, pensamentos, sua criatividade e sua autonomia, apresentando propostas para solucionar problemas da sua cidade, da comunidade local, do meio ambiente, de outros sujeitos, através de atitudes como ajudar o próximo, criar soluções para os problemas com os quais se depararem, a fim de transformar a realidade social e contribuir para o bem comum.

Verifiquei, no decorrer das atividades desenvolvidas no grupo de escuta, que empreender socialmente é desejável e necessário frente aos desafios. A sociedade resultante da racionalidade instrumental do capitalismo e da escassa ação do Estado exige atitudes, sendo algumas delas geradas no terceiro setor, com os empreendedores sociais. Por isso, temos como criar, transformar, alternar, potencializar, propiciar, para que toda sociedade participe do planejamento e da execução de projetos para usufruírem dos benefícios construídos coletivamente.

5 FIOS ENTRELAÇADOS: REFLEXÕES

Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe esse grito e o lance a outro; de um outro galo que apanhe o grito que um galo antes... e o lance a outro; e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo, para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos.

(MELO NETO, 1994. p.345)

Como bem entoa o poema de João Cabra de Melo Neto, “um galo sozinho não tece uma manhã; precisará sempre de outros galos”, essa dissertação também foi tecida com inúmeros *cantos de galos*, desde o amparo do suporte teórico dos autores até as contribuições dos alunos, professora e famílias da escola pesquisada.

Dessa forma, um fio se ligava a outros e assim, construí essa tenda do Ensino Ressocializador: Potencializando Atitudes Empreendedoras nos Alunos do Ensino Fundamental em que, provavelmente, muitos usufruirão de sua sombra se ousados forem para vivenciar essa prática de ensino no cotidiano escolar.

As minhas andanças entre o percurso teórico e as observações realizadas em campo foram experiências ímpares, bagagens preciosas para meu pensar e o meu fazer pedagógico a partir de agora. A minha opção por uma aproximação com a pesquisa-ação foi decisiva para esse aprendizado, quando me situei no cenário não apenas como mera espectadora, mas participante ativa de todo o processo e ver os resultados de tamanha investida educacional. Destaco, entretanto, que por mais que eu estivesse a par dos caminhos a serem traçados e dos resultados esperados, a concretização das ações planejadas me surpreenderam e me encantaram, principalmente perceber de forma evidente o quanto o Ensino Ressocializador

potencializa atitudes empreendedoras nos alunos, o quanto o ensino empreendedor está presente nas práticas de ensino ressocializadoras.

Todo o percurso desse estudo foi de fundamental importância para minha edificação profissional, sobretudo, na qualidade de gestora, na qual tive a oportunidade de acompanhar todo o processo das atividades, não só como uma mera observadora, mas envolvendo-me, intervindo e acompanhando cada etapa, por vezes, até redimensionando-a, realidade que nunca consegui fazer de forma tão efetiva na função de gestora de uma escola que requer uma atenção de minha parte em diversos setores simultaneamente. Acrescento ainda, a experiência que tive com a professora pesquisada, observando seu desempenho e os desafios enfrentados com fins de realizar um produtivo trabalho.

Ao pesquisar sobre os princípios da ressocialização: **reconhecimento e reinvenção**, percebi o real sentido de ensinar, atentando que na cognição, não se exige apenas, do aprendiz, um mero acumular de conhecimentos, como se os alunos fossem robôs passivos do seu próprio ato de conhecer; pelo contrário, a reconhecitão transpõe o conhecimento para a reelaboração e problematização dos saberes construídos e, não apenas repassados e que, não parando por aí, transpassa para a reinvenção em que se vê, operativamente, esse saber intervindo na construção de um ser empreendedor que intervém significativamente em seu meio.

Saliento, no entanto, que o objetivo dessa tecida pesquisa não se limitou nesses dois fatores: reconhecimento e reinvenção; foi mais além, ao potencializar, nos alunos, atitudes empreendedoras, uma vez que não há como um sujeito percorrer esse processo sem desenvolver, nesse mesmo sujeito, a criatividade, autonomia e a versatilidade, competências exigidas de um empreendedor.

Ressalto aqui que, embora essa pesquisa tenha se delimitado ao 7º ano, essa amostra abriu possibilidades para as práticas de ensino ressocializadoras em toda comunidade escolar ao se constatar a efetivação do exercício da autonomia, da dialogicidade, do trabalho em grupo e da mobilização por simplesmente as atividades realizadas ultrapassarem o espaço de sala de aula e perpassarem o âmbito escolar.

Julgo importante destacar as contribuições deste estudo também para a professora pesquisada, ao perceber a gradativa apropriação da referida educadora na compreensão de que a sua prática de ensino ressocializadora resultou em atitudes empreendedoras. Constatei, que, embora no início, a professora mostrou-se um pouco insegura diante dos desafios propostos pela pesquisa, logo foi se adequando às novas possibilidades a ponto de planejar todo itinerário através de atividades bem sequenciadas no seu plano de aula. Dessa forma, a elaboração deste plano facilitou a condução do processo de mediação observado e vivenciado

por essa pesquisa. Desse modo, este estudo oportunizou a esta professora refletir sobre sua própria prática a ponto da mesma se autoavaliar, chegando a declarar que, em determinados momentos, flagrava-se negligenciando o processo de **reconhecimento** quando deixava de provocar verdadeiras reflexões acerca do conteúdo construído.

Quanto à contribuição dessa pesquisa para os alunos envolvidos, percebi a rápida apropriação, por parte dessa turma, sobre os conceitos trabalhados e associados às suas práticas. Em seus depoimentos, palavras como “agora entendi o que seja empreender”, “Compreendi o que posso fazer para concretizar meus sonhos...” foram repetidas vezes pronunciadas através dos grupos de escuta. Com o avançar do percurso, principalmente no momento da **reinvenção** e a culminância das ações empreendedoras, pude constatar significativas mudanças nas suas atitudes, ao porem em prática os conteúdos ressocializadores.

Posso, assim, assegurar que, na escola pesquisada, foi verificada a interligação entre os conteúdos ressocializadores: instrumentais, educativos e operativos, dando-nos uma inesquecível lição acerca da prática de ensino ressocializadora. Quem via os alunos correrem, evitando excesso de resíduos na festa, trocando roupas usadas, lendo textos, talvez levantasse uma inquietação de que eles não aprenderam nada em termos dos conteúdos da sua matriz curricular por desconhecer que aqueles conteúdos foram tão sabiamente introjetados a ponto de se transbordarem em práticas sociais significativas; e mais que isto, era nítida a amostra de alunos que transformaram seus sonhos pessoais e coletivos em ações empreendedoras, em que a criatividade, a inventividade, a ética humana e planetária foram molas mestras dessa tão sólida construção.

Daí que não posso, nestas últimas palavras, esquecer-me de destacar as práticas de ensino desenvolvidas no espaço escolar no ensejo das festas juninas. Alunos protagonistas, pensando, criando, construindo, elaborando, organizando a festa, tendo como pano de fundo o Objetivo de Desenvolvimento Social, ODS 12- Consumo e Produção Consciente foi de extrema importância para mim, ao investigar e ver os fundamentos teóricos saindo do papel e se configurarem em verdadeiras ações pedagógicas, constatadas em cada fala, em cada gesto, em cada atitude dos alunos e da professora.

Como uma das problemáticas dessa pesquisa residia em verificar se os alunos percebiam que a prática de ensino ressocializadora da professora potencializava, em cada um, atitudes empreendedoras, ressalto que sim, fundamentada nas observações realizadas, nos diálogos com a professora Regina e com os alunos, principalmente no desenvolvimento das ações da festa de São João, na Feira da troca e através das atividades realizadas com o grupo

de escuta. Portanto, essas atividades foram importantes para que os alunos percebessem a prática de ensino ressocializadora da professora Regina, bem como para que os mesmos manifestassem as atitudes empreendedoras potencializadas através dessa prática, rompendo com a superficialidade do ensino e contribuindo para que esse ensino gerasse atitudes de mudanças em seu pensar, agir, fazer e sentir, intervindo nas transformações sociais.

Nesse sentido, ao término dessa escrita, posso enfatizar a importância desse estudo para as demais instituições e professores inquietos e comprometidos em intervir no cenário escolar. Ressalto, entretanto, para os leitores deste estudo, que as experiências de ensino aqui contidas não se constituem num método de ensino, mas de uma concepção teórica que se requer uma predisposição para a apreensão dos conceitos e consequentemente a construção de estratégias que contemplem o ensino ressocializador e empreendedor.

É assim que penso as práticas de ensino diante das demandas existentes e da função social da escola. Não se concebe mais um ensino apenas memorizador e reprodutor da ideologia dominante; precisamos de práticas de ensino que rompam, desmascarem e intervenham decisivamente no mundo. Ao acompanhar todo o processo dessa pesquisa, vendo aqueles estudantes preocupados com a sustentabilidade do planeta, com os problemas da sociedade, deduzi que outra prática de ensino é possível e que portas esperam ser abertas para esse novo sol pedagógico.

REFERÊNCIAS

- ACHUTTI, E. R. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre: Editora UFRGS; Tomo Editorial, 2004.
- BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias Ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARBIER, Renée. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARRETO, L. P. **Educação para o Empreendedorismo**. Salvador: Escola de Administração de Empresa da Universidade Católica de Salvador, 1998.
- BECKER, H. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.
- BERTHOFF, Ann (Prefácio). **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. In: FREIRE, Paulo; MACEDO, Donald. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1990.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari K. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução de Maria J. Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo M. Baptista. Porto: Porto Editora LTDA, 1994.
- BRASIL. Conselho Nacional do Ministério Público. **Diálogos e mediação de conflitos nas escolas: guia prático para educadores**. Brasília, DF, 2014.
- BUCHA, A. **Empreendedorismo – Aprender a ser empreendedor**. Lisboa: Editora RH, 2007.
- CAPRA. **Alfabetização ecológica: educação das crianças para um mundo sustentável**. Tradução de Carmen Fischer. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CARVALHO, Antônio Pires de. **Os empreendedores da nova era**. São Paulo: APC Consultores Associados, 1996.
- CELEBRANDO RESTAURAÇÃO. **Sou feito de retalhos**. 2017. Disponível em: <https://ibc.org.br/cr/2017/02/sou-feito-de-retalhos/>. Acesso em: 08 out. 2019.
- COSTA, A.C.G. **Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática**. Salvador: Fundação Odebrecht, 2003.
- DEES, J. G. **The meaning of social entrepreneurship**. Center for the advancement of social

entrepreneurship. Duke University's Fuqua School of Business. [S.l.], 1998. Disponível em: http://www.caseatduke.org/documents/dees_sedef.pdf. Acesso em: 15 dez. 2018.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Introdução, análise e notas de Étienne Gilson. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DESLAURIERS, J; KÉRISIT, M. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: POUPART, J. *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

DOLABELA, F. **Oficina do Empreendedor - A metodologia que ajuda a transformar conhecimento em riqueza**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2008.

DOLABELA, F. **Oficina do Empreendedor**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2011.

DOLABELA, F. **Pedagogia empreendedora**. São Paulo: Ed. de Cultura, 2003.

DORNELAS, José Carlos de Assis. **Empreendedorismo transformando ideias em negócios**. 5. ed. Rio de Janeiro. Editora Elsevier, 2014.

ESTUDOS, Ágape. **Proposta Pedagógica do Colégio Ágape Estudos-CAE**. Crato, CE, 2017.

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração da USP**, [S.l.], v. 34, n. 2, abr./jun., p. 5-28, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática libertadora**. 22. ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Teorias e Práticas em Educação Popular - escola pública, inclusão, humanização**. Jean Mac Cole Tavares Santos (Org.). Fortaleza: Edições UFC, 2011.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donald. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1990.

GONÇALVES, M. I. R. **Comunidade cooperativa de aprendizagem em rede**. Boletim

Técnico do SENAC, Rio de Janeiro, v. 32, n. 2. maio/ago. 2006. Disponível em: <http://www.bts.senac.com.br/index.php/bts/article/view/319/302>. Acesso em: 20 set. 2019.

JACOBI, Pedro. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, [S.l.], n. 118, mar. 2003.

KONRATH, Raquel Dilly (Org.). **Roda de Conversa na e da Educação Infantil**. São Leopoldo: Oikos, 2013.

LIPOVETSKY, **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

LUSO POEMAS. **Colcha de Retalhos**. 2011. Disponível em: <https://www.luso-poemas.net/modules/news/article.php?storyid=52128>. Acesso em: 10 out. 2019.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica/etnopesquisa-formação**. Brasília: Líber Livro 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, S. N. **Educação empreendedora transformando o ensino superior**: diversos olhares de estudantes sobre professores empreendedores. 2010. 171f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MORAN, José. Educação Híbrida: Um conceito-chave para a educação, hoje. In: BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; TREVISANI, Fernando de Mello. (Org.). **Ensino Híbrido**: Personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

OLIVEIRA, Edson. **Empreendedorismo social no Brasil**: atual configuração, perspectivas e desafios: notas introdutórias. [S.l.], 2004.

QUINTÁS, Alfonso López. **Inteligência criativa**: descoberta pessoal de valores. São Paulo: Paulinas, 2004.

REDE LATINO AMERICANA DE SOCIOECONOMIA SOLIDÁRIA – REDLASES. Laboratório para La Innovación Social - Argentina e a Rede Estadual de Trocas Solidárias do Rio Grande do Sul/ RETS-RS, 2006.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. 5. ed. São Paulo: Martins, 2001.

SADALLA, A. M.; LAROCCA, P. Autoscopia: um procedimento de pesquisa e de formação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 419-433, set./dez. 2004.

SECCHIN, Antônio Carlos. **“Melhores Poemas de João Cabral de Melo Neto”**. [Seleção]

8. ed. São Paulo: Global Editora, , 2001. p. 189.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE. 2019. Disponível em:

http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/sp/cursos_eventos/empreendedorismo-social-organizacoes-que-ajudam-a-transformar-o-pais. Acesso em: 11 fev. 2019.

SOUZA, João Francisco de. **E a educação:** quê?? A Educação na Sociedade e/ou a Sociedade na Educação. Recife: Bagaço, 2007.

SOUZA, João Francisco de. **Educação Escolar, nosso fazer maior, des(a)fia o nosso saber:** educação de jovens e adultos. Recife: Edições Bagaço, 2000.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

THOREAU, Henry David. **Caminhada**. Tradução de Maria Afonso. 3. ed. [S.l.]: Ed. Antígona, 2018.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

TRIVIÑOS, Augusto Ribaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2008.

TSCHÁ, E. R.; CRUZ NETO, G.G. Empreendendo colaborativamente ideias, sonhos, vidas e carreiras: o caso das células empreendedoras. In: GIMENEZ, F. A. P. *et al.* (Org.). **Educação para o empreendedorismo**. Curitiba: Agência de Inovação da UFPR, 2014.

VERGA, Everton; SILVA, Luiz Fernando Soares. **Empreendedorismo:** evolução histórica, definições e abordagens. [S.l.]: EGEPE, 2014.

YIN, Robert K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa:** como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998. reimp. 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro: 1ª Observação**ROTEIRO: 1ª OBSERVAÇÃO**

Primeiro contato com a professora e a turma
<ul style="list-style-type: none">– Como a rotina está organizada, primeiras impressões e falas da professora.– Como a professora conduz cada momento desta rotina e como podemos identificar a prática do Ensino Ressocializador.– De que forma os alunos são incentivados a desenvolver atitudes empreendedoras.– Como acontecem as intervenções da professora em relação às falas dos alunos do 7º ano.– Durante essas intervenções, é possível perceber que a professora leva em conta os interesses e as potencialidades empreendedoras dos alunos do 7º ano.– Como a professora potencializa as manifestações de atitudes empreendedoras apresentadas pelos alunos do 7º ano.

APÊNDICE B - Roteiro: 2ª Observação**ROTEIRO: 2ª OBSERVAÇÃO**

- Reconhecer na prática do Ensino Ressocializador ações que potencializem atitudes empreendedoras nos alunos do 7º ano.
- Como os alunos do 7º ano apresentam suas atitudes sem o direcionamento da professora.
- Como a professora se posiciona quanto a essas atitudes.
- Quais as ações inusitadas e falas que surgem durante a observação.

APÊNDICE C - Roteiro: 1ª Entrevista**ROTEIRO: 1ª ENTREVISTA**

- 1) O que entendes por Ensino Ressocializador?
- 2) Como contemplas no plano de aula o Ensino Ressocializador?
- 3) O que compreendes por atitudes empreendedoras?
- 4) O que pensas sobre ensino empreendedor?
- 5) Como percebes o Ensino Ressocializador sendo evidenciado nas atitudes dos alunos do 7º ano?
- 6) Como os alunos reagem à sua prática ressocializadora?
- 7) De que formas visualizam e potencializam as atitudes empreendedoras manifestadas pelos alunos do 7º ano?

APÊNDICE D - Roteiro: 2ª Entrevista**ROTEIRO: 2ª ENTREVISTA**

(Obs.: Utilizarei as filmagens das observações para realizar os questionamentos 6, 7 e 8)

- 1) Como contemplas em teu plano de aula as necessidades, os interesses e as potencialidades empreendedoras dos alunos?
- 2) De que forma tu te atualizas para desenvolver formas inusitadas de agir e de expressar-se indo sempre ao encontro do ensino inovador?
- 3) Encontras dificuldades em promover um Ensino Ressocializador e inovador? Quais?
- 4) Como buscas superar essas dificuldades?
- 5) No ensino, que abordagens e materiais utilizas para permitir que os alunos reflitam sobre si mesmo e sobre seu futuro?
- 6) O que pensas ser pertinente comentar a partir das imagens apresentadas?
- 7) Como analisas tua postura diante dessas situações?
- 8) O que vês em tua prática em relação às atitudes empreendedoras apresentadas pelos alunos que poderia ter sido potencializado? De que forma potencializaria?

APÊNDICE E - Roteiro: 3ª Entrevista**ROTEIRO: 3ª ENTREVISTA**

(Obs.: Utilizarei as filmagens das observações para realizar os questionamentos)

- 1) O que pensas ser pertinente comentar a partir das imagens apresentadas?
- 2) Como analisas tua prática diante dessas situações?
- 3) Como vês tua prática em relação às atitudes manifestadas pelos alunos do 7º ano?
- 4) O que, em tua prática de Ensino Ressocializador, poderia ser potencializado? De que forma?

APÊNDICE F - Termo de Anuência Institucional**TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL**

Aceito que a pesquisadora *Thereza Denise Luna Parente Brasileiro*, aluna do curso de Mestrado em Ensino do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Taquari – Univates, desenvolva sua pesquisa no Colégio Ágape Estudos, intitulada **O Ensino Ressocializador: Potencializando atitudes empreendedoras nos alunos do Ensino Fundamental**, sob a orientação da Profa. Dra. Jacqueline Silva da Silva.

Ciente dos objetivos, métodos e técnicas que serão utilizados nessa pesquisa, concordo em fornecer todos os subsídios para seu desenvolvimento, desde que seja assegurado o que segue:

- 1) A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa.
- 2) Que não haverá nenhuma despesa para esta instituição que seja decorrente da participação nessa pesquisa.
- 3) No caso do não cumprimento dos itens acima, a liberdade de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma.

Crato-CE _____ de _____

Maria Clécia Vieira Mathias

Diretora Administrativa- (88) 9. 9618-4070/ (88) 9.94144786

APÊNDICE G - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) destinado a professora

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) DESTINADO A PROFESSORA

Prezada participante,

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa, O **Ensino Ressocializador: potencializando atitudes empreendedoras nos alunos do Ensino Fundamental**, desenvolvida por Thereza Denise Luna Parente Brasileiro, discente de Mestrado Ensino da Universidade do Vale do Taquari - Univates, sob a orientação da Professora Dra. Jacqueline Silva da Silva. O objetivo central do estudo é investigar as contribuições do Ensino Ressocializador, para o desenvolvimento de atitudes empreendedoras nos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental.

O convite à sua participação se deve ao fato de sua ação profissional se aproximar do foco do estudo e perceber que, em sua prática de Ensino Ressocializador, desenvolve atitudes empreendedoras nos alunos.

“Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento”. Você não será penalizada de nenhuma maneira, caso decida não consentir sua participação ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

A sua participação consistirá em participar da pesquisa, sendo observada e em responder perguntas de um roteiro de entrevista à pesquisadora do projeto. As observações serão filmadas e fotografadas; já as entrevistas serão gravadas e transcritas. Todos os registros serão armazenados em arquivos digitais, utilizados na dissertação e em eventos educacionais futuros.

Serão três entrevistas com tempo de duração de aproximadamente uma hora; já as observações em sala de aula ocorrerão 2 horas por dia, totalizando semanalmente seis horas. Assim, pretendo permanecer no campo durante dois meses, totalizando uma base de 40 horas.

Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo por pelo menos 5 anos, conforme Resolução CNS nº 466/12. O benefício (direto ou indireto) relacionado à sua colaboração nesta pesquisa é o de compartilharmos novas práticas de ensino, contribuindo para o estudo e o desenvolvimento de novos profissionais e para o desenvolvimento de boas práticas de ensino que contribuam para a construção de uma educação de qualidade inovadora. Os resultados e as imagens serão divulgados em palestras, na dissertação e para fins educacionais.

Thereza Denise Luna Parente Brasileiro

Assinatura do Pesquisador

LOCAL E DATA

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

(Assinatura do participante da pesquisa)

Nome do participante: _____ RG: _____

APÊNDICE H - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) destinado aos responsáveis pelos alunos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) DESTINADO AOS RESPONSÁVEIS PELOS ALUNOS

Prezado Pais/Responsáveis,

Seu filho (a) _____ está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **O Ensino Ressocializador: potencializando atitudes empreendedoras nos alunos do Ensino Fundamental**, desenvolvida por Thereza Denise Luna Parente Brasileiro, discente do curso de mestrado em Ensino da Universidade do Vale do Taquari-Univates, sob orientação da Professora Dra. Jacqueline Silva da Silva. O objetivo central do estudo é: investigar as contribuições do Ensino Ressocializador para o desenvolvimento de atitudes empreendedoras nos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental.

O convite da participação se deve ao fato de ele ser aluno de uma professora que trabalha com o Ensino Ressocializador, despertando atitudes empreendedoras nos estudantes. Assim, os alunos são participantes ativos dessa prática e têm muito a contribuir para o desenvolvimento da pesquisa e a necessidade da permissão para a realização de filmagens e fotografias que se faz necessária.

A participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como, retirar sua participação a qualquer momento. Ele(a) não será penalizado(a) de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

A qualquer momento, durante a pesquisa ou posteriormente, o responsável poderá solicitar da pesquisadora, informações sobre a participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo. A participação consistirá nas observações do pesquisador em sala de aula. O tempo de duração das observações é de aproximadamente 2h, três vezes por semana, totalizando 40h.

As imagens serão divulgadas em palestras educacionais, relatórios individuais para os entrevistados na dissertação, em publicações para fins educacionais.

(Nome e Assinatura do Pesquisador)

LOCAL E DATA: _____

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

(Assinatura do participante da pesquisa)

Nome do participante: _____ RG: _____



UNIVATES

R. Avelino Talini, 171 | Bairro Universitário | Lajeado | RS | Brasil
CEP 95914.014 | Cx. Postal 155 | Fone: (51) 3714.7000
www.univates.br | 0800 7 07 08 09